



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ - REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA FAMÍLIA**

**A ADOLESCENTE DE BAIXA RENDA EM SITUAÇÃO DE
MÃE RECENTE: UMA REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA.**

MESTRANDO : Marcos Antonio de Andrade Nunes

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

RECIFE - 2007



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ - REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - PROESPE
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA FAMÍLIA**

**A ADOLESCENTE DE BAIXA RENDA EM SITUAÇÃO DE
MÃE RECENTE: UMA REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA.**

Dissertação apresentada ao Mestrado da UNICAP, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica na linha de pesquisa Construção da Subjetividade na Família, sob orientação da Professora Doutora Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas.

MESTRANDO: Marcos Antonio de Andrade Nunes

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

RECIFE – 2007

N972a

Nunes, Marcos Antonio de Andrade

A adolescente de baixa renda em situação de mãe recente :
uma representação de família / Marcos Antonio de Andrade Nunes ;
orientadora Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, 2007.
202, [8] f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2007.

1. Psicologia clínica. 2. Gravidez na adolescência - Aspectos
psicológicos. 3. Família. 4. Mulheres - Comportamento sexual.
5. Adolescentes - Comportamento sexual. I. Título.

CDU 301.185.1

Marcos Antonio de Andrade Nunes

**A ADOLESCENTE DE BAIXA RENDA EM SITUAÇÃO DE MÃE
RECENTE: UMA REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA.**

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS

PROF^a. DR^a. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

PROF^a. DR^a. MARIA DAS MERCÊS CAVALCANTI CABRAL

A todos

que de alguma forma
contribuíram para essa
construção.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

pela vida e na vida, cada momento dessa trajetória.

À minha família,

início, meio e continuação através do apoio fundamental nesse caminho.

Ao meu filho Rui Artur,

que suportou minhas ausências com paciência e nunca deixou de me estimular nos percalços desse caminho.

Aos professores do Mestrado,

que através das discussões, orientações e estímulos contribuíram decisivamente.

Aos amigos,

que, além das palavras de incentivo, souberam acolher minhas angústias e suportaram o hiato nas nossas relações.

À turma 07 do Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP,

que através de encontros e desencontros marcou nossa convivência.

A Fernanda Valéria,

pelo carinho e apoio nos momentos necessários, uma presença acolhedora.

Às adolescentes mães,

que contribuíram decisivamente para esse trabalho com suas participações.

À FACHO, através de seu Diretor José Adailson de Medeiros,
pelo estímulo e incentivo.

Ao Hospital Tricentenário de Olinda,
que propiciou a realização dessa pesquisa.

Obrigado a todos que, de uma maneira ou de outra, fortaleceram e
contribuíram na construção desse caminho.

DEDICATÓRIA

A Cristina Amazonas,

Pelas discussões e orientações feitas com extrema objetividade, e pelo estímulo para a descoberta de novos caminhos para pensar. Cumplicidade fundamental para esse trabalho, com sua disponibilidade e responsabilidade. E, apenas para marcar a diferença, gostaria de homenageá-la com uma pequena frase de Sartre: “É preciso ter a coragem de fazer como todo mundo para não ser como ninguém”.

Com muito carinho e admiração.

RESUMO

A família é o primeiro grupo social do indivíduo. Grupo esse que é de grande importância, uma vez que todas as relações sociais futuras o terão como base. A adolescente que se torna mãe vive duas transformações: uma a da própria fase, que lhe possibilita novas conquistas e uma maior independência de sua família de origem; outra, a condição da maternidade que aponta para a formação de um novo núcleo familiar, acarretando responsabilidades para as quais ainda não está devidamente preparada. Este estudo teve por objetivo compreender como a adolescente de baixa renda na condição de mãe recente, representa a família. A nossa pesquisa foi de natureza qualitativa. Participaram doze adolescentes que haviam dado à luz a seus filhos há menos de um ano. Utilizamos dois instrumentos para coleta do material: o primeiro consistiu na aplicação do Teste do Desenho da Família com Estórias (DF-E); e o segundo, a aplicação de uma entrevista semi-estruturada com uma questão disparadora: “O que é para você, família?”. Com a aplicação do teste e da entrevista foi possível identificar quatro núcleos temáticos: representação de família; configuração de família; o lugar do pai da criança na vida da adolescente e projetos para o futuro. Constatamos que essas adolescentes ainda privilegiam uma representação de família nos moldes da família conjugal tradicional e que há uma associação de sentimentos positivos em relação a ela. Observamos que as adolescentes que contam com o apoio familiar atuam melhor como mães, mesmo que vivam numa configuração de família não tradicional. O lugar do pai continua conservado, idealmente, mesmo que a função se apresente fragilizada. Os planos para o futuro são: voltar a estudar e trabalhar para cuidar melhor do filho. A partir dos resultados obtidos, destacamos a importância de se desenvolver programas junto às escolas, postos de saúde e espaços que trabalhem com adolescentes, com temas voltados à sexualidade, contracepção e família. Assim como, um trabalho com os avós que cuidam de seus netos, no sentido de oferecer orientação e apoio.

Palavras-chave: família; maternidade adolescente; representação.

ABSTRACT

The family is the first social group of the individual. Group this that is of great importance, a time that all the future social relations will have it as base. The adolescent who becomes mother lives two transformations: one of the proper phase, that makes possible it new conquests and a bigger independence of its original family; another one, the condition of the maternity that points to the formation of a new familiar nucleus, causing responsibilities for which duly it is still not prepared. This study had for objective to understand how the low income adolescent in the condition of recent mother, represents the family. Our research was of qualitative nature. Twelve adolescents had participated who had given to the light its children have less of one year. We use two instruments for the material collection: the first one considered on the application of Test of the Drawing the Family with histories; and the second one, the application of an interview half-structuralized with an initial question: "What family is for you?" With the test application and the interview was possible to identify four thematic nucleus: family representation; family configuration; the place of the child's father in the adolescent's life and projects for the future. We evidence that these adolescents still privilege a family representation in the molds of the traditional conjugal family and that it has an association of positive feelings in relation to its. We observe that the adolescents who count on the familiar support act better as mother, even that live in a not traditional family configuration. The father's place continues conserved, ideally, even that the function presents fragile. The plans for the future are: come back to study and work to take care better of the son. From the gotten results, we detach the importance of developing programs together to the schools, health's ranks and spaces the work with adolescents, with subjects directed to the sexuality, contraception and family. As well as, a work with the grandparents who take care of its grandsons, in the direction to offer orientation and support.

Word-key: family; adolescent maternity; representation.

RESUMEN

La familia es el premier grupo social del individuo. Grupo esto que es de gran importancia, una vez que todas las relaciones sociales futuras la tomarán como base. La adolescente que se vuelve madre vive dos cambios: uno de la propia fase, que le posibilita nuevas conquistas y una mayor independencia de su familia de origen; otra, la condición de maternidad que la conduce a la formación de un nuevo núcleo familiar, acarreado responsabilidades para las cuales todavía no está preparada. Este estudio ha tenido por objetivo comprender como la adolescente de las capas bajas de la sociedad, que ha sido madre hace poco tiempo, representa a familia. La nuestra investigación ha sido de naturaleza cualitativa. Participaran doce adolescentes que habían tenido sus hijos ha menos de un año. Utilizamos dos instrumentos para la recogida de datos: el primer consistió en la aplicación de la técnica del Dibujo de la Familia con Historia; y el según, la aplicación de una entrevista no estructurada con una cuestión disparadora: "Lo que es, para ti, familia?". Con la aplicación de la técnica del dibujo y de la entrevista fue posible identificar cuatro núcleos temáticos: representación de familia; configuración de familia; el lugar del padre del niño en la vida de la adolescente y proyectos para el futuro. Constatamos que esas adolescentes aún privilegian una representación de familia en el modelo conyugal tradicional y que hay una asociación de sentimientos positivos en relación a ella. Observamos que las adolescentes que cuentan con el apoyo familiar son mejores madres, mismo que vivan en una configuración de familia no tradicional. El lugar del padre continúa conservado, idealmente, mismo que la función se presente fragilizada. Los proyectos para el futuro son: volver a estudiar y trabajar para mejor cuidar del hijo. Los datos obtenidos nos llevan a destacar la importancia de desarrollar programas junto a las escuelas, puestos de salud y espacios en que se asistan a adolescentes, con temáticas que traten de la sexualidad, contracepción y familia. Así como, trabajos con los abuelos que cuidan de sus nietos, en el sentido de ofrecer orientación y apoyo.

Palabras-llave: familia; maternidad adolescente; representación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. SER ADOLESCENTE, MULHER E MÃE	17
2. REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA	25
2.1 De que lugar estamos falando: o pós-estruturalismo	25
2.2 O que significa representar	28
3. CONFIGURAÇÕES FAMILIARES	31
3.1 O que é uma configuração familiar	31
3.2 As novas configurações familiares e os papéis parentais	33
4. DESVENDANDO CAMINHOS	38
4.1 Conhecendo o campo da pesquisa	38
4.2 Perfil das participantes	38
4.3 Instrumentos	46
4.3.1 Desenho da família com estórias (DF-E)	46
4.3.2. Entrevista semi-estruturada	49
4.4 Procedimento de coleta dos dados	50
4.5 Procedimentos de análise dos dados	51
5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS	53
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	173
6.1 A representação de família para as mães adolescentes	173
6.2 Mãe adolescente e configuração de família	184
6.3 O lugar do pai na vida da adolescente	191
6.4 O que projetam para o seu futuro	193
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
8. REFERÊNCIAS	199
9. ANEXOS:	202
ANEXO I: Tabelas	203
ANEXO II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	206
ANEXO III: Carta de informação aos participantes da pesquisa	208

INTRODUÇÃO

Ao desenvolver uma intervenção como trabalho psicológico na Maternidade e na Pediatria do Hospital Tricentenário de Olinda, constatamos a existência de um grande número de mães adolescentes. À medida que o trabalho avançava, despertamos para a necessidade de organizar um estudo que pudesse oferecer subsídios para a realização de uma intervenção mais eficaz junto a essa população. Nosso interesse não era compreender as razões que levavam uma adolescente a engravidar, pois muitas pesquisas já se dedicaram a essa temática. Nosso olhar se voltou para tentar compreender o significado de família para essas jovens, uma vez que cada uma delas havia colocado um novo ser no mundo e esperava-se que oferecessem a ele condições de desenvolvimento satisfatório, isto é, que fossem capazes de cuidar dele, amá-lo, oferecer a ele um mínimo de vida familiar. Para que isso se efetivasse, pensamos que essa adolescente deveria ter uma representação do que é família, qualquer que fosse a sua conformação, e se a conhecêssemos poderíamos, talvez, desenvolver trabalhos mais eficazes de acompanhamento dessa população. Concordamos com Maria Rita Kehl (2001, p. 38) quando ela diz que para colocar um ser no mundo isso deve refletir: “o desejo que confere um lugar a este pequeno ser, e a responsabilidade que impõe os limites deste lugar. Isto é necessário para que elas [crianças] obtenham um mínimo de parâmetros, inclusive éticos, para se constituir como sujeitos”.

Ser mãe na adolescência é uma situação caracterizada por um enorme desvio de rota na vida de uma mulher. Não podemos dizer, a priori, se isso será

bom ou ruim para ela, mas seguramente podemos afirmar que toda a sua trajetória de vida será diferente.

Desfrutar de uma vida familiar vai se tornar de extrema importância para a adolescente que engravida, pois é nesse meio que, tanto ela quanto seu filho, irão encontrar seus principais doadores de identidade, a partir dos quais resignificarão e reconstruirão sua rede de crenças e desejos (AMAZONAS, 1999).

Até o momento da adolescência a criança está habituada a transformações que ocorrem de um modo, até certo ponto, lento e gradual, tanto as que se dão em seu próprio corpo, quanto aquelas que envolvem o meio familiar e social: a independência e as responsabilidades que vai começando a assumir. Ao ingressar na adolescência, há um turbilhão de mudanças que a atropelam e a impulsionam para a maturidade (LEVISKY, 1998). Há uma série de perdas dos privilégios infantis e isto acarreta o que Aberastury e Knobel (1992) denominam de “lutos”, isto é, o luto que a jovem vivencia por se desfazer de vários aspectos da vida infantil para alcançar a maturidade.

A adolescente que engravida, acrescenta a todas essas mudanças e lutos a responsabilidade com o novo ser que vem ao mundo em consequência de seus atos. Ainda é necessário considerar que a adolescente que engravida hoje não é a mesma de algumas décadas atrás. Em outros tempos, o esperado de uma mulher é que ela fosse, prioritariamente, mãe. Hoje, vivendo em uma sociedade extremamente competitiva, exigente quanto à qualificação do trabalhador, essa jovem se depara com desafios, antes inimagináveis. Uma mulher hoje, não é mais criada esperando por um príncipe encantado que a venha “salvar”; ela é educada para ser independente, profissionalizar-se, manter-se e talvez compartilhar com um companheiro a responsabilidade por uma vida a dois.

A família na qual ela está inserida, também não é mais a mesma. Todas as mudanças sociais repercutiram sobre essa instituição acarretando profundas transformações. Em décadas anteriores, uma adolescente que engravidava, em geral o fazia por haver-se casado, ou, quando isso não acontecia, os pais reagiam de modo a esconder essa gravidez, muitas vezes assumindo o neto como filho. Nas famílias atuais, se por um lado uma gravidez nessa fase e sem casamento já não provoca constrangimento moral, por outro, todos os membros da família, inclusive a própria mãe adolescente, precisam inserir-se no mercado de trabalho para garantir a sobrevivência e a manutenção desse novo ser. Os cuidados de que ele necessita vão pesar e muito, principalmente, sobre os avós, mas também repercutirão na vida dessa adolescente, principalmente quando se trata de uma população de baixa renda. As relações homem-mundo não são naturais nem eternas, são construídas através da história e da inserção sócio-cultural e, como tal, são transformadas. Nessa visão, o que entendemos como bom ou mau, certo ou errado, adequado ou inadequado em um dado momento histórico, pode ser bastante diferente em outro.

Essa situação se complexifica, quando tratamos de adolescentes de baixa renda. Acreditamos que o homem se constrói como uma rede na qual se entrelaçam o histórico, o social e o cultural (AMAZONAS, 1999). A relação entre homem e sociedade é intrínseca à sua existência. Assim, falar do exercício da maternidade em uma adolescente de baixa renda é completamente distinto de falar sobre esse mesmo fenômeno quando ele ocorre nas demais camadas socioeconômicas. Segundo Kahhale (2003, p. 93).

No Brasil a adolescência tem configurações diferentes dependendo da classe social que se analisa (Clímaco, 1991). Nas camadas mais altas, ela é entendida como um período para experimentação sem maiores conseqüências emocionais, econômicas e sociais, enquanto nas classes populares não há possibilidade de ter este caráter, em função do

ingresso precoce no mercado de trabalho. Os riscos do experimentar, tentar, viver novas experiências são maiores, sendo mais difícil arcar com as conseqüências econômicas e afetivas.

Desser (1993) também pontua essas diferenças entre as camadas sociais, quando diz que, nas famílias dos extratos operários, as conseqüências de uma gravidez adolescente, seguida do exercício da maternidade, se fazem sentir na interrupção dos estudos e necessidade de trabalhar fora do lar, muitas vezes, em tempo integral, para conseguir manter a criança. Assim sendo, isso se torna incompatível com a preservação do cotidiano e dos projetos de vida que fazem parte do ser adolescente.

Apesar de todas essas distinções referentes às camadas sociais, não se pode ignorar as influências sofridas pelas adolescentes das camadas populares de toda uma ordem social mais ampla que as inclui. Pires (2002, p. 39) afirma que as adolescentes das camadas populares que ela estudou, “adotavam padrões de comportamento ‘modernos’ típicos da sociedade urbana, tendo, inclusive, amplo acesso à mídia televisiva”. Na sociedade atual, denominada por Debord (1997) como “Sociedade do Espetáculo”, há uma invasão unilateral dos meios de comunicação de massa que terminam por se tornar reguladores sociais.

O desejo de ser mãe pode ser o início da organização de uma nova família. Até há algumas décadas, para se formar um novo núcleo familiar se pressupunha que fosse necessário ter um companheiro definido, situação econômica estável e um lar estabelecido. Porém, como já foi dito anteriormente, todos os fenômenos humanos se situam em um tempo e espaço que variam de uma época para outra, e até mesmo em uma mesma época, considerando extratos sociais distintos. As adolescentes de hoje já se inserem em famílias com configurações as mais variadas e não se pode afirmar que estejam vivendo a adolescência como sinal de

descompromisso e falta total de responsabilidades. Mesmo assim, um filho implica compromissos e responsabilidades que ultrapassam suas possibilidades concretas, inclusive de manutenção material e afetiva.

Considerando todas essas reflexões, é que nos propusemos a estudar a representação de família apresentada por adolescentes de baixa renda que se tornaram mães recentemente. Iniciamos este trabalho discutindo o ser adolescente, mulher e mãe. Em seguida, apresentamos o caminho da investigação, nossas participantes e os instrumentos usados na pesquisa: a entrevista semi-estruturada e o teste do Desenho da Família com Estória. Continuamos com a Análise de Conteúdo dos nossos resultados e as Considerações finais. A partir dos resultados obtidos, destacamos a importância de se desenvolver programas em escolas, postos de saúde e espaços que trabalhem com adolescentes, temas voltados à sexualidade, contracepção e família.

1. SER ADOLESCENTE, MULHER E MÃE

A adolescência é, freqüentemente, caracterizada como um processo que se dá durante o desenvolvimento evolutivo do indivíduo e que se apresenta como uma verdadeira revolução biopsicossocial (LEVISKY, 1998). É relacionada à vivência de uma crise de identidade em função da transição vivida pelo sujeito entre o estado infantil e o estado adulto. É importante salientar a diferença que se faz entre a puberdade e a adolescência. Levisky (1998, p. 23) diz: “A puberdade (...) é um processo decorrente das transformações biológicas, enquanto que a adolescência é fundamentalmente psicossocial”. Nesta distinção fica evidente que as transformações corporais desta fase, por si mesmas, não são suficientes para determinar o modo como os indivíduos vão vivenciar esses anos. Há toda uma construção social em torno destas mudanças biológicas que acabarão por dizer o que é ser um adolescente. O que queremos dizer é “que a linguagem que se refere aos corpos (...) não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas no instante mesmo da nomeação, constrói, “faz” aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos” (LOURO, 2004, p. 44). Deste modo, ao nomearmos alguém como adolescente o constrangemos às normas sociais que regulam seu comportamento, suas crenças e todo um modo de ser sujeito.

Áriès, falando a respeito da identidade moderna, afirma que apenas em nossa época a idade, junto com nosso nome e o nome de nossos pais, assumiu uma posição central na constituição da identidade dos indivíduos. Afirma que, ainda hoje, em determinadas regiões do planeta, como a savana africana, “a idade é ainda uma noção bastante obscura, algo não tão importante a ponto de não

poder ser esquecido” (ARIÈS, 1981, p. 115). Segundo esse mesmo autor, até quase o final do século XIX a infância e a adolescência ainda não haviam sido completamente separadas. Diz: “o período da segunda infância-adolescência foi distinguido graças ao estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre a idade e a classe escolar” (ARIÈS, 1981, p. 115). Desse modo, podemos concluir que a adolescência, tal qual a consideramos hoje, não é uma etapa natural do desenvolvimento humano, ela é socialmente construída. Assim, todas as afirmações que empregamos para falar dos adolescentes contemporâneos podem ser vistas como discursos atravessados por relações históricas e sociais contingentes, entremeados por dispositivos de poder e de controle próprios de uma época.

Relacionar a adolescência à vivência de uma crise de identidade supõe a adoção de uma determinada perspectiva que, longe de ser neutra, implica crenças e valores a respeito de um sujeito que, ao se desenvolver fisicamente, ganha autonomia e ameaça escapar ao controle da sociedade. Para se defender a idéia de que há uma crise nesta faixa de idade devemos, também, acreditar que antes dela, isto é, durante a infância, se construiu uma identidade estável e totalizada que, neste momento, por força das transformações corporais, entraria em crise.

Esta perspectiva teórica, como podemos ver, coloca a ênfase nas transformações corporais como base de constituição da identidade, que é vista como uma totalidade, relativamente estável e que só em determinados momentos e sob a influência de diversos fatores sofreria transformações. Sem, de nenhum modo, pretender negar a materialidade dos corpos, isto é, sem desconhecer todas as mudanças corporais que ocorrem nesse período do desenvolvimento, que repercutem sobre o comportamento dos adolescentes, neste trabalho, a ênfase

recairá sobre os dispositivos sociais que, de um modo ou de outro, atuam como forma de controle e de poder sobre o adolescente e, principalmente, sobre sua sexualidade.

Interessam-nos as normas regulatórias do sexo, pois elas “têm caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual” (LOURO, 2004, p. 44). Assim, a adolescente que engravida está sob o constrangimento de duas ordens normativas: a primeira diz como ela deve ser, sendo uma mulher; a segunda ordena-lhe o que é ser adolescente, mulher e agora mãe. Butler (2001, p. 154) afirma que “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Isso significa que se trata de práticas regulatórias, de um processo de repetição que produz subjetividades. As subjetividades, portanto, devem ser vistas como:

constituídas por meio da ligação dos humanos a outros objetos e práticas, multiplicidades e forças. São essas variadas relações e ligações que produzem o sujeito como um agenciamento; elas próprias fazem emergir todos os fenômenos por meio dos quais, em seus próprios tempos, os seres humanos se relacionam consigo próprios em termos de um interior psicológico: como eus desejantes, como eus sexuados, como eus trabalhadores, como eus pensantes, como eus intencionais – como eus capazes de agir como sujeitos” (ROSE, 2001, p. 145-146).

Por estas razões, é que, ao estudar a representação de família em adolescentes que se tornaram mães, recentemente, não podemos deixar de lançar um olhar, ainda que breve, sobre o papel histórico da mulher na família.

Fátima Quintas (2000, p. 39) diz que “a divisão sexual do trabalho começa na família e se expande para a sociedade como um todo, reproduzindo-se à maneira do figurino doméstico”. Isso vai significar que a esfera privada se tornará

de responsabilidade feminina, e nela se incluirão a reprodução biológica e a criação dos filhos; a responsabilidade pela esfera pública, caberá ao masculino, com todas as atribuições que daí decorrem. Essa divisão tem conseqüências históricas sobre os dois gêneros e, uma delas é propiciar a construção de um discurso que legitime esse estado de coisas, dotando a mulher de uma suposta “natureza” que faria dela, prioritariamente, mãe. Como afirma Louro (2004, p. 15), já no momento do nascimento, ao ser declarado o sexo do bebê: “é uma menina! ou “é um menino!”, se desencadeia uma série de ações que, mais que descrições, são atos performativos que transformam esse corpo que nasce em um determinado gênero. Hoje, com o uso da tecnologia que nos permite saber o sexo do bebê antes mesmo do nascimento, essas ações se antecipam. Aquilo que supostamente faria parte da natureza (o corpo) deverá ser assujeitado às normas que regulam a cultura. No dizer de Butler (2001) o sujeito será generificado. Diz Louro (2004, p. 15): “Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um ‘corpo que importa’, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura (BUTLER, 2001 citada por LOURO, 2004, p. 16).

(...) o “sexo” é um construto ideal que forçosamente é materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta.

No que diz respeito à menina, desde o momento da identificação do seu sexo, se inaugura um processo de conformação de seu desejo em relação à maternidade. Sobre a mulher pesa uma naturalização de papéis que tem como objetivo subjacente a regulação de seus desejos. Observamos que as relações de poder aí constituídas são disfarçadas de forma sutil no interior dos discursos, em que se

enaltece o papel de mãe, restringindo a ação da mulher ao lar, engrandecendo-a e, com isso, afastando-a de postos-chave de comando e controle social (ROCHA-COUTINHO, 1994). Esse controle, através da exaltação do papel da mulher confinada ao ambiente familiar, traz embutidas relações de poder exercidas pela cultura, cuja finalidade é controlar a sexualidade feminina. A mulher exaltada no lar será fortemente denegrada na sociedade, se não estiver vinculada a um núcleo familiar. Rocha-Coutinho (1994, p. 39) assinala que a “subordinação da mãe às necessidades da casa, dos filhos e do esposo aparece como tendência instintiva da mulher, como um “dever ser”, moralidade esta conhecida como altruísmo materno”. Com isso se controla o comportamento feminino, restringindo sua ação ao espaço da casa, e cerceando o desejo como tentação impura de recusar o papel para o qual ela é designada, o papel de subordinação.

De acordo com Butler (2001, p. 154-155),

O sexo é (...) não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.

O sexo ainda é mantido sob vigilância, pois significa o acesso ao desejo, e, mesmo com a evolução dos costumes, a sexualidade permanece em parte da população, como um interdito. Até admitimos que uma mulher exerça sua sexualidade, desde que ela seja independente, porém criticamos quando ela o faz na adolescência e, principalmente, quando, como consequência de seu exercício, surge uma gravidez inesperada.

Paradoxalmente, a sociedade utiliza-se de todos os meios para endereçar aos nossos adolescentes uma série de estímulos de todas as ordens que os levam, muitas vezes, a uma prática sexual um tanto precoce. Esse processo de endereçamento está envolvido numa dinâmica social mais ampla e em relações

de poder (ELLSWOTH, 2001). A sexualidade tem outros significados além da reprodução, e cada indivíduo tem o direito de determinar qual o sentido que deseja para sua sexualidade (BARROS, 2002). Porém essa premissa não é amplamente aplicada. Mesmo quando pensamos no indivíduo adulto e do sexo masculino, isso nem sempre é ponto inconteste, imaginem quando se trata da mulher, mais ainda quando esta é uma adolescente!

Os jogos sexuais da adolescência favorecem a proximidade entre a intimidade e a sexualidade que aparecem como característica desse momento de desenvolvimento psicossocial. É uma iniciação de posse desse novo corpo que precisa ser simbolizado. Em relação à sexualidade Barros (2002) faz referência à Declaração dos Direitos Sexuais, aprovada durante o XV Congresso Mundial de Sexologia, ocorrido em Hong Kong entre 21 e 27 de agosto de 1999, segundo o qual “todas as pessoas têm o direito à autonomia sexual, ao prazer, à expressão sexual e ao cuidado com a saúde sexual disponível para a prevenção e tratamento de todos os problemas sexuais, preocupações e desordens” (BARROS, 2002, p. 50). Não está dito em nenhuma parte dessa declaração que estamos falando de adultos nem de heterossexuais. Mas da letra à prática, a distância é grande.

Ainda hoje, a mulher que expressa não desejar ser mãe é tida como uma anomalia. A possibilidade de ter autonomia sobre seu corpo e de viver sua sexualidade da forma como bem entender ainda é restrita ao indivíduo do sexo masculino e heterossexual. Para as mulheres a maternidade é considerada destino e não escolha; é um “privilegio” e abrir mão dele é considerado quase um sacrilégio. Desde criança a menina é ensinada a brincar de mãe, quer seja de suas bonecas ou de seus irmãos menores. Mas, contraditoriamente, quando essa

menina cresce, espera-se dela que seja bem comportada e aguarde o casamento para praticar o sexo, ou pelo menos, para engravidar. Se hoje já se admite que as mulheres pratiquem sexo antes de casar, para serem mães é “desejável” que formem uma família nos moldes tradicionais. Mas as normas regulatórias são contraditórias: a menina já aprendeu que uma mulher deve ser mãe e a gravidez na adolescência pode servir, portanto, para efetivar, ratificar a norma heterossexual, colocar a adolescente no lugar de um “sujeito que importa” (BUTLER, 2001), um sujeito culturalmente legitimado; mas, paradoxalmente, serve também para infringir outra norma – a de que adolescentes não devem praticar o sexo ou, pelo menos, não estão autorizadas a fazê-lo e se o fazem, não devem engravidar.

Mas, é importante salientar outro aspecto da situação: por mais que existam normas regulando as identidades e produzindo sujeitos, “as subjetividades são sempre problematicamente ocupadas [e mais] elas também têm que passar pela ‘emaranhada e confusa dinâmica do desejo, da fantasia e da transgressão’ (O’SHEA, 1993, p. 504 citado por ELLSWOTH, 2001, p. 54). O’Shea (1993) (citado por ELLSWOTH, 2001), denomina esse eu de “rebelde e não-resolvido” e diz que ele é gerado na fissura entre o que se supõe que sejamos e o que, na verdade, nós não nos tornamos. É essa fissura que abre espaços para a improvisação, que denuncia a falsidade da idéia de uma identidade completa ou realizada e faz fracassar o projeto de nos tornarmos plenamente idênticos ao que é proposto pelas normas sociais; que nos faz resistir à banalização da normalização.

A adolescente que se torna mãe resiste à banalização da norma, ao cumpri-la “precocemente”; ao mesmo tempo, materializa a norma, atendendo ao ideal de

mulher-mãe e qualifica-se como um corpo que pesa ou que importa (BUTLER, 2001). Isto é, re-endereça aquilo que lhe foi endereçado, e faz a sua própria negociação com a norma.

2. REPRESENTAÇÃO DE FAMÍLIA

2.1 De que lugar estamos falando: o pós-estruturalismo.

Para falar sobre como uma adolescente representa a família, necessitamos, inicialmente, escolher uma posição teórica para tratar o tema. Nesse sentido, decidimos caminhar com a ajuda do pós-estruturalismo. O pós-estruturalismo, que é uma nova configuração de compreender, identificar e descrever formas de apreender e se colocar no mundo. Ele tem o objetivo de se colocar como superação do estruturalismo, no sentido de ampliar sua conexão com o mundo, tendo como característica a sua relação com a filosofia da diferença.

Para Peters (2000), o pós-estruturalismo pode ser caracterizado como uma forma de pensamento, de filosofia e de escrita, contudo o termo não deve ser utilizado para propiciar uma idéia de homogeneidade, singularidade ou unidade. É uma perspectiva de ampliação do estruturalismo, e, ao mesmo tempo, uma crítica. Como assinala Peters (2000, p. 29):

O pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes.

Embora se reconheça sua origem nos Estados Unidos, é na escola francesa em que encontrará maior desenvolvimento. O pensamento pós-estruturalista tem seu início no pós-guerra, influenciou uma parte dos intelectuais franceses, notadamente o meio parisiense, e uma de suas características foi trazer à tona o

pensamento de Nietzsche para a filosofia francesa, principalmente, através de Derrida, Deleuze e Foucault.

Quanto às suas raízes, o pós-estruturalismo está permeado por diversos campos do saber. Peters (2000) coloca que essa corrente de pensamento está baseada na tradição estruturalista da lingüística (Saussure e Jakobson), nas interpretações estruturalistas de Lévi-Strauss, Barthes e Foucault (da primeira fase). Segundo o mesmo autor:

O pós-estruturalismo, considerado em termos da história cultural contemporânea, pode ser compreendido como pertencendo ao amplo movimento do formalismo europeu, com vínculos históricos explícitos tanto com a lingüística e a poética formalista e futurista quanto com a avant-garde artística européia (p. 29-30).

Para Peters (2000), além da redescoberta da obra de Nietzsche por pensadores franceses, um outro aspecto considerado importante, foi a interpretação que Heidegger fez das obras de Nietzsche e das leituras estruturalistas de Marx e Freud. Dessa forma, assinala Peters (2000, p. 30):

Considerava-se que, enquanto Marx havia privilegiado a questão do poder e Freud havia dado prioridade à idéia de desejo, Nietzsche era um filósofo que não havia privilegiado qualquer um desses conceitos em prejuízo do outro. Sua filosofia oferecia uma saída que combinava poder e desejo.

Os dois grandes expoentes do pós-estruturalismo foram Derrida e Deleuze, que, através de uma desconstrução crítica, questionaram a limitação estrutural ampliando para um descentramento da estrutura.

Dentre alguns conceitos questionados pelos pós-estruturalistas temos, como nos aponta Peters (2000), a questão do humanismo; segundo ele, este pensamento tendia a colocar o sujeito no centro da análise e da teoria, identificando-o como origem e fonte do pensamento e da ação. Já o estruturalismo, via o sujeito, apenas como portador de estruturas.

Um outro aspecto questionado pelos pós-estruturalistas é a dialética hegeliana, principalmente pela ênfase no poder do negativo. Deleuze (1983, p. 196 citado por PETERS, 2000, p. 34) afirma:

A dialética hegeliana consiste, na verdade, em uma reflexão sobre a diferença, mas de imagem invertida. No lugar da afirmação da diferença como tal, ele coloca a negação daquilo em relação ao qual ela difere; no lugar da afirmação do eu, ela coloca a negação do outro; e no lugar da afirmação da afirmação, ela coloca a famosa negação da negação (1983, p. 196). Em suma, a dialética hegeliana reflete uma falsa imagem da diferença.

Dessa forma, como constata Peters (2000), Deleuze vai contrapor a força negativa da dialética e sua tendência reativa – o positivo é obtido por meio da dupla negação – com a força positiva da afirmação inerente à diferença, como base de um pensamento radical que não se coloca nem como hegeliano nem marxista.

Essa perspectiva teórica nos interessa, principalmente, pela ênfase que coloca na cultura e no social sobre a formação do sujeito e, conseqüentemente, na forma como é constituído o discurso desse sujeito. O pós-estruturalismo efetua um ataque direto às bases universalistas da racionalidade, da individualidade e da autonomia que estão subjacentes ao sujeito humanista, propondo que as estruturas sócio-culturais exerçam um papel relevante na formação da autoconsciência (PETERS, 2000). Esse autor afirma que:

Para o pós-estruturalismo, a ênfase na autoconsciência absoluta e no seu suposto universalismo é parte integrante dos processos que tendem a excluir o Outro, ou seja, aqueles grupos sociais e culturais que agem de acordo com critérios culturais diferentes. Em vez da autoconsciência, o pós-estruturalismo enfatiza a constituição do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito (PETERS, 2000, p. 36).

Destacamos também, como assinala Peters (2000), uma percepção teórica geral da linguagem e da cultura, que é delimitada em sistemas lingüísticos e simbólicos em que as inter-relações entre os elementos que os constituem são

mais importantes do que os elementos vistos isoladamente. Dessa forma, como diz Peters (2000, p. 36), “os signos lingüísticos operam de forma reflexiva e não de forma referencial: eles dependem da operação auto-reflexiva da diferença”.

O pós-estruturalismo se coloca em posição oposta à perspectiva da filosofia da consciência e da dialética; por outro lado, supera o estruturalismo, buscando e valorizando as descontinuidades do fenômeno e desprezando as estruturas gerais desse fenômeno. Para tanto, desenvolveu alguns métodos e abordagens, tais como: a genealogia¹, a arqueologia² e a desconstrução³.

2.2 O que significa representar

Representar é dar significado a algo (sujeito ou objeto). Portanto, quando uma adolescente representa uma família, não apenas diz o que para ela significa essa instituição, mas também reitera uma norma social e, através dessa repetição, fortalece essa norma. Um ponto importante nesse contexto é a relação entre cultura e significado, pois expressamos aquilo que apreendemos em nossa relação com o meio e com o momento histórico no qual nos inserimos. Woodward (2000, p. 17) coloca que “a representação inclui as práticas de significação e os

¹ Genealogia: uma forma de história crítica que resiste à busca por origens e essências, concentrando-se, em vez disso, nos conceitos de proveniência e emergência. É uma análise da história sem se recorrer à interpretação objetiva dos fatos em sua ordem cronológica, a genealogia ocupa-se em analisar as rupturas e descontinuidades (PETERS, 2000).

² Arqueologia: é um método de investigação histórica. Para Foucault (1972) a história tradicional tomava os monumentos do passado e transformava-os em documentos. Em nossos dias, “a história é o que transforma os documentos em monumentos”, e a partir daí, “descobre uma massa de elementos que se trata de isolar, de agrupar, de tornar pertinentes, de estabelecer relações, de constituir conjuntos” (p.14).

A arqueologia é “um termo dos estudos culturais associado ao pensamento de Michel Foucault, que nos propõe um método de investigação histórica que renuncia a todas as verdades preestabelecidas e à inquirição das origens, preferindo antes um método de inquérito de discursos ou sistemas de sentido” (CEIA, 2005).

³ Desconstrução: citado na página 35.

sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos”. E tais práticas de significação serão produzidas através da linguagem dos grupos culturais. Cada cultura tem suas formas de expressões, de identificações, afirmando sua singularidade e atribuindo sentido às suas experiências.

Woodward (2000, p.17) assinala que é:

por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e àquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem falar.

O conceito de representação que vamos tomar aqui é decorrente da perspectiva pós-estruturalista e da chamada “filosofia da diferença”. Por conceber a linguagem – e, por extensão, todo sistema de significação – como uma estrutura instável e indeterminada, o pós-estruturalismo questiona a noção clássica de representação. Os teóricos dos estudos culturais, tais como Stuart Hall, no entanto, recuperam o conceito de representação, desenvolvendo-o em conexão com uma teorização sobre a identidade e a diferença. Para Silva (2000), neste contexto, a representação é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Trata-se de uma representação pós-estruturalista. Isto significa, primeiramente, que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica. No registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. A representação se expressa por meio de uma pintura, de uma

fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é aqui, sempre marca ou traço visível, exterior. Representar significa, no caso das identidades, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. É assim, por meio das representações, que a identidade e a diferença se ligam a estruturas de poder. As identidades são descritas e a linguagem é performativa (SILVA, 2000, p. 90-91).

As representações se estabelecem a partir de como a cultura, naquele dado momento sócio-histórico, visualiza e significa aquele sujeito em seu meio, que está constantemente sendo significado, é um referencial dinâmico em que são considerados todos os novos elementos que se colocam no social. É através da relação intrínseca entre diferença e identidade que ocorrerá uma produção constante de representações.

Como define Andrade (2003, p. 111), o conceito de “representação (...) [é] entendido na perspectiva dos Estudos Culturais, como um modo de produzir significados na cultura; estes significados são produzidos através da linguagem (...) e implicam relações de poder”. Meyer (2000, p. 58), citada por Andrade (2003, p. 111), diz:

Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos. [...] As representações envolvem, pois, as práticas de construção e partilhamento de sentidos na cultura, pela operação de diferentes e variados signos e sistemas de classificação.

3. CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

3.1 O que é uma configuração familiar

A configuração familiar, para Osório (p. 53) “é o modo como se dispõe e se inter-relacionam os elementos de uma mesma família”. Segundo Fonseca (citada por FURLANI, 2003, p. 75):

Quando as “rígidas convenções morais foram cedendo a valores recentes, centrados na auto-realização e satisfação emocional, as relações conjugais [...] tornaram-se abertas à negociação” (p. 271) possibilitando o surgimento da “família pós-moderna”, caracterizada pela pluralidade de conformações.

A desconstrução por que passa a família hoje reafirma novas formas de subjetivação. Os novos reordenamentos expõem as transformações que o social vive. Observamos que a família passa por modificações na sua dinâmica e organização. Mas, constatamos que, a cada época, surgem novas formas de estabelecer vínculos que refletem as mudanças que acontecem no contexto sócio-cultural, a partir de alternâncias de paradigmas e o surgimento de novas configurações sociais. Apesar de todas as mudanças que essa instituição vem atravessando, ela ainda se mantém como o principal lugar de subjetivação para os indivíduos.

Dois pontos aparecem como marcos fundamentais para essa transformação na família: a profissionalização do trabalho feminino e a apropriação da sexualidade pela mulher. Essas conquistas aconteceram como consequência, dentre outros fatores, das descobertas científicas, tais como, a pílula anticoncepcional, as biotecnologias de procriação e, por outro lado, da

independência econômica da mulher que favoreceu a reorganização dos grupos familiares.

O modelo de família nuclear é, relativamente, recente na história da humanidade. Surgiu a partir da Revolução Industrial e manteve-se protegido das turbulências da história enquanto permaneceu aliado aos valores considerados socialmente “corretos” para aquela época, tais como, a virgindade da mulher, o homem como provedor e senhor da casa, a mulher submissa à ordem paterna nas suas diversas significações. A partir, principalmente, da Segunda Guerra Mundial, com a necessidade de mão de obra provocada pela permanência e/ou morte de muitos jovens em campos de batalha, a mulher foi instada a deixar a reclusão do lar e contribuir com seu trabalho para a manutenção da sociedade. Além dos muros do lar, esta mulher trouxe uma nova dinâmica para as relações familiares. Se antes seu grande objetivo de vida era o casamento, nesse momento passou a ser a profissão. A conquista do mercado de trabalho propiciou uma maior autonomia à mulher, que, inicialmente, significou dividir com o homem a manutenção da família. Porém, com o passar do tempo, os avanços se sucederam e demarcamos como ponto fundamental dessa ruptura com a submissão ao homem, o acesso da mulher ao mercado de trabalho e a conseqüente independência econômica, e à sua sexualidade, rompendo com o tabu da virgindade e se apossando do que lhe era seu por direito, o seu corpo.

Os alicerces da família nuclear foram abalados, as relações se modificaram e agora entra em cena a primazia dos afetos enquanto durescem, em detrimento dos afetos para sempre. A família inicia uma nova trajetória des-configurando o modelo tradicional para construir novas configurações. Agora surge, no cenário, a necessidade de se considerar as diferenças que demarcam as identidades, a

identidade de mulher, a identidade da família. Como coloca Woodward (2000, p. 54): “a diferença é marcada por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais...”. As relações de poder se transformam. A mulher muda suas estratégias de poder: se antes recorria às lágrimas, à “chantagem” emocional, para influenciar as decisões de maridos e filhos, hoje ela assume uma posição de sujeito atuante no mundo público e no lar divide com o companheiro a manutenção da família. É verdade que nem tudo são flores. Elas pagam o preço de sua autonomia: se, por um lado, conquistaram uma maior liberdade, por outro, se vêem cobradas duplamente, mantendo a responsabilidade sobre todos os afazeres da casa e, ainda, contribuindo ativamente para a manutenção do próprio lar. E, muitas vezes, assumindo completamente a manutenção da família e da casa.

De todo modo, podemos dizer que ocorreu uma desconstrução da hierarquia vigente, do lugar até então ocupado por cada gênero. Ocorreu uma desestabilidade dinâmica propiciadora de uma nova condição feminina e masculina e um novo lugar e uma nova ordem social foram construídas.

3.2 As novas configurações familiares e os papéis parentais

Falar sobre novas organizações familiares não significa dizer que as antigas formas de vida familiar desapareceram, mas sim que hoje há uma pluralidade de configurações e que estas se multiplicam a cada momento. Embora no universo fantasmático dos indivíduos o modelo da família nuclear permaneça presente, na realidade social esses arranjos demonstram que novos modelos se colocam para

expressar uma nova realidade. Roudinesco (2003, p. 19) explica e constata a transformação dos modelos de família na história situando três momentos:

Numa primeira fase a família dita “tradicional” serve acima de tudo para assegurar a transmissão de patrimônio. Os casamentos são arranjados pelos pais sem considerar a vida sexual e afetiva dos futuros esposos (...) Numa segunda fase a família dita “moderna” torna-se receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX (...) sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnis por intermédio do casamento... valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação sua nação é encarregada de assegurar. Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe-se a família dita “contemporânea” - ou pós-moderna – que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam.

É no social que se produzem as novas configurações de família; apesar disso, é lento o caminho até a legitimação desses modelos e o reconhecimento dos novos papéis.

Na atualidade vivemos a transição de um modelo nuclear de família para novos modelos. Osorio (1996, p. 16) define três modelos básicos de família: “a nuclear (conjugal), a extensa (consangüínea) e a abrangente”. Segundo esse autor, a família nuclear é formada por pai, mãe e filhos; a extensa agrega outros membros que tenham laços de parentesco como avós, tios, sobrinhos; e a abrangente considera todos os indivíduos que coabitem no mesmo espaço mesmo que não tenham laços de parentesco.

A ascensão do pai ou da mãe solteira, a separada, a escolha pela inseminação artificial e outras biotecnologias favoreceram o modelo monoparental de família, que é formada por um dos genitores e seus filhos. As separações e os recasamentos propiciaram que as crianças estabelecessem laços afetivos com dois ou três “pais” diferentes, fruto de uma dinâmica afetiva desses pais. Porém, o

que precisamos observar nesses arranjos e rearranjos familiares é a ética que se estabelece nas relações. Não de um indivíduo sobre o outro ou de um sexo sobre o outro, mas compreender, a partir das diferenças, o jogo de relações que se estabelecem na constituição dos modelos de família que beneficiem a inserção do indivíduo no grupo e no social. Nunes e Amazonas (2005, p. 245) consideram que:

(...) relações igualitárias entre os humanos, sem a predominância do poder de um sexo sobre o outro, não implica, necessariamente, abrir mão da lei e das normas, e sim a construção de uma sociedade mais eqüitativa, mais justa, mais solidária. O que vemos, atualmente, é o declínio de uma sociedade fundada no poder masculino. Presenciamos a luta do ser humano por eqüidade social, por uma ética que se baseie na solidariedade entre todos e no respeito pelas diferenças.

E assim a família reconfigura-se, entra em cena a sexualidade de uma forma mais igualitária entre homens e mulheres, os casais já não são formados apenas por indivíduos de sexos diferentes, a desconstrução dos costumes provoca uma reviravolta caleidoscópica que a cultura vai, tímida e estupefatamente, apreendendo. A desconstrução, como coloca Culler (1997, p. 176-177),

(...) está interessada no que foi excluído e na perspectiva que propicia o consenso, a questão não é aceitar o consenso como verdade ou restringir a verdade ao que é demonstrável dentro de um sistema. Com efeito, a noção de verdade como o que se valida por métodos aceitos de validação é usada para criticar o que passa por verdade. Uma vez que a desconstrução tenta ver os sistemas tanto de fora quanto de dentro, ela tenta manter viva a possibilidade de que a excentricidade das mulheres, dos poetas, profetas e loucos possa produzir verdade sobre o sistema no qual eles são marginais – verdades que contradizem o consenso e não são demonstráveis dentro de um enquadramento até agora desenvolvido.

Na esteira dessas desconstruções, a família vai se apresentar de diferentes formas. Furlani (2003) diz que, na contemporaneidade, as famílias também se organizam a partir da união entre pessoas do mesmo sexo, favorecidas pela flexibilização das normas e a conseqüente visibilidade da homossexualidade. Para Fonseca (citada por FURLANI, 2003, p. 75)

parceiros do mesmo sexo ganharam um espaço importante; se a afeição é a verdadeira base do relacionamento, por que o casal seria limitado a um relacionamento heterossexual centrado em torno da reprodução biológica?

Márcia Arán (2003) aponta quatro momentos para se compreender a emergência das novas configurações familiares: a crise da família nuclear; a entrada da mulher no mercado de trabalho; a separação entre sexualidade e reprodução; e a política de visibilidade da homossexualidade.

Alguns fenômenos, tais como o aumento dos divórcios, um menor número de filhos, entre outros, produziram mudanças na base da família nuclear. Há também uma maior flexibilização dos papéis no interior da família. Arán (2003, p. 401), explicando o que levou a essa transformação na base da família nuclear, aponta que existem autores que “constataram “uma crescente ‘indiferenciação’ entre os papéis masculinos e femininos” e outros autores que argumentam, “ a grande modificação na organização familiar é provocada pela crise da autoridade paterna e do casamento, o que faz com que ocorra um estreitamento das relações consangüíneas entre mãe e filho e uma certa ‘expulsão do masculino’ “ (ARÁN, 2003, p. 402). Os papéis paternos e maternos também passaram por transformações. Badinter (citada por ARÁN, 2003, p. 401-402) diz que:

apaga-se pouco a pouco, na maioria das sociedades ocidentais, a linha que separa os campos da maternidade e da paternidade. Os homens começam a aprender diretamente o que significa ser pai, e a fazer para os filhos o que a maioria das mulheres fizeram no decorrer dos tempos.

É necessário considerar, nesse aspecto, o debate que acontece, atualmente, em torno da transformação que ocorre sobre a função paterna ou da autoridade masculina, observado, a partir das novas configurações familiares que se organizam no social, em que o papel masculino já não aparece com tanta ênfase. As relações conjugais já não enfatizam a supremacia do masculino sobre o feminino, mas uma relação de igualdade entre os papéis. Para Arán (2003, p. 402):

A relação conjugal não se realiza mais a partir das normas fundantes da família moderna. Desde a proclamação da 'igualdade entre os sexos', o lugar do homem e da mulher na família estão em questão. Nestes últimos 30 anos assistimos ao surgimento do "casamento-conversaço", o qual se constitui a partir de uma eterna construção e desconstrução de laços, em que, mesmo que consideremos que o ponto de estabilidade seja a relação mãe-filho, como mostram as pesquisas mais recentes, é certo que a família nuclear não pode mais ser considerada uma base sólida para construção identitária.

4. DESVENDANDO CAMINHOS

4.1 Conhecendo o campo da pesquisa

Realizamos o estudo no Hospital Tricentenário, instituição filantrópica da cidade de Olinda que tem como função o atendimento à população de baixa renda. Na instituição, além da maternidade, setor onde foi realizada a pesquisa, existem outras enfermarias para o atendimento ao público.

No início, entramos em contato com a direção do hospital a fim de que pudéssemos realizar o levantamento do material, explicamos os objetivos do trabalho e que este fazia parte de uma pesquisa que fundamentaria nossa dissertação de mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco.

4.2 Perfil das participantes

Após receber a permissão da direção do Hospital para a realização da pesquisa e obter a aprovação do projeto do Comitê de Ética, entramos em contato com o serviço de enfermagem, explicamos os objetivos de nossa pesquisa e pedimos a colaboração no sentido de nos encaminhar adolescentes com idades entre 14 e 17 anos, e que estivessem sendo mães pela primeira vez, pertencentes à camada social de baixa renda, com a finalidade de investigar qual a representação de família que elas apresentavam.

Conseguimos entrevistar 18 adolescentes, porém, as seis primeiras entrevistas não foram analisadas pela pobreza de material, o que ocasionou uma mudança na ordem da aplicação dos instrumentos (primeiro, o Desenho da Família com Estória e, em seguida, a entrevista) numa tentativa de realizar uma abordagem mais eficaz.

A seguir, traçaremos um breve perfil de cada participante. Para manter o sigilo quanto às suas identidades nos referiremos a cada uma usando P (para participante) acompanhado de um número de identificação.

P1: tem 16 anos, está na 8ª série do Ensino Fundamental. Reside em São Lourenço da Mata, pertence à camada social de baixa renda. Os pais se separaram quando ela tinha cinco anos e eles não se falam. Faz referências a um irmão que mora com o pai. Inicialmente, na separação dos pais, ambos ficaram morando com o pai por falta de condições econômicas da mãe de sustentá-los. Hoje mora com a mãe e, atualmente, vive separada do pai da criança; a separação ocorreu quando ela estava com um mês de gravidez. Relata insatisfação com a situação financeira, fala do desejo de ter um lar tranquilo, sem brigas e guarda esperanças de retomar a relação com o pai da criança. Acha que família é viver em união, respeitar uns aos outros, ter amizade, amor e seguir os conselhos dos pais.

P2 : tem 15 anos, está na 8ª série do Ensino Fundamental. Reside em Maranguape, Paulista, pertence à camada social de baixa renda. Os pais se separaram há sete anos. Tem uma irmã mais nova; quanto ao pai relata que existe contato com ele, porém não o vê sistematicamente. Atualmente, vive

separada do pai da criança, diz não querer morar com o namorado porque ele está diferente com ela; ainda gosta dele, mas acha que a relação está mal por causa dele, sente-se rejeitada pelo comportamento que ele apresenta. Teve todo apoio da mãe durante a gravidez. Relata que pretende voltar a estudar. Em seu discurso demonstra uma relação muito forte com a avó. Acha que a família tem que ser alegre, sem briga nenhuma e humilde. Diz que é humilde, mas não é tão alegre. Ela expressa que não pensa em constituir família.

P3 : tem 16 anos, está na 7ª série do Ensino Fundamental, e também faz o supletivo. Reside em Chão de Estrela, Recife, pertence à camada social de baixa renda. Mora com os pais, tem um irmão e uma irmã que são mais velhos. Seus pais ainda criam uma filha do seu irmão. Vive com o pai de seu filho e afirma que a relação é boa. Diz que o seu pai e seu marido estão construindo uma casinha para eles viverem juntos, por enquanto, o casal mora na casa do pai. Acha que a família é engraçada, “porque arenga muito mas quando tem as coisas ela se une”. Ela quer dizer, que quando existe algum problema com membros da família, eles se mobilizam para resolver a situação que surgiu.

P4 : tem 16 anos, não está estudando no momento e não completou o 2º Grau. Reside em Camaragibe, e pertence à camada social de baixa renda. Mora com a mãe, não gosta de falar sobre a família, não quis fazer referências aos irmãos, pois não gostava da família porque era desunido. Os pais se separaram quando ela tinha três meses de idade, não perdeu o contato com o pai, que visita sempre e se dá bem com ele. Não vive com o pai da criança, relata que com três meses de gravidez brigou com ele e mandou que ele fosse embora. Pretende

voltar a estudar para poder oferecer uma condição melhor para sua filha. Acha que família é tudo, companheirismo, união, ajudar um ao outro.

P5 : tem 17 anos, está na 2ª série do Ensino Fundamental. Reside em Jabotão dos Guararapes, pertence à camada social de baixa renda. Está casada desde os quinze anos. Diz que seus pais se separaram poucas semanas antes de seu pai ser assassinado; sua mãe levou seus dois irmãos menores e foi morar com seu novo companheiro. Ela ficou morando com dois irmãos, uma irmã e um irmão, na casa da avó junto com seu tio, ao todo são seis irmãos. Relata que não gosta de ir à casa da mãe, pois tem muita briga entre ela e o companheiro, diz que é a avó quem vai criar o bebê. Fala que pretende voltar a estudar. Mora com o marido em um quarto alugado próximo à casa da avó. Relata que, ao saber da gravidez sua avó ficou feliz, mas mandou ir para a casa de sua mãe. Seu padrasto quis bater nela e então ela foi morar com a sogra, houve também muitos desentendimentos com a mãe de seu companheiro, voltaram para morar com sua avó e logo depois alugaram o quarto onde estão morando. Não sabe explicar o que é uma família .

P6 : tem 14 anos, está na quarta série do Ensino Fundamental. Quando criança residia em Carpina. Aos doze anos veio morar na casa da irmã, numa favela em Santo Amaro, pertence à camada social de baixa renda. Relata que morou com a mãe de criação, pois foi abandonada pela mãe e pelo pai biológico, que foram morar no Rio de Janeiro. Tem mais oito irmãos, seis mulheres e dois homens. Seu pai biológico morreu quando ela tinha quatro anos. Embora os pais tenham ido morar no Rio de Janeiro, mantinham ligação com os filhos através de

cartas e telefonemas. Não vive com o pai da criança, ela o deixou porque ele vive de vender droga e ela não queria confusão com ela e com a irmã. Atualmente está com outro companheiro que afirmou “assumir” o bebê. Diz manter uma boa relação com o atual companheiro. Recebe apoio da irmã com quem viveu. Morava na casa da mãe do atual companheiro, porém existia muita confusão com a sogra, e eles resolveram então alugar uma casa próxima à casa da irmã. Acha que família é uma coisa muito importante porque pode contar com ela na hora que precisar, deve ser unida.

P7 : tem 16 anos, está na sexta série do Ensino Fundamental. Reside em Areias, Recife, pertence à camada social de baixa renda. Os pais se separaram quando ela tinha dois anos, porém mantém boa relação com ambos. Mora com a mãe e relata que tem uma boa relação com ela, nunca brigam e sempre combinam as coisas. Fala do seu pai e sua mãe com muita afetividade. Tem cinco irmãos, uma irmã por parte de pai e mãe, três irmãos por parte de pai e uma irmã por parte de mãe. Relata ter uma boa relação com o companheiro, porém seus pais não aprovam essa relação. Quando soube da relação, sua mãe pediu para ela ir morar com o pai que a recebeu. Quando resolveu viver com o companheiro foi morar na casa da sogra. A partir da gravidez, com os sintomas de enjôo, vômito e pressão alta, voltou a morar com a mãe, onde permanece até o momento. Pensam em continuar na casa de sua mãe até se organizarem para poder ter um local próprio. O pai a ajuda financeiramente. Acha que a família tem que dá muito amor, ser paciente e ser unida, e na hora que seus membros precisarem ela possa ajudar e proteger.

P8 : tem 14 anos, não estuda. Reside em Pau Amarelo, Paulista, pertence à camada social de baixa renda. Os pais se separaram quando ela tinha entre três e quatro anos. Relata muitas brigas entre os pais. Na última briga a mãe saiu de casa com os filhos e foram morar com um tio, irmão do pai. Ela e a família moravam próximos aos primos e tios, tinha cinco irmãos. Quando os pais se separaram, viveram um tempo na casa do tio até poderem ir para uma casa deles. Dois irmãos foram mortos. Demonstra ter uma relação familiar forte e uma preocupação com o bem-estar de todos. Expressa uma boa relação com a mãe e uma mágoa pela ausência do pai em sua vida. Embora ele viva próximo, ela fala que ele não quer saber dela e não a ajuda. Acha que ela não tem importância na vida do pai. Diz que a mãe ficou feliz com a gravidez, pois era a única que ainda não estava casada e que não queria morrer sem ver o neto dessa filha. Está separada do pai da criança, diz que ele era muito ciumento: “eu não podia nem falar com meus primos”. Com seis meses de gravidez saiu da casa dele e voltou para a casa da mãe onde permanece até hoje, acha importante que o filho tenha uma boa relação com o pai. Acha que a família é tudo, é algo lindo, não consegue expressar o que sente.

P9 : tem 15 anos, está na sexta série do Ensino Fundamental. Reside em Areias, Recife, pertence à camada social de baixa renda. Seus pais se separaram há, aproximadamente, quatro anos. Sua mãe não quis mais viver com seu pai, e ele saiu de casa. Atualmente, mora com sua mãe e um irmão. Tem mais dois irmãos que não moram com eles. Desde a separação não viu mais seu pai e achou melhor que tenham se separado, pois seu pai batia muito nos filhos. Está casada com o companheiro há um ano e seis meses, mas não moram juntos,

cada um vive em sua casa. Pensa, agora, em ir morar em uma casa deles. Diz que a relação com a mãe é boa, embora tenha ficado um ano morando com a tia devido a um problema que houve entre o irmão e o companheiro da mãe, porém já voltou para casa. A relação com o companheiro melhorou depois da gravidez, diz que antes de ficar grávida “ele aproveitava”, saía com outras meninas, namorava e ia para festas. Seu filho é o primeiro neto na família. Tem uma irmã, que tem 23 anos e um irmão que tem 21 anos e são casados, porém, ainda não têm filhos. Demonstra uma vontade de ganhar dinheiro para ter as coisas. Acha que família é viver bem, não passar dificuldades, ter as coisas, ter trabalho, uma casa.

P10 : tem 16 anos, está na quinta série do Ensino Fundamental. Reside em Afogados, Recife, pertence à camada social de baixa renda. Mora com a mãe e o padrasto, o pai morreu quando ela era pequena, tem uma outra irmã desse pai e mais seis irmãos do seu padrasto. Fala que, quando era pequena, chorava muito querendo o pai, via que outras meninas tinham pai e ela não tinha. Fala que a família de sua mãe, primos e tios, que moram próximos, são muito brigões e fazem muita confusão e que querem bater nela e em seus familiares, por isso não gosta do local onde mora. Diz que tem uma boa relação com o padrasto e ele lhe dá muitos conselhos. Também tem uma boa relação com a mãe. Relata que devido a essas confusões com a família de sua mãe foi morar com a sogra, mas acha que a sogra não gosta dela, diz que não fala com ela, retornou para a casa da mãe. Sua mãe aceitou a gravidez e seu companheiro ficou feliz, ele esperava um menino, porém foi uma menina, acha que a relação entre o pai e a filha será

boa, pretende ter mais um filho, um menino. Ainda mora com a mãe. Pretende voltar a estudar e começar a trabalhar. Acha que a família é tudo.

P11 : tem 17 anos, está na oitava série do Ensino Fundamental. Reside em Abreu e Lima, pertence à camada social de baixa renda. Após a separação de seus pais foi morar com a avó materna, pois sua mãe tinha que trabalhar e não podia ficar com as crianças. Tem uma irmã. Não se afastou do pai, pois ele morava em uma casa atrás da casa da avó, no mesmo terreno. Diz que sempre manteve uma boa relação com o pai, conversavam e ele lhe dava conselhos. Também diz que tem uma boa relação com a mãe, ela é boa e lhe dá muito conselho. Relata que saiu da casa da avó aos quinze anos devido às confusões com as tias. Ficou trabalhando de babá na casa de uma amiga e lá começou a namorar o pai de seu filho e engravidou. Foi então, morar com a sogra de quem recebeu muito apoio. Diz que, no início da gravidez, o companheiro a apoiava, mas quando a barriga começou a crescer ele começou a desprezá-la e ter outras namoradas. Neste sentido, ele teve o apoio do pai dele que dizia “que homem é assim mesmo, tem que namorar muito”. No quinto mês da gravidez houve uma separação de corpos e oito dias antes de dar à luz voltou a morar com a avó e houve a separação definitiva do pai da criança. Não quer mais voltar a viver com ele, embora ache importante a presença do pai para o filho. Acha que família é união, amor entre todos eles, deve existir respeito e não haver mentiras.

P12 : tem 17 anos, está no 1º ano do Segundo Grau. Reside em Água Fria, Recife, pertence à camada social de baixa renda. Mora com a mãe, tem três irmãos. A mãe está separada do marido há dez anos. Moravam na Bahia, mas,

com a separação, sua mãe retornou com os filhos. Mantém contato com o pai através de telefone, mas não voltou a vê-lo. Fala que a relação com sua mãe é boa e que ela a apóia. Ao retornarem da Bahia vieram morar com uma tia, os outros tios não os consideravam, “eles não consideram a gente como primo, como tia”. Separou-se do pai da criança quando estava com seis meses de gravidez; descobriu que ele era casado; contou para a mãe e todos na sua casa exigiram que ela se separasse. A família não quer que o pai do bebê participe da criação nem que o registre. Na casa, a palavra do irmão é muito forte. Acha que a família é muito importante, porque uma pessoa tem que ter uma família.

4.3 Instrumentos

4.3.1 Desenho da Família com Estória (DF-E)

Um dos instrumentos utilizados no nosso estudo consistiu no Teste do Desenho da Família com Estórias (DF-E) de Walter Trinca (1997). O nosso objetivo foi detectar, como assinala Trinca (1997, p. 26),

conteúdos psíquicos de natureza consciente e inconsciente que dizem respeito às relações do examinando com os objetos internos e externos pertinentes à dinâmica familiar.

Quando falamos em objetos externos e internos não queremos nos referir a nenhum tipo de posição mentalista, que, por princípio, é recusada pelo pós-estruturalismo. Neste sentido, seguindo a posição de Deleuze, vamos nos valer do conceito de “dobra” (PARPINELLI; SOUZA, 2005, p. 484).

A idéia de dobra é utilizada para demonstrar que o “interno” é apenas um caso particular do “externo”, mas que se faz dele. Dessa forma o dentro e o fora caminham lado a lado, interpenetrando-se continuamente, constituindo incessantemente novas existências ou novas figuras da subjetividade.

Do mesmo modo, recusar o mentalismo não implica em recusar a noção de inconsciente. Uma posição mentalista implica em adotar dicotomias, tais como, objetivo versus subjetivo, externo versus interno, aparência versus essência, consciente versus inconsciente. O pós-estruturalismo, ao invés de valorizar a autoconsciência, “ênfatiza a constituição discursiva do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito” (PETERS, 2000, p. 36).

Retomando o DF-E, Trinca (1997), explica que seu procedimento constitui-se num desdobramento do procedimento de Desenhos-Estórias, sendo o resultado da combinação de duas técnicas projetivas usuais no procedimento psicodiagnóstico: desenhos de família e técnicas de apercepção temática.

O DF-E permite a observação dos conteúdos conscientes e inconscientes que estão presentes em cada um dos componentes do contexto familiar, bem como identificar os conflitos decorrentes das relações familiares e pontos expressivos da dinâmica familiar.

O procedimento se coloca dentro do modelo diagnóstico compreensivo, cuja principal característica é o valor dado à associação livre. Ainda, segundo Trinca (1997), o desenho livre serve como estímulo de apercepção temática, é uma importante forma de expressão - especialmente em crianças – de conteúdos internos externos referentes à realidade, por isso o DF-E está relacionado com a personalidade, uma vez que contribui para a observação de determinados aspectos inconscientes e conscientes da personalidade, mais especificamente, para uma abordagem da estrutura e da dinâmica da família em que o indivíduo está inserido.

Quando o desenho livre está relacionado a um tema qualquer (no caso à família), o examinando tem a possibilidade de se expressar livremente diante do tema, caracterizando sua realidade.

Portanto, quando oferecemos o tema família, o procedimento DF-E favorece uma interpretação significativa que, no caso, a adolescente faz sobre o que é, para ela, a família, integrando seu estado psicológico passado e/ ou presente.

Este procedimento se encaixou muito bem na pesquisa, pois nossa amostra foi composta por adolescentes de baixa renda que, nas primeiras entrevistas, apresentaram uma certa pobreza de expressão. Assim, essas entrevistas foram desconsideradas e, a partir daí, com as próximas participantes, iniciávamos lançando mão do DF-E na esperança de que, através dos desenhos e das histórias, a comunicação se tornasse mais fluída e pudéssemos obter mais material para a análise. Uma vez que, o DF-E é uma técnica projetiva, possibilita que suas fantasias sejam expressas sem restrição e a combinação desenho-história ativa os mecanismos e dinamismos da personalidade.

A aplicação do DF-E é individual, e requer o uso de lápis preto, uma caixa de doze unidades de lápis colorido e folhas de papel ofício. Seguimos a sugestão de Trinca (1997) quanto à forma de aplicação do procedimento: solicita-se ao sujeito que faça quatro desenhos de família, cada qual seguido de relatos de histórias e títulos. Após a realização de cada desenho, seguido da história e título, procede-se a um inquérito sobre aspectos do desenho que necessitem de algum esclarecimento. Sucessivamente os desenhos se dão da seguinte forma: desenho de uma família qualquer, desenho de uma família que gostaria de ter, desenho de uma família em que alguém não está bem, e desenho de sua própria família. Percebe-se, dessa forma, que os desenhos são realizados do menos estruturado

ao mais estruturado, permitindo uma exploração e aproximação mais eficaz do inconsciente, dos conflitos pessoais e das dificuldades em relação aos vínculos familiares.

Nesta pesquisa iniciamos estes desenhos pedindo que a adolescente fizesse um desenho livre, como forma de deixá-la mais à vontade, embora não houvesse uma obrigatoriedade em fazê-lo.

O DF-E tem sido empregado com sucesso como método clínico auxiliar no diagnóstico, nas pesquisas e na prática clínica. Fica aqui claro que, para os fins deste estudo, o seu auxílio se reduz à compreensão da representação familiar, sem nenhuma intenção de dar um diagnóstico.

4.3.2 Entrevista Semi-Estruturada

Outro instrumento utilizado consistiu de uma entrevista semi-estruturada com uma questão disparadora: “O que é para você, família?”. Este procedimento, segundo Minayo (1999), permite apreender o ponto de vista dos sujeitos entrevistados a partir dos objetivos a serem pesquisados. Essa forma de entrevistar permite que o entrevistado discorra livremente sobre o tema e deixa, também, o pesquisador mais à vontade, para inserir perguntas que sejam pertinentes ao assunto em pauta, de acordo com o que for respondido no decorrer da entrevista, possibilitando uma maior compreensão do tema. Minayo (1999, p. 99) esclarece que este instrumento deve orientar uma “conversa com finalidade”, servindo como “o facilitador de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação”.

4.4 Procedimento de coleta de dados

Inicialmente, convidamos as adolescentes a participarem da pesquisa e explicamos o objetivo do estudo. Após aceitarem participar da pesquisa, solicitamos que lessem e assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2) e uma Carta de Informação ao Participante (Anexo 3). Foi garantido às participantes total sigilo sobre suas identidades e informações dadas por elas, também foram comunicadas que ofereceríamos um trabalho em grupo em que as questões importantes que surgissem na análise dos resultados, envolvendo sua relação com a maternagem, poderiam ser trabalhadas. Só então, iniciamos a aplicação do DF-E.

Terminada a aplicação dos desenhos, começávamos a entrevista. Ela foi realizada de forma individual, em lugar privado e gravadas em um gravador digital. Iniciamos por uma questão norteadora, que possibilitava o surgimento de outras questões. Não havia um roteiro pré-estabelecido, mas tínhamos em mente os objetivos da pesquisa que nortearam toda a entrevista. Com a entrevista visávamos ampliar o material colhido no DF-E, sobre o objeto pesquisado, a fim de possibilitar uma análise mais aproximada sobre a representação de família.

Ao término das entrevistas, elas foram transcritas pelo pesquisador, seguindo rigorosamente as palavras das entrevistadas, tentando manter o máximo de fidelidade com relação ao que foi dito. Foram registrados os gestos relevantes, os risos, e preservados os usos de expressões coloquiais, as gírias, pausas, as hesitações e ênfases, entre outros. (ROCHA-COUTINHO, 2005).

4.5 Procedimento de análise dos dados

Para a análise do material obtido, através das entrevistas, utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Minayo (1999, p. 199), que a conceitua da seguinte maneira:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Segundo Minayo (1999), várias são as técnicas de Análise de Conteúdo que vêm sendo desenvolvidas, contudo, para essa autora, as que melhor se adequam ao tipo de investigação a que a pesquisa qualitativa se propõe são as técnicas da Análise da Enunciação e a Análise Temática do Conteúdo. Optamos pela técnica da Análise Temática do Conteúdo. Este tipo de Análise de Conteúdo

(...) consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou freqüência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado... a análise temática se encaminha, qualitativamente, para a verificação da presença de determinados temas denotando os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso (MINAYO, 1999, p. 209).

Através dessa técnica, portanto, nos propomos a compreender os conceitos, os modelos e os sentimentos relativos à temática investigada no discurso das adolescentes mães que constituem o grupo pesquisado nesse estudo.

A análise do material coletado se deu em dois momentos: no primeiro foi realizada uma leitura flutuante das entrevistas e uma análise dos desenhos da família com estórias levantando os temas que se apresentaram. Desta primeira análise emergiram os seguintes temas: representação de família; separação dos pais; lugar do pai e da mãe; relação com o padrasto e/ou a madrasta; relação com

os irmãos; relação com o companheiro/pai biológico ou não de seu filho/a e projetos para o futuro.

Em um segundo momento os dados foram discutidos em função da teoria que apoiou nossa pesquisa em torno de alguns temas prevalentes nas narrativas: Representação de família; Configurações Familiares nas quais essas adolescentes vivem; Lugar atribuído ao pai em suas vidas e os Projetos para o futuro.

5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

As narrativas das adolescentes nos permitiram compreender, não apenas o modo como elas representam a família, mas também alguns outros aspectos de suas histórias, ou seja, como vivenciaram a separação de seus pais; o lugar que atribuem à mãe e ao pai em suas vidas, relacionamento com padrastos/madrastas, com irmãos, com o companheiro (pai biológico de seu filho) e seus projetos para o futuro. A seguir apresentaremos como cada participante se expressou a respeito de cada um desses temas, tanto nas entrevistas quanto no DF-E, como parte de uma análise inicial.

P1

Tema: **Representação de família.**

Questionada a respeito do que “família” significa, para ela, responde:

“Viver em união. Respeitar uns aos outros. Ter amor, amizade, não viver discutindo, seguir os conselhos dos pais, quando o pai dá conselho pra gente é porque é bom”.

“Às vezes eu quero conversar com a minha mãe e meu pai e não consigo porque eles não se entendem!”.

Tema: **Separação dos pais.**

“Desde quando eu tinha 5 anos de idade, meu pai colocava coisas na cabeça dele (referindo-se ao irmão) e na minha, só que na minha não adiantou e ele acreditou no meu pai, meu pai dizia que minha mãe não presta”.

“No dia que se separaram eles pegaram uma briga dentro de casa, ficaram discutindo”.

“Aí numa sexta-feira de madrugada, acordei com eles discutindo, ouvi quando minha mãe dizia que não agüentava mais, que queria se separar e ele disse que se (ela) fosse embora e levasse os filhos também. Ela saiu com a gente, o dia estava clareando e fomos para casa de minha avó (materna), que não aceitou a gente lá”.

“Ele disse que ficaria com os filhos, mas ela não veria mais os meninos”.

Tema: Relacionamento pais/filhos(as)

“Ele não deixou de dar atenção pra gente, chamou uma tia pra cuidar da gente.

Nunca me desamparou, sempre me ajudou, quando quero conselho dele, ele me dá, conselho de mãe não basta!”.

“Meu pai pediu pra minha tia cuidar da gente. Quando se casou com minha madrasta ela é quem cuidava da gente”.

“Quando eu tinha 10 anos, de repente quis morar com minha mãe, queria o carinho de minha mãe. Aí meu tio (irmão da minha mãe) me levou pra lá e quando chegou lá, minha mãe já estava casada com meu padrasto que me aceitou bem, o marido (dela) não fez cara feia”.

“Sempre que eu preciso dela, ela conversa, explica, sempre me deu amor, carinho, ter mãe é bom, nem todo o tempo da vida a gente vai ter. Enquanto ela tiver viva tá bom”.

Tema: Relação com o padrasto e/ou madrasta.

“É como uma mãe também”.

“Depois que passaram uns 3 anos minha mãe não veio mais me ver, então minha madrasta, levava a gente para ver minha mãe lá no trabalho dela, quando meu pai saía”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“Meu irmão tem 15 anos e mora com meu pai e minha madrasta”.

“Meu irmão sempre foi dengoso, meu irmão sempre colocava a culpa em mim, meu pai não me ouvia e sempre acreditava no meu irmão, aí me colocava de castigo”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“Conheci ele em Timbaúba, passei a namorar com ele, com 6 meses de namoro, noivamos. Passei dois anos em Timbaúba, depois voltamos para São Lourenço, quando chegamos aqui eu apresentei ele para a prima do meu padrasto (Márcia) que fez a covardia comigo. [Que covardia?] Ela saía do colégio, ia lá pra casa assistir a novela, eu estudava à noite e André vivia muito lá em casa. Quando eu chegava da escola, ele me dizia que ela estava se insinuando pra ele, eu não acreditava. Perguntava pra minha mãe que dizia que não via nada. Depois de um tempo eu comecei a acreditar nele, pois ela vivia muito lá em casa. Fui falar com ela e ela não negou e aí perdeu a amizade. Depois... ele gostava da safadeza, foi procurar ela e eu vi os dois juntos. Acabei o noivado”.

“Quando ela engravidou, ele foi morar com ela, eles têm uma menina de três anos. Eles se separaram logo depois do nascimento do bebê. Ele fechou a casa e voltou para a casa da mãe. Eu ia sempre lá na casa da mãe dele, eu não perdi o contato, gosto muito dela. E aí reacendeu de novo. Passei um tempo namorando

escondido de todo mundo, depois fui morar na casa dele, nem meu pai, nem minha mãe, gostaram”.

“Quando eu completei 1 mês de gravidez, estava completando 1 ano e 6 meses que estávamos morando junto e aí começamos a arengar, ele começou a ir pra farra quando soube que eu estava grávida, aí voltei pra casa de minha mãe e ele voltou pra casa da mãe dele”.

“Ele ia lá em casa pra falar comigo, eu saía pra não falar com ele”.

“Acho importante se comunicar com o filho, não quero tirar esse direito dele, o filho crescer sabendo que ele é o pai”.

“Representar um pai distante, mas não quero que ele tenha a mesma relação que eu tive com meu pai e minha mãe, deles viver brigando, não se falar”.

Tema: **Projetos para o futuro.**

Não expressa.

Desenho: DF-E

Desenho livre: Paisagem com nuvens, sol, pássaros, árvores e uma estrada.

Ausência de figuras humanas.

Estória: Paz, tranqüilidade e liberdade. Faz referência ao local que morou com a mãe e o padrasto.

Desenho 1:

Modelo de família **nuclear** – casal e um filho. A figura masculina é representada sem a metade de um braço. A feminina é desenhada carregando um bebê.

Estória: Carinho, compreensão, amor e entendimento. Representa uma família unida, feliz e em que há um bom entendimento, o marido é uma pessoa trabalhadora. (Uma certa idealização da família).

Desenho 2:

Modelo de família – **nuclear**. Casal e um filho e uma escola. No desenho a criança desenhada é mais velha do que a do desenho anterior e há uma seta indicando que o lugar da criança é na escola. A mãe carrega uma bolsa de enfermeira e o pai uma pasta de “executivo” (sic).

Estória: Descreve uma família nuclear, e afirma que é ela, o marido e o filho. A estória reflete seus desejos em termos de família: concluir os estudos e ser enfermeira, ter um marido executivo e que seu filho estude para ser alguém na vida, para evitar o sofrimento em que vive hoje. Ou seja, retrata uma família ideal.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **nuclear**. Casal e dois filhos. Os filhos são desenhados em tamanho maior do que os pais e estes aparecem chorando.

Estória: Na estória, afirma que desenhou a família de um colega que está envolvido com drogas e a irmã dele com prostituição. Ela e alguns colegas buscam ajudá-los, porém não são escutados. Os pais sofrem com a situação, aconselham, mas também não são escutados. Justifica-se assim o tamanho reduzido dos desenhos dos pais em relação aos filhos. Eles se encontram em uma situação em que se vêem “impotentes” diante do comportamento dos filhos

Desenho 4:

Modelo de família representado – **extensa**. A mãe, o padrasto, ela e o filho. Novamente, a criança é desenhada como um bebê no colo da mãe. A mãe e o padrasto são desenhados com os braços “amputados”. Escreve “somos só nós quatro, dentro de casa”.

Estória: A estória, mais uma vez, reflete seus desejos. Afirma esperar ser uma mãe paciente e dedicada ao bebê. O bebê é visto como a esperança de solução para problemas familiares, tais como, por fim às brigas entre o padrasto e a mãe e que ele possa se regenerar do vício do álcool. Tem uma representação positiva da mãe, como uma pessoa “trabalhadeira” (sic), mas, diz ter ficado surpresa com o acolhimento que esta lhe deu quando grávida.

Observações:

Pais separados, mas mantém algum tipo de contato com o pai. Está separada do pai da criança. Se observarmos a seqüência dos desenhos, podemos dizer que há uma certa evolução no ciclo familiar. No primeiro desenho temos um casal com um recém-nascido; no segundo, o bebê já se transformou em uma criança em fase escolar. No terceiro, encontramos um casal com dois filhos: um menino e uma menina. E o quarto a família representada é uma recasada, isto é, já houve uma separação e um recasamento. Até o terceiro desenho, segue um modelo de família socialmente esperado, desejado, aquilo que Butler (2001) afirma como “sujeitos que importam”. No último, de certa forma, rompe com a visão idealizada de família.

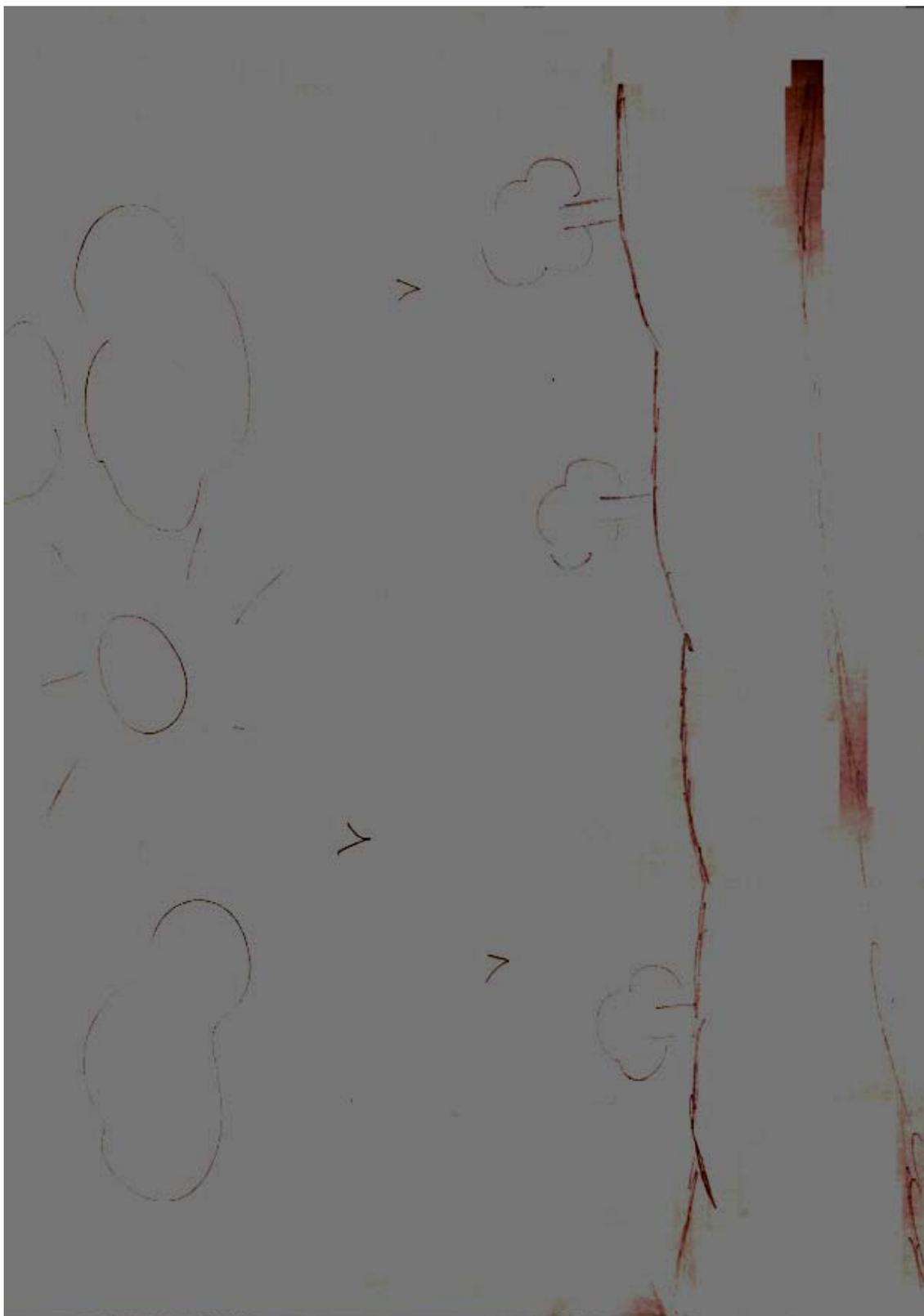
Por outro lado, vemos também que, no primeiro desenho, a figura masculina aparece com o braço direito “amputado”. No segundo, a família é totalmente

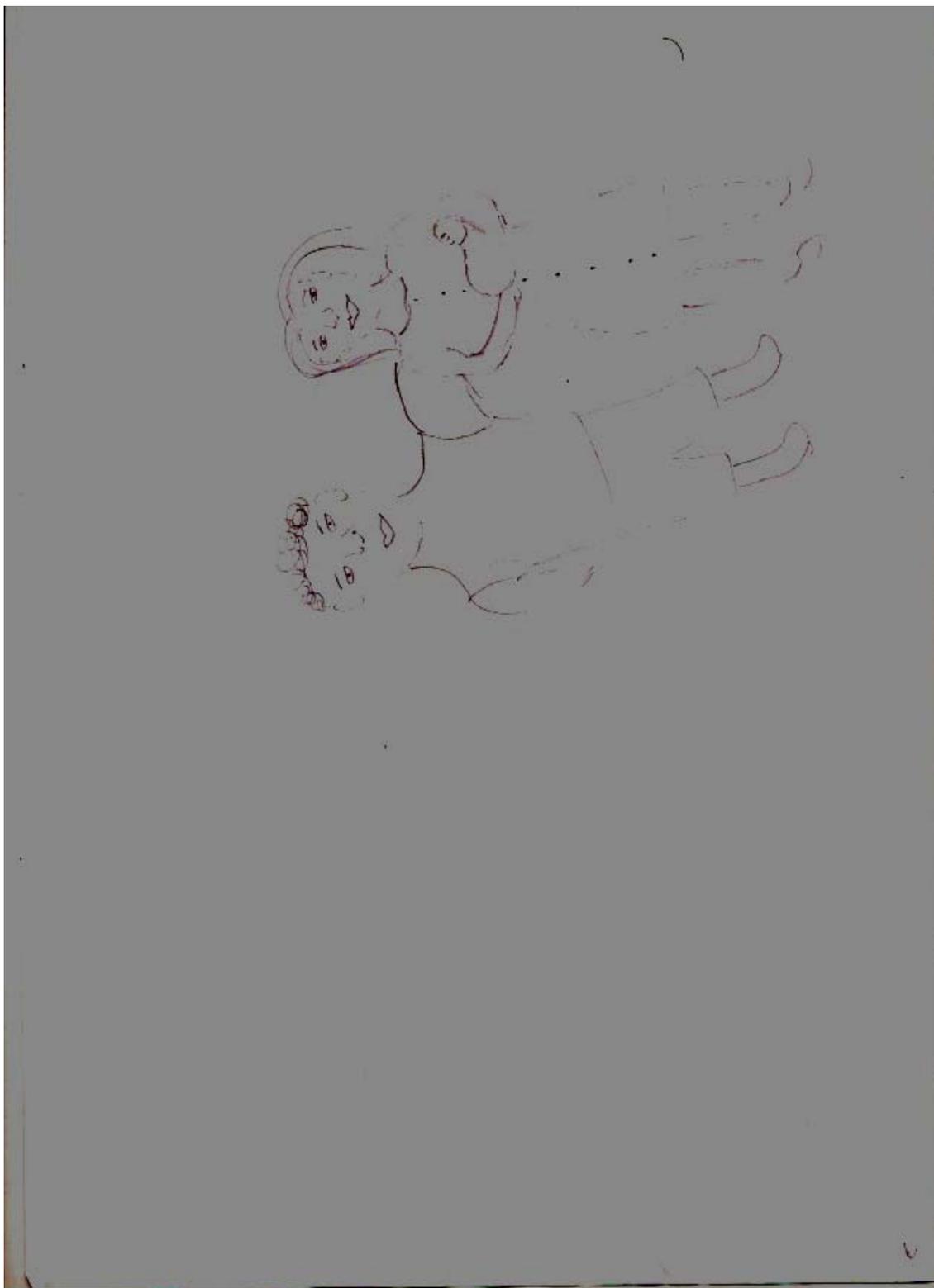
“certinha”, todos têm uma profissão e a criança vai à escola. Já no terceiro desenho, novamente, aparecem os “problemas”. Os filhos se drogam e os pais “não podem ou não sabem o que fazer. E no quarto, novamente os pais aparecem com braços amputados, a estória traz o uso constante de álcool por parte da figura masculina e brigas entre o casal”.

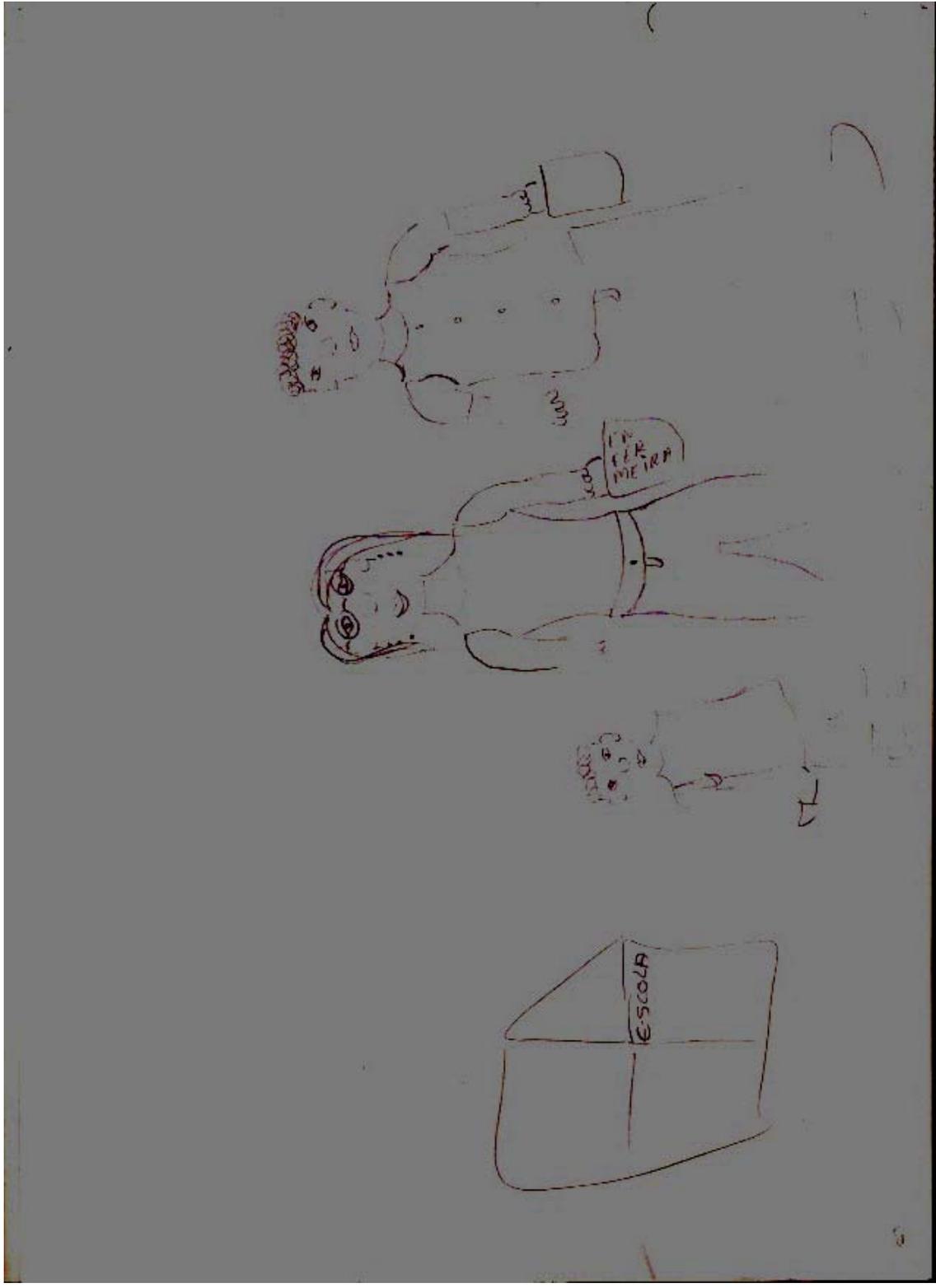
De um modo geral, a figura masculina é fragilizada, quer seja pelo provável desemprego (ela enfatiza bastante seu desejo de ter um marido trabalhador). É também curioso que as figuras masculinas dos desenhos 1 e 4 tenham os braços amputados, ou ainda pela dependência química (álcool, o padrasto; e outras drogas, o colega).

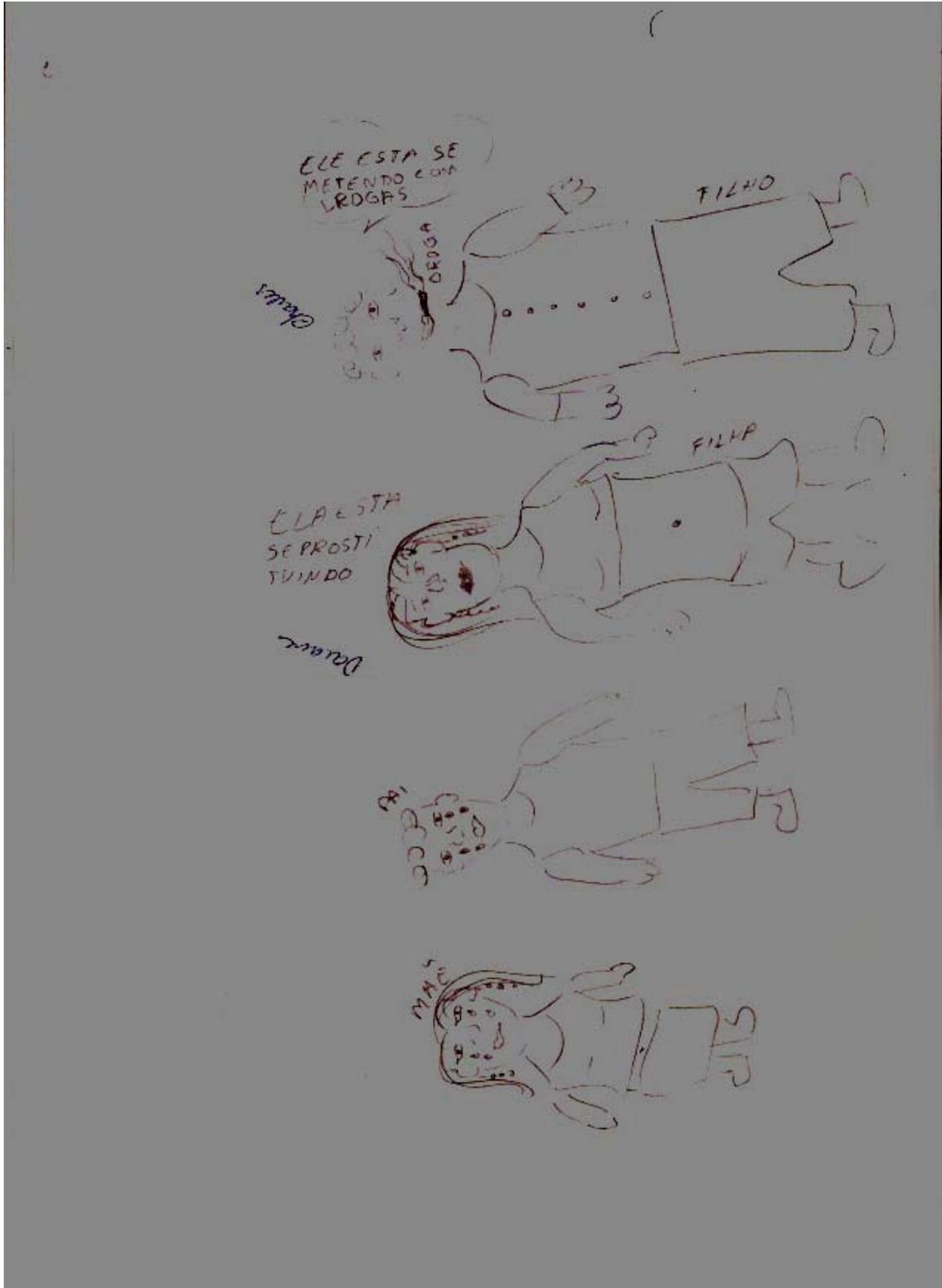
Quanto às mulheres que aparecem nos desenhos, no primeiro, aparece como mãe com um filho nos braços; no segundo, trata-se de uma mulher profissionalizada, no terceiro desenho, uma é prostituta e a outra chora e padece porque não pode resolver o problema dos filhos. No quarto, novamente aparece uma mãe com o filho no colo e a outra é uma mãe acolhedora e trabalhadora, embora tenha os braços amputados.

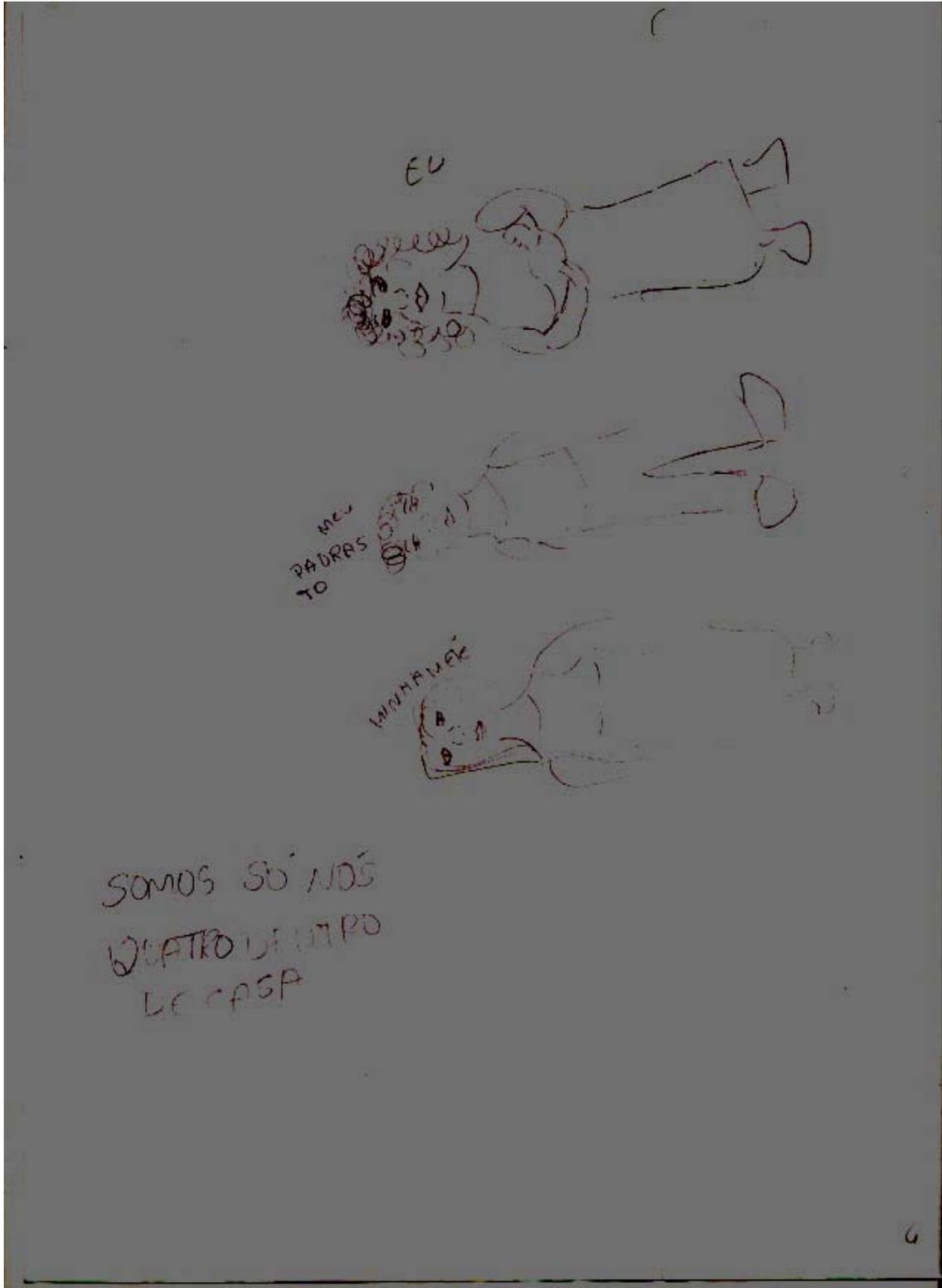
O trabalho assume uma posição central tanto nos desenhos-estórias quanto nas entrevistas. Há um desejo de ter uma profissão, de ter um marido que trabalhe, etc.











EU

MEU
PADRÃO
TO

MINHA MÃE

SOMOS SÓ NÓS
QUATRO DENTRO
DE CASA

P2

Fala: Tema: **Representação de família.**

“Uma família pra mim tem que ser feliz, alegre, sem briga nenhuma, e ser humilde. É, eu acho que é uma família para mim... faltava somente isso, sabe? Humilde a gente é, mas não tão alegre”.

Tema: **Separação dos pais.**

“Meu pai não vive com ela não, separou há sete anos. Às vezes ele liga lá pra casa pra perguntar (sobre os filhos). Agora, mais nunca eu vi ele não. Desses tempos pra cá eu vi ele, mas esse mês eu não vi ele não”.

Questionada a respeito de como ocorreu a separação dos pais, diz:

“Não sei porque eu era pequenininha”.

Tema: **Relacionamento pais/filhos(as)**

“É bom, mas às vezes tem arenga, aí a gente fica sem falar uns tempos e aí depois fala de novo”.

Afirma que durante o período de sua gravidez, sua mãe a “tratava superbem, me botava pra tratar nada [querendo dizer que sua mãe não permitia que ela fizesse nada, ou seja, trabalhasse], sempre querendo que eu comia bocado de coisas que eu não queria, isso sempre me botando pra frente”.

Quanto ao seu pai, diz que ele se separou de sua mãe há sete anos e: “às vezes, ele liga lá pra casa pra perguntar [pelos filhos]. Agora, mais nunca eu vi ele não”.

Se corrige e diz: “Não, desses tempos pra cá eu vi ele, mas esse mês eu não vi ele não”.

Tema: **Relação com o padrasto e a madrasta.**

Afirma que sua mãe já casou e separou de outro homem após a separação de seu pai. No momento, sua mãe vive sozinha. A respeito de como se dava com o marido da mãe, diz: “Mais ou menos”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“Minha irmã é chata, às vezes ela é legal, às vezes briga também”.

“Qualquer coisa que eu bulo nas coisas dela, aí lá vem ela com coisas”.

“aí eu vou e pego uns negócios dela e ela pega uns negócios meu e eu começo a falar e aí fica essa arenga”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“Quando eu fiquei com ele, ainda demorou um ano que comecei a ir com ele {significando que demorou um ano para manter relações sexuais com o namorado}. Aí quando eu fui com ele fiquei logo grávida”.

Questionada sobre o que decidiram depois que ela ficou grávida, diz:

“Ele queria que eu morasse na casa dele. Mas eu não gosto não, a gente não faz o que quer, e tem sempre aquela pessoa para atrapalhar (referindo-se à sogra)”.

Assim ela e o pai da criança ficaram namorando algum tempo, mas não foram morar juntos.

Perguntamos se ela tem intenção de morar com o companheiro e ela diz: “Agora eu não penso em morar com ele, mas agora eu quero morar com minha vó e minha mãe e pronto. Foi ela que me ajudou”.

Perguntamos se o pai da criança vai assumir responsabilidades com o filho, diz: “Claro, que ele vai ajudar, e minha mãe disse que vai botar ele na justiça”.

Sobre a relação dela mesma com o pai da criança, no momento atual, afirma: “Uma hora ele diz que não gosta de mim, outra ele diz que está com saudade do menino, e eu disse a ele que o menino não tem nada a ver, eu disse a ele se não ficasse comigo o menino não ia receber muito amor do pai não”.

Condiciona o relacionamento do pai com o filho à manutenção de seu relacionamento com o namorado. É como se dissesse: “Ou fica comigo ou esqueça seu filho”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: Preferiu não fazer.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **extensa**. Figuras desenhadas: avó, mãe, ela própria, tia e primos

Estória: Na história ressalta que, apesar da humildade da família, esta é uma família feliz. Salieta um grande amor por sua avó e, no desenho, é a avó que se encontra junto dela. Entre ela e a figura da mãe se encontram o primo e a prima. Isto é, a prima está desenhada ao lado da sua mãe. Na estória ela diz que não gosta da prima e diz que esta implica com ela.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **extensa**. Apenas a mãe e a tia.

Estória: Expressa um desejo de harmonia entre a mãe e a tia, pois elas brigam muito. Apesar disso, diz que é uma família feliz.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **extensa**. A tia e a avó.

Estória: Expressa preocupação com a saúde da tia e da avó, principalmente, por falta de um diagnóstico claro, fala de sintomas ligados à coluna e dores de cabeça e inchações.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha uma tia, a irmã e os primos.

Ao nomear cada figura, a irmã é nomeada como irmão.

Estória: Relata sentimentos ambivalentes em relação à mãe; “Minha mãe é chata e boazinha”. Da tia diz que briga com ela, mas faz as pazes e que gosta dela. Fala das primas e da irmã como sendo chatas.

Observações:

Pais separados, mas mantém algum tipo de contato com o pai. Está separada do pai da criança. É uma família centrada, principalmente, nas mulheres. Avó que ajuda oferecendo a moradia, mãe que cobra a participação do pai do neto na justiça.

Os homens circulam sem assumir grandes responsabilidades e/ou compromissos.

Entram como reprodutores, com pouca ou nenhuma participação na educação e

manutenção. Isso vale tanto para seu próprio pai quanto para o pai de seu filho. Neste último caso, o rapaz propôs que vivessem juntos na casa da mãe dele, mas ela não aceitou, afirmando que perderia a liberdade de fazer o que quer. Fala como se as mulheres da família se bastassem: “Agora eu não penso em morar com ele, mas agora eu quero morar com minha vó e minha mãe e pronto. Foi ela que me ajudou”.



2b)



2c)



2d)



P3**Tema: Representação de família.**

Questionada sobre como representava a família, inicialmente não compreendeu:

“Hum, tô entendendo não”.

“Sei lá, a família é engraçada porque a gente arenga, arenga mas quando tem as coisas a gente é unida”.

“Eu arengo com minha irmã, meu marido arenga com meu irmão, mas depois tá tudo unido”.

Tema: Separação dos pais.

Os pais continuam casados.

Tema: Relacionamento pais/filhos (as).

Questionada sobre como era o relacionamento com o pai, disse: “Normal, ele sempre dá bronca em mim, mas, coisa de pai mesmo, mas eu não deixei de arengar muito com meu pai não”.

Explicando porque arengavam: “Eu aprontava, porque eu saía muito, saía pro brega, e ele nunca gostou de eu sair escondido, e aí dá bronca, dá bronca e, às vezes, a gente apanhava”.

“Meu pai sempre fez meus gostos, até hoje mesmo ele sempre faz meus gostos”.

“A relação é a mesma (falando da relação com o pai após o casamento), eu acho que hoje eu tô mais unida com ele, qualquer discussão com meu marido, meu pai defende mais meu marido do que a mim, a minha mãe e meu pai, baba muito ele, eu não sei porque, até minha irmã diz a mesma coisa”.

Perguntada sobre a relação com a mãe, responde: “É unida, mãe escutava muita coisa minha, guardava segredo, a coitada”.

Explicando a expressão “coitada” disse: “Porque falava muita coisa, segredo, coisa do meu namorado e ela sempre acobertava”.

Questionada sobre o que a mãe representava para ela, respondeu: “Eu não sei explicar não, sei que é uma mãe amiga”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

Não tem padrasto ou madrasta.

Tema: **Relação com os irmãos.**

Inicialmente respondeu que seus irmãos não moravam na casa dos pais, pois eles eram casados: “Não, meus irmãos moram na casa deles”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

Respondendo sobre o início do namoro, disse: “Desde o colégio, a gente começou a ficar e foi ficando, até hoje...”.

“Eu tava namorando com ele, aí me perdi, aí depois eu engravidei, aí a gente começou a morar junto, mas eu não queria casar não”.

“Eu moro com meus pais por enquanto. Quem tá fazendo a casa da gente é meu marido, depois”.

Tema: **Projeto para o futuro.**

“Aí eu vou deixar ele com minha mãe, já já, vou deixar com minha mãe, aí vou voltar a estudar”.

Desenho: DF-E.**Desenho livre:**

Modelo de família representado – não tem. Desenha uma paisagem com uma casa, árvore, flores e está chovendo.

Estória: Diz que não tem o que falar do desenho. “Desenho normal”, é uma casa, aí tava chovendo muito, aí nasceu uma fruta e flores, faz de conta que é a minha.

Expressa o desejo de ter a sua própria casa, e cuidar da família para que frutifique.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **Extensa**. Desenha os primos brincando de roda, os maiores estão observando, e um está passeando com o cachorro.

Estória: Diz que: “Aqui é as crianças brincando de roda. E todos são primos.

Esses são os mais velhos olhando os outros brincar. Esse aqui é o cachorro dele.

Ele tá mais distante porque está passeando com o cachorro”.

Mostra harmonia e união. Os menores brincando de mãos dadas, enquanto os maiores observam, o que demonstra necessidade de ser cuidada.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha uma casa, os pais estão sentados dentro da casa, fora da casa estão tios, irmãos, ela, o marido, o filho e a avó.

Estória: Na estória expressa o desejo de reunir a família acabando com as desavenças que existem entre eles: “ Família unida, é o que está faltando. Porque

minha mãe não fala com meu tio (materno), minha irmã, também não fala com meu tio. Meu pai não fala com o tio dele, irmão de minha avó, porque não sei, faz muito tempo. E a briga da minha mãe foi porque minha mãe viu num barzinho a mulher do meu tio com outro, aí minha mãe foi conversar com ela e disse que se ela não gostava mais do irmão dela que se separasse, do que está botando gaia. E meu tio chegou quando elas estavam brigando e minha mãe contou pra ele e ele não acreditou. Eu falo com ele, o problema dele é com minha mãe e minha irmã que também se meteu. É uma festa com a família toda reunida, lá em casa. Isso são bolas”. Expressa alegria através da reunião da família, a figura do pai é desenhada em uma posição inferior à figura da mãe, que se encontra em cadeira mais alta e em uma posição superior.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **monoparental**. Desenha uma casa e dentro dela está uma mesa com duas cadeiras vazias. Fora da casa tem uma flor, uma árvore e o pai segurando uma garrafa.

Estória: Aponta incômodo com a questão do alcoolismo do pai, relata na estória: “É, mas isso aqui é meu pai que está bebendo muito. Ele era do Alcoólico Anônimo (há 17 anos), quando foi agora saiu. É a minha casa, bebe em casa, durante a semana ele trabalha direitinho, mas quando chega na sexta, sábado e domingo! Só que minha mãe disse que não é a mesma coisa de antes, não é de arrumar briga, nem gastar o dinheiro todo na rua, mas gostaria que ele não bebesse. Ele e minha mãe parasse, ela bebe pouco, mas bebe”. Coloca o pai afastado da casa e mais voltado para o que está fora de casa (bebida), embora

fale da mãe que bebe com o pai na estória, ela não aparece no desenho, os lugares estão vazios.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha o pai, a mãe, a sobrinha, o irmão, ela e o filho.

Estória: Diz que é: “Meu pai, minha mãe, essa é minha sobrinha (Mayara de 3 anos), que a mãe dela faleceu e minha mãe pegou pra criar, eu desenhei quem tá morando lá em casa. Leo (irmão), eu e meu filho. Meu irmão tem três filhos, minha cunhada morreu quando Mayara ia fazer um ano, aí como ela é a mais novinha, minha mãe pegou pra criar. Meu irmão é todo doido, assim porque ele não é acostumado a ficar com a bebezinha e minha mãe perguntou se ele queria que ela criasse ela, e ele disse que sim, que não sabia cuidar de menina”. Demonstra mais uma vez o seu desejo de união da família, as figuras aparecem com as mãos dadas.

Observações:

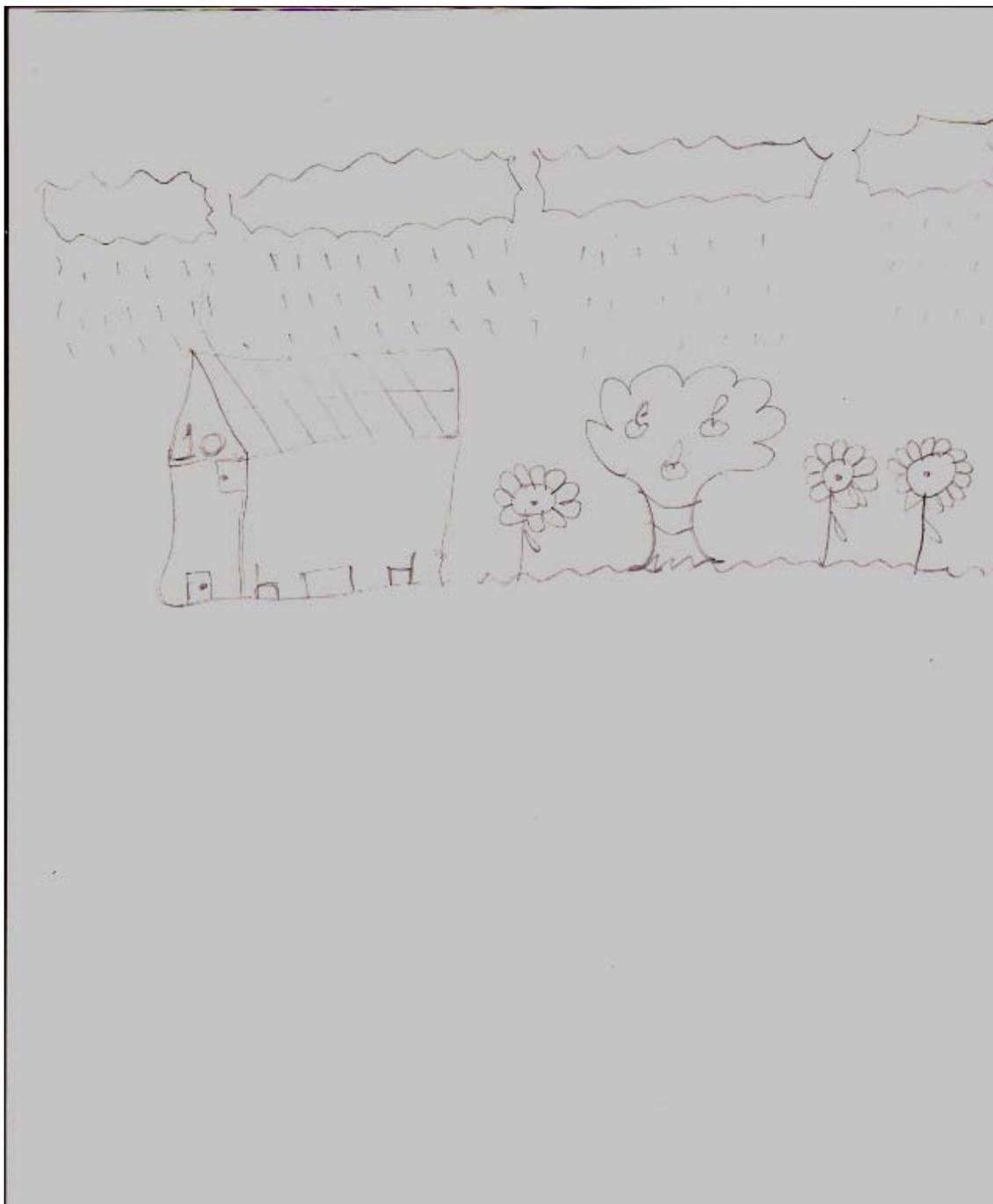
Os pais vivem juntos. Está morando com o pai da criança. Os desenhos mostram um desejo de reunir toda a família. Relata nas estórias situações de brigas entre os parentes, enfatiza um sentimento de não proteção, além das brigas na família, ela se preocupa com o alcoolismo dos pais. Está insatisfeita com os constantes desentendimentos e conflitos entre os membros da família. Observamos que a palavra chave é a união, isso fica claro em sua família abrangente, que envolve tios, sobrinhos e primos. No desenho livre coloca uma paisagem com chuva, que demonstra a necessidade de ser cuidada e também cuidar, a preocupação em

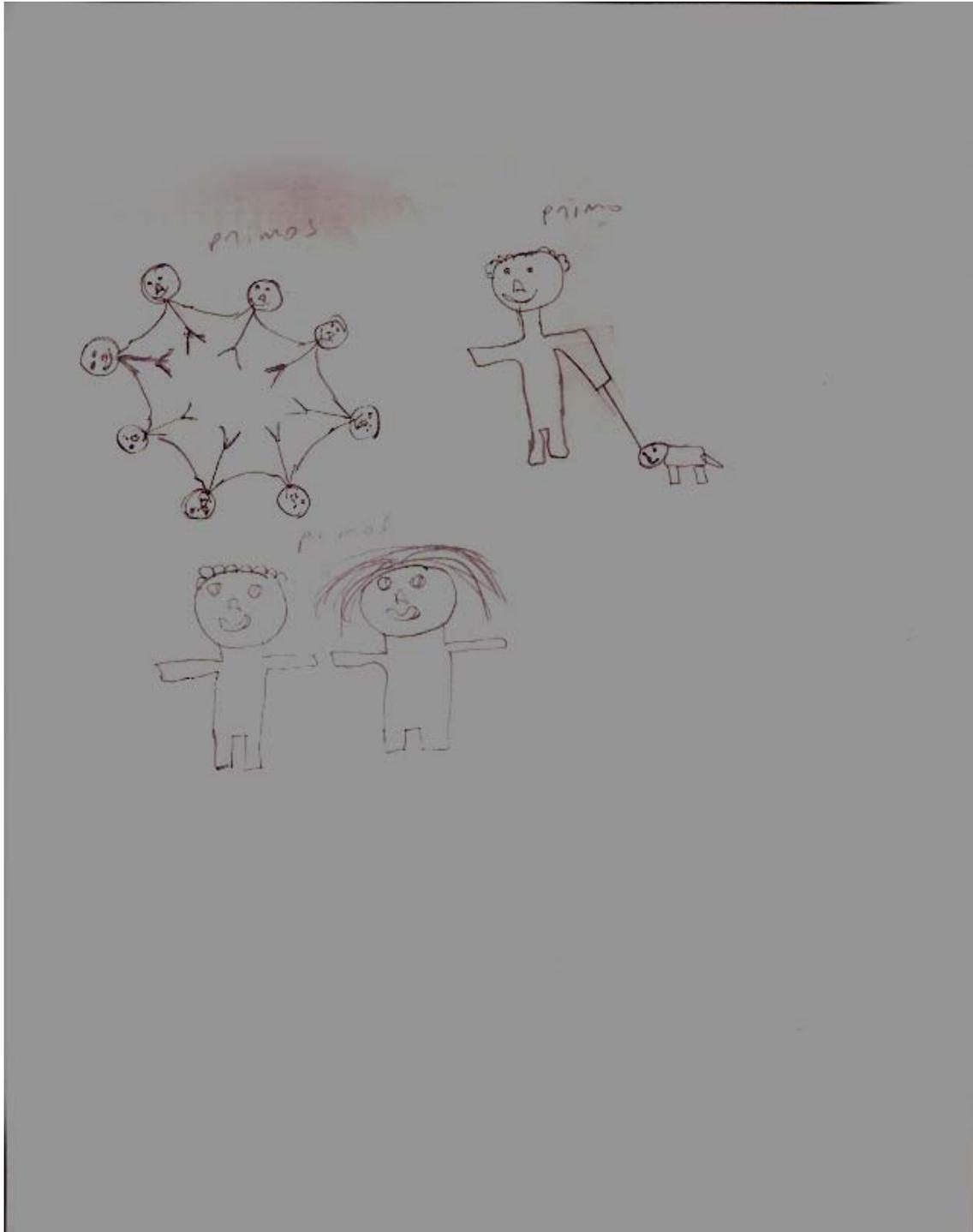
promover a harmonia entre os familiares indica o cuidado. Em todos os desenhos expressa a preocupação de cuidar e ser cuidada, no desenho um quando diz “esses são os mais velhos olhando os outros brincar”. No desenho dois, se queixa da falta de união entre os membros da família, e deseja que houvesse esse entendimento. A forma que encontra para reunir a família é através de uma festa em que as desavenças podem ser esquecidas. No desenho três, em que coloca que alguém não se encontra bem, traz o problema do pai, com o uso sistemático do álcool, embora reconheça que “durante a semana ele trabalha direitinho”, na sexta-feira, sábado e domingo ele se volta para a bebida, a mãe não aparece. Transmite impotência e incômodo diante de tal situação. No quarto desenho, coloca a família reunida, diz, “desenhei quem tá morando lá em casa”. Observamos que o marido não se encontra no desenho, embora na entrevista diga que eles têm um cantinho na casa, no quarto dela.

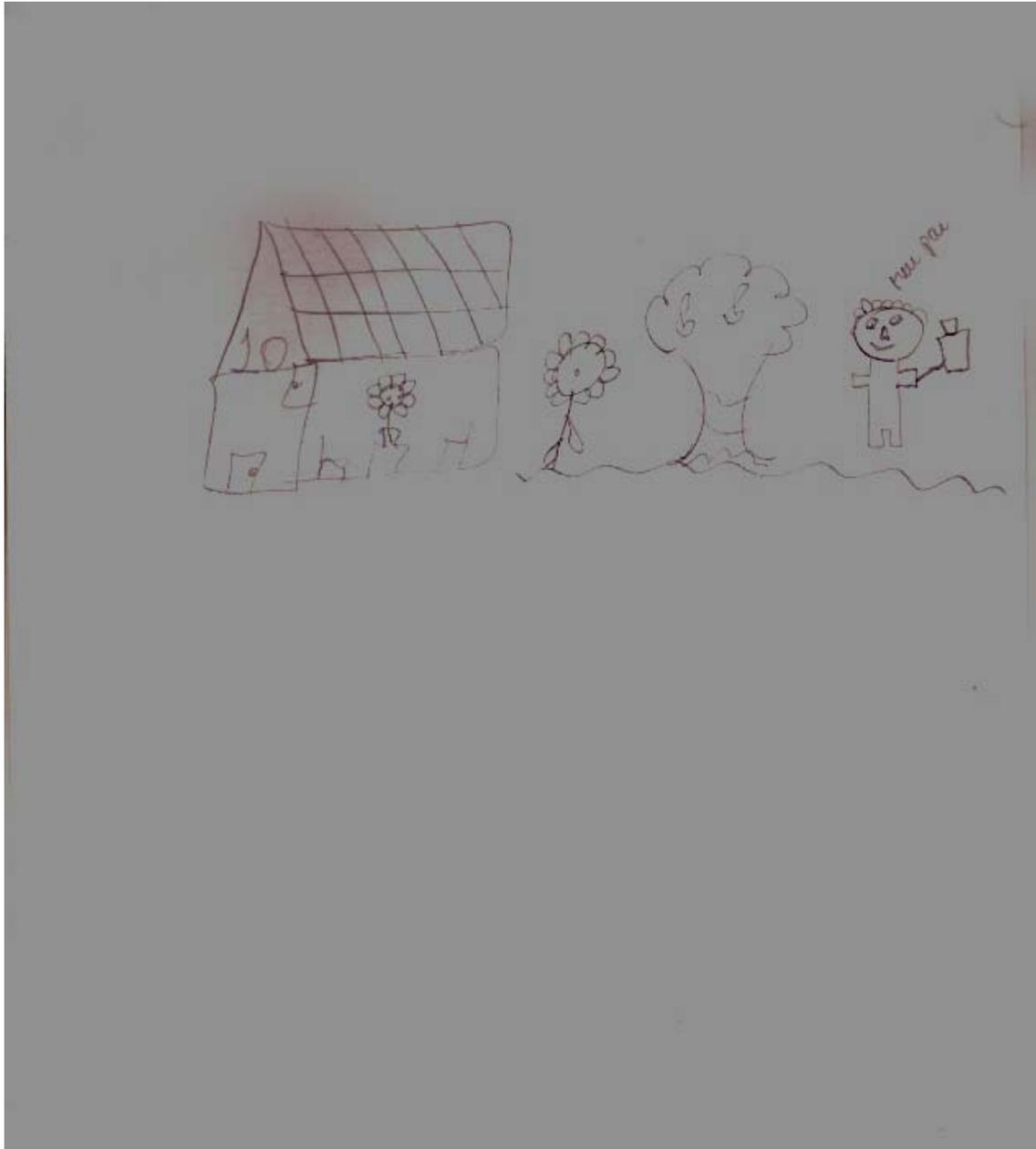
A figura masculina no segundo e terceiro desenhos, é retratada com problemas: no segundo desenho aparece em uma posição inferior à figura feminina e, no terceiro envolvido com o álcool. Os adultos masculinos, pai, tios, irmão, estão envolvidos com problemas pessoais, brigas, conflitos, álcool, e o irmão reconhece uma incapacidade de cuidar da filha, “minha mãe perguntou se ele queria que ela criasse ela e ele disse que sim, que não sabia cuidar de menina”, por isso, não cuidam das crianças. Expressa conteúdos bons como a união, felicidade e harmonia, e conteúdos maus como os conflitos, desunião e problemas com álcool. Esses conteúdos maus trazem sofrimento e o sentimento de desamparo, de não estar sendo cuidada.

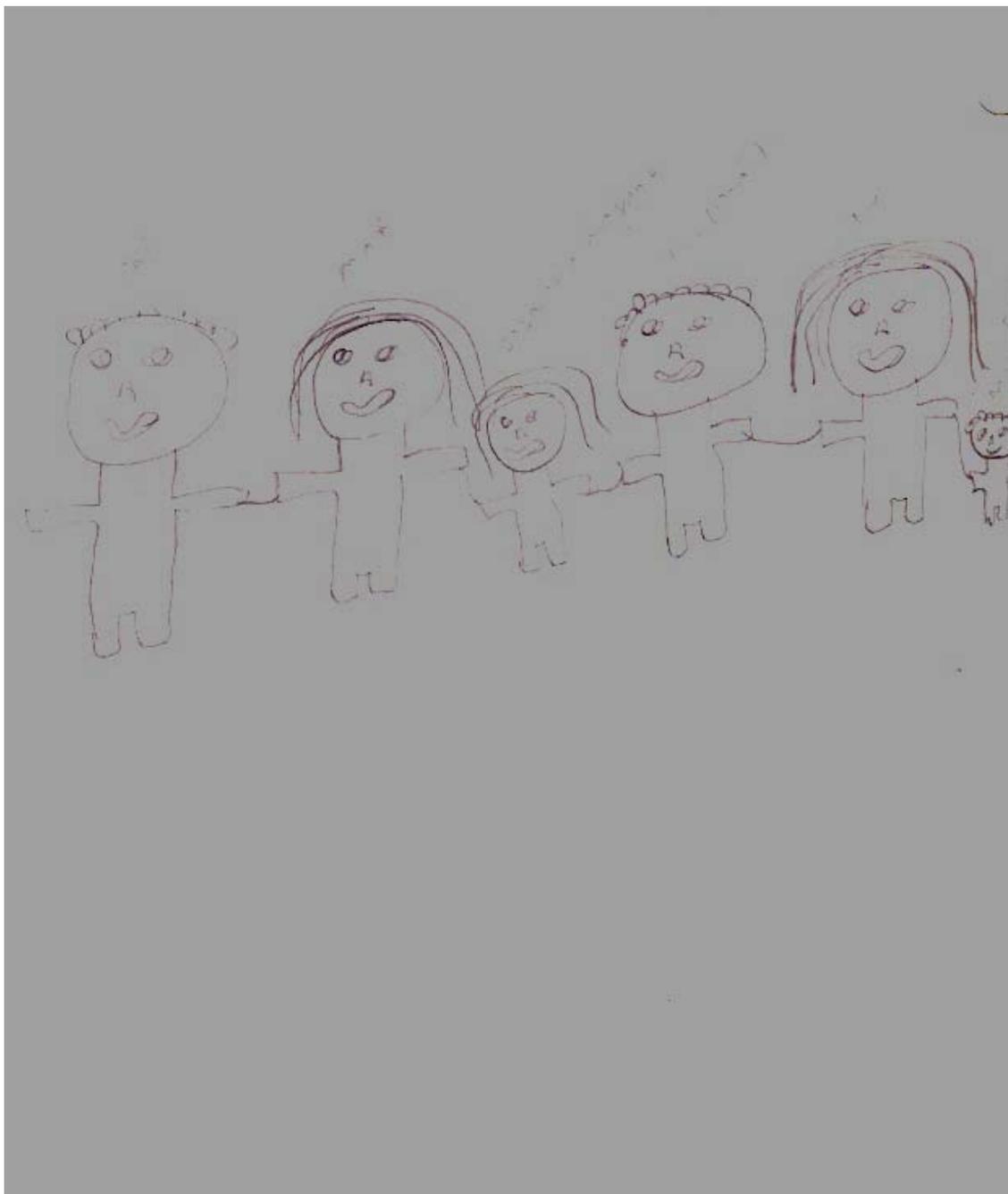
Chama-nos atenção em seu relato quando escondia as coisas do pai, e falava com a mãe que tinha de guardar segredo, e expressa que o filho também siga

esta regra, falando de como seria a relação entre os dois, pai e filho diz, “ele é calmo, visse, mais calmo do que eu, ele vai acoitar a safadeza dele”, “menino acoita a safadeza do pai, menina é mais com a mulher, meu pai acoita muita coisa do meu irmão”.









P4

Tema: **Representação de família.**

“Família é tudo, companheirismo, ajuda um ao outro, só. Em boa parte não tenho isso”.

“Minha família não se une muito um com o outro”.

“As vezes, eles ajudam mas não é de boa vontade”.

“Para mim é importante em uma família a união”.

Tema: **Separação dos pais.**

“Eu tenho pai, mas não mora comigo. Meu pai saiu de casa desde quando eu era novinha”.

Tema: **Lugar do pai e da mãe.**

“Me dou bem com meu pai e tenho contato com ele”.

“Meu pai compreendeu quando eu engravidei”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

“Minha mãe teve um companheiro, mas atualmente vive só”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

Não se refere.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“O pai de minha filha já estava comigo há 6 meses, eu engravidei, com três meses de gravidez eu briguei com ele e mandei ele ir embora, ele tem 18 anos”.

Tema: **Projeto para o futuro.**

“Pretendo terminar meus estudos para trabalhar, para oferecer o que eu puder de bom para a minha filha”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: preferiu não fazer

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha mãe, filho e pai.

Estória: Relata que é uma família nova: “Esta é uma família que está começando agora, tudo é novo e bonito e os sonhos para o futuro são muitos. O futuro dos filhos e de toda a família”. [Existe uma esperança de felicidade].

Desenho 2:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha toda sua família de origem e a filha. E ao lado uma casa.

Estória: “Esta é a família que gostaria de ter, bem unida e feliz e todos com um objetivo comum, que seria “todos por um e um por todos. E moram todos juntos e felizes, isso é o mais importante, a união faz a força e a alegria também”.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **Casal sem filhos**, a figura masculina está sem a perna esquerda e se encontra chorando.

Estória: Na estória deixa ver que, para ela, esta não é a família ideal, é “incompleta”. “ Esta é uma pequena família e não tem filhos, pois o sofrimento é grande. Os filhos não agüentariam ver o pai sofrendo assim, ele é muito triste e infeliz, esta não é uma família completa de verdade”.

Desenho 4:

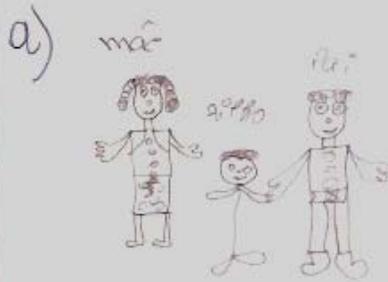
Modelo de família representado – **extensa**. Desenha os tios, irmãos e a mãe.

Estória: Na minha família existem muitas pessoas, mas não vale nem a pena desenhar, pois não é uma família unida. Não gosto de minha família, pois é uma família que não se importa com os outros. Estas são as pessoas que eu quero desenhar e que me importam e procuro ser feliz com eles e me importar com eles”.

Observações:

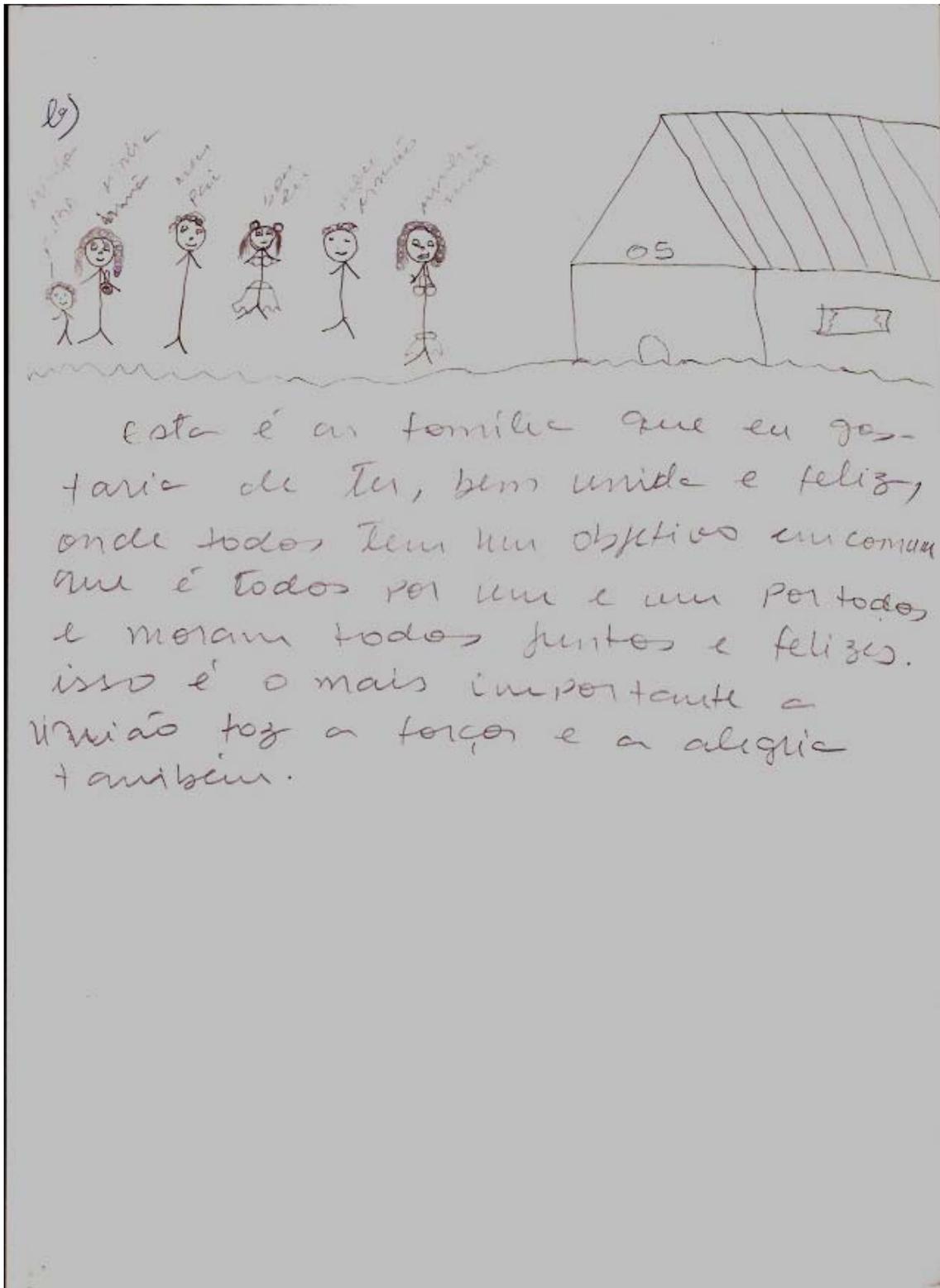
Pais separados, porém mantém algum tipo de contato com o pai. Está separada do pai da criança. Poderíamos dizer que a palavra-chave para esta participante é “união”. Dá muito valor a uma família unida e considera que isso é fundamental para ser feliz. Deixa claro que não encontra isso em sua família, mas tem alguns membros que são mais próximos dela (duas tias, dois tios, irmãos e a mãe que ela desenha quando se pede que desenhe sua própria família. Omite o pai). Por esses, ela se sente cuidada e cuida. Deixa passar uma certa mágoa, ressentimento em relação aos demais membros da família, diz: “nem vale a pena

desenhar”. A queixa é a falta de união. Apesar da separação dos pais, a presença do pai se faz sentir, em todos os desenhos, com exceção daquele que ela faz a sua própria família, há a presença de um pai. Com o pai de sua filha, namorou durante nove meses, seis antes de engravidar. Com três meses de gravidez, briga com o namorado e o manda embora. Quando desenha uma família em que alguém não está bem, é o pai que sofre e não é feliz. Exclui os filhos, dizendo que estes não agüentariam ver o sofrimento do pai, aparentemente, quer proteger os filhos. No desenho o pai está chorando, tem a perna esquerda amputada e a mãe sorrindo e de vestido longo como se fosse a um baile ou a uma festa. Fala muito pouco sobre a mãe. Faz projetos positivos para o futuro: trabalhar para sustentar a filha e dar o que puder de bom para ela. Parece se identificar com a filha, pretendendo protegê-la, uma proteção de que ela sentiu falta



Esta é uma família que está começando agora. Tudo é novo e bonito, e os sonhos para o futuro são muitos.

O futuro dos filhos e de toda a família. só isso.

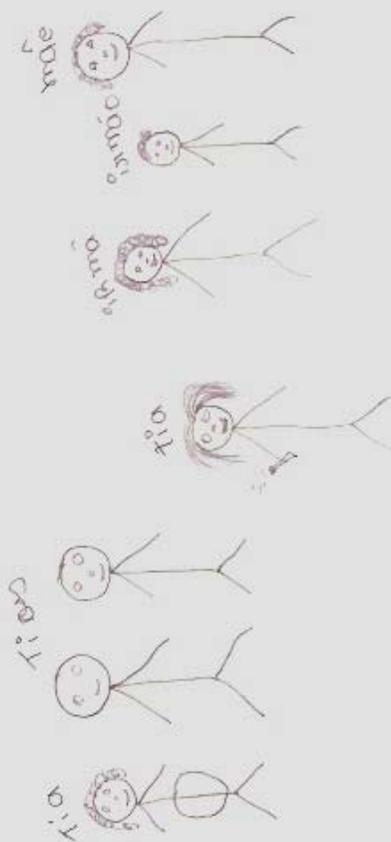


c)



Esta é uma pequena família e não tem filhos, pois o sofrimento é grande, os filhos não aguentam ver o pai sofrendo assim, ele é muito triste e infeliz. esta não é uma família completa de verdade

D) a minha família existem muitos pessoas, mas não vale nem a penas desenhar, Pois não é uma família unida, não gosto de minha família. Pais é uma família que não se importa com os outros. Dstos são as pessoas que eu quero desenhar e que me importam e, Procuro ser feliz com eles, e me importa com eles.



P5**Tema: Representação de família.**

“Não sei explicar”. Não conseguiu expressar uma representação de família.

Tema: Separação dos pais.

“Minha mãe era separada dele. Fazia pouco tempo, acho que três semanas antes dele morrer”.

Tema: Relacionamento pais/filhos (as).

Questionada a respeito de como era seu relacionamento com o pai, diz: “Era bom. Meu pai me levava pra onde ele ia”.

Quanto ao relacionamento com a mãe, diz: “É bom. Não gosto de ir pra lá, pois tem muitas brigas com meu padrasto, fica pra lá, fica pra cá”.

Tema: Relação com o padrasto e/ou a madrasta.

“É bom. Esse marido da minha mãe é o terceiro depois do meu pai”.

Explicando como a família recebeu a notícia de sua gravidez: “Minha avó ficou feliz, mas mandou eu ir pra casa de minha mãe. Meu padrasto quis bater em mim, então fui morar com minha sogra”.

Tema: Relação com os irmãos.

“Não. Brigamos muito, ela implica muito”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“Então eu fui pra uma danceteria e conheci Cícero. Aí engravidei”.

Tema: **Planos para o futuro.**

“Pretendo voltar a estudar”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: preferiu não fazer.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Casal e o filho.

Estória: Fala de um casal que considera feliz, dá a entender que gostaria de ser como eles.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **extensa**. O tio, a tia e um primo.

Estória: Apenas nomeia as figuras, sem acrescentar nada.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **extensa**. A avó, a neta (irmã da adolescente) e o tio.

Estória: Nomeia as figuras e faz referência a pressão alta da avó.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **monoparental**. A mãe e dois filhos (irmãos da adolescente).

Estória: Apenas nomeia as figuras, sem acrescentar nada.

Observações:

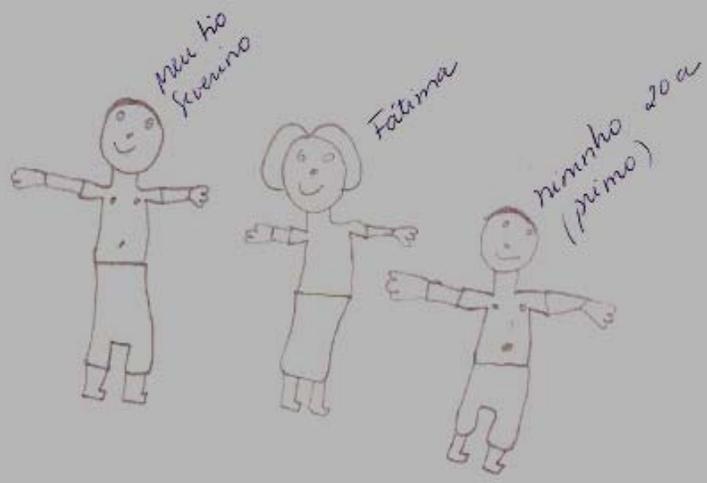
Os pais se separaram três semanas antes de ele ser assassinado. P5 mora com o companheiro, pai de seu filho, há dois anos. De início, na casa da mãe e, em seguida, na da avó paterna. Hoje mora sozinha com ele em um quarto perto da casa da avó. Relata uma história de brigas familiares constantes, com a presença de violência entre a mãe e o padrasto. Seu pai foi assassinado em briga de bar, três semanas depois de se separar de sua mãe que já tinha ido viver com outro companheiro. Ao construir um novo relacionamento sua mãe leva dois filhos e deixa os demais, inclusive ela, com a avó.

A respeito de sua gravidez, afirma que, na ocasião, morava com a avó, que ficou feliz com a gravidez, porém mandou que fosse morar com sua mãe. O padrasto quis lhe bater e por isso foi morar com a sogra. Não conseguiu se entender com ela e voltou a morar com a avó de onde saiu, posteriormente, para morar sozinha com o companheiro, com quem se dá bem.

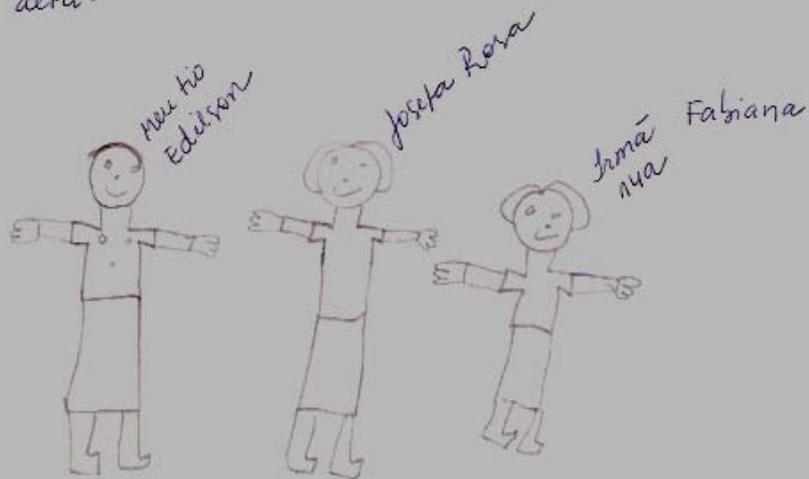
6a) Vizinho lá perto de casa. Leliv, mãe e Wendel



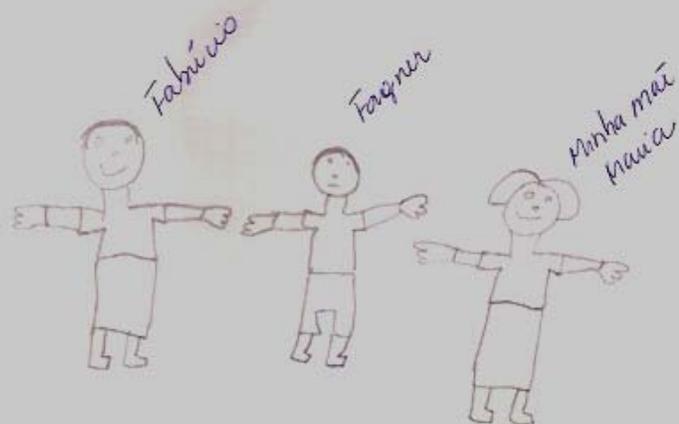
66) São as irmãs da minha mãe.



6c) ~~Mãe~~ avô: Josefa Rosa. Mãe do pai. Docente. Sope de
prensa alta.



(d) Minha mãe, Meu irmão e minha outra irmã.



P6**Tema: Representação de família.**

“Família pra mim é uma coisa muito importante, porque a hora que eu precisar tem ao meu lado, e hoje tá muito divino, como minha irmã mesmo, se não fosse ela eu não taria aqui hoje, porque o resto da minha família não gosta de mim. Só minha mãe e ela mesmo (a irmã). E hoje eu estou aqui por causa dela”.

Questionada sobre como uma família deve ser organizada, diz: “Assim, né, porque não tem nem como explicar, assim pra ser tudo unido. Assim... porque tem uma Irmã mesmo que não gosta de mim não. Ela jogou muita praga em mim. Ela disse que quando eu fosse ter essa menina eu ia morrer na sala de parto. Hoje a filha dela tá grávida, né! A gente não sabe o dia de amanhã. Hoje a minha irmã (outra irmã) teve aqui e aí ontem ela ligou, disse que ela (a que jogou praga) mandou pedir desculpas e tava sem se controlar. Aí quando chegasse queria falar comigo. Eu disse: não tem problema, não. Tá tudo certo, com fé em Deus. E hoje eu estou aqui”.

Tema: Separação dos pais.

Foi abandonada pelos pais, deixada com uma pessoa próxima que a criou.

Tema: Lugar do pai e da mãe.

“Se minha mãe fosse outra me ajudava, a que mora no Rio (a mãe biológica, que a abandonou), mas quem me ajuda em tudo é essa que me criou, aí ela disse que, porque quem era pra tirar meu registro era essa minha mãe que me criou, aí ela disse que se ela tirasse colocava ela na justiça, aí minha mãe passou três

dias doente por causa disso, aí ela disse que não ia tirar não, mas eu fiquei muito magoada, porque eu preferia, porque mãe é a que cria e não a que faz, bota no mundo e despreza”.

Questionada sobre o pai disse: “ele ligava pra mim. Dizia tudinho que gostava de mim, ela (a mãe) mandava dizer que me odiava, mandava dizer muitas coisas”.

“Ela (a mãe que a abandonou) tá o que, doente em cima de uma cama, quer que eu vá pra lá , eu disse eu não vou não, que eu não vou deixar minha cidade, meu marido, minha filha pra tá lá, nem minha mãe, porque mãe é a que cria, pra mim mãe é a que cria não é a que faz e despreza não”.

“Assim eu queria hoje ter meu pai , porque com toda derrota a mãe sofre tudinho pra ter a gente, mas vamos ver a responsabilidade dela, meu pai era muito mais melhor que ela”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou madrasta.**

Não teve. Foi adotada pela pessoa que a mãe deixou para tomar conta por dois dias e não mais apareceu.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“São nove comigo, são sete mulheres e dois homens”.

“Assim porque tenho um irmã mesmo que não gosta de mim não, ela jogou muita praga a mim, ela disse que quando eu fosse ter essa menina eu ia morrer na sala de parto”.

“Porque o resto de minha família não gosta de mim”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

A entrevistada, falando sobre a relação com o pai da criança: “ele disse que queria falar comigo, às vezes saía prá falar com eu, aí me perdi com ele, fiquei grávida”.

Explicando porque tinha terminado o relacionamento com o pai da criança: “Ele é desse tipo de gente, ele é , que é assim vende drogas muitas coisas, aí pra mim não dava não, porque se viesse policia ia acochar, ia levar ele né, ia procurar minha mãe porque eu sou de menor, aí levar muito rebuliço, aí eu deixei ele, não quis mais não, separei”.

Falando sobre o novo companheiro, que conheceu quando terminou o relacionamento com seu primeiro companheiro: “Agora tá tudo bem, ele é um bom marido, tudo que eu quero ele me dá, quando ele não pode, assim mesmo ele faz pra arrumar, ele é um bom marido muito melhor que o pai da minha menina”.

Dizendo que o novo companheiro assumiu a gravidez dela: “Ele não arrenegou não, sabe porque, ele disse assim ele podia arrumar dez mulher, mas toda mulher que ele ficasse ele disse que não esquecia eu não, ele disse foi um amor à primeira vista, desde a primeira vez que me viu se apaixonou, aí eu disse foi, tá bom”.

Perguntada sobre o pai da criança, falou: “Ele disse que se não visse tocava fogo na casa, aí minha irmã disse que amostrava a ele, mas só quando meu marido não tivesse em casa, pra meu marido não vê pra não dar confusão”.

Explicando que o novo companheiro assumiu a criança como filha dele: “ele gosta de minha filha, ele já está ansioso pra vê ela, esse tempo todinho ele não consegue dormir, quando vai dormir ele bota pra chorar porque eu não tô em casa, acostumado a dormir comigo, aí fica lá sozinho, aí ele chora”.

Tema: **Planos para o futuro.**

Não faz referências.

Desenho: DF-E

Desenho livre.

Retrata uma paisagem com flores, frutos e uma casa, expressa otimismo, alegria e felicidade. Coloca dois corações com expressão humana e dois corações com as palavras amor e paz.

Estória: Relata: “Uma é que eu gosto muito de natureza. Gosto de plantar. Não deixar as plantas morrer, assim, no sol. Gosto de fruta. Eu fico em frente de casa olhando as estrelas. Eu brincava muito com balanço na árvore. Ao lado da minha casa no sertão. Onde minha mãe morava. Lá em Patos. Eu gosto de desenhar coração. Os corações fala um pouco de amor. É a casa que eu moro. Só” . Expressa afeto pelas coisas da natureza. Passa a idéia de sonhos com um ar de romantismo. Faz referência a uma cidade em que morou.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Um casal de vizinhos e seus dois filhos.

Estória: Diz que é: “Meu vizinho, minha vizinha. No dia que ela completou ano, ele deu um buquê de flores para ela. Esses são os dois filhos dela”. Expressa admiração por um bouquet de flores oferecido pelo marido à esposa no aniversário dela. [Aponta para um momento de romantismo, felicidade e admiração pelo presente dado].

Desenho 2:

Modelo de família representado – família **extensa**. Desenha uma irmã, um irmão e o filho desse irmão.

Estória: Relata na sua estória: “Minha família ser unida. Porque todos não são unidos, não. A pessoa unida é tão bonito, não é não? Minha irmã, meu irmão e o filho do meu irmão. Aqui eles acabaram de se unir porque não falavam, não. O menino também não falava com o tio, mas agora tá tudo bem, final feliz. Brigavam porque ele deu nela é o mais bruto, mais ignorante”. Retrata um desejo de união entre os irmãos, na cena expressa a realização parcial desse desejo com a reconciliação entre dois de seus irmãos.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **família abrangente**. Desenha a prima e dois amigos dela. A prima cheia de bolinhas e os dois amigos sorridentes.

Estória: Refere-se à doença de sua prima: “Aqui é minha prima com catapora e aqui são dois amigos dela. Amigos lá de perto . Geovana, 14 anos. Ela não podia sair de casa, todo mundo dizia que ela ia ficar perebenta. Hoje ela está limpa. Faz tempo. Os amigos ficaram intrigado com ela porque pensaram que iam pegar catapora. Cada cá em sua casa”. Manifesta sentimento de exclusão à qual foi submetida pelos amigos. Mostra aspectos de desinformação, preconceito e medo, por parte dos amigos, em relação à prima.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **monoparental**. A mãe e dois de seus irmãos.

Estória: Diz na sua estória: “ Aqui é meu irmão, minha mãe, minha irmã. Rosevaldo é o irmão (19 anos) e a irmã Rejane (23 anos). Mãe Zuleide. Aqui são tudo unido. Moram juntos”. Retrata um desejo de ver a família unida, no desenho e na estória realiza essa união.

Observações:

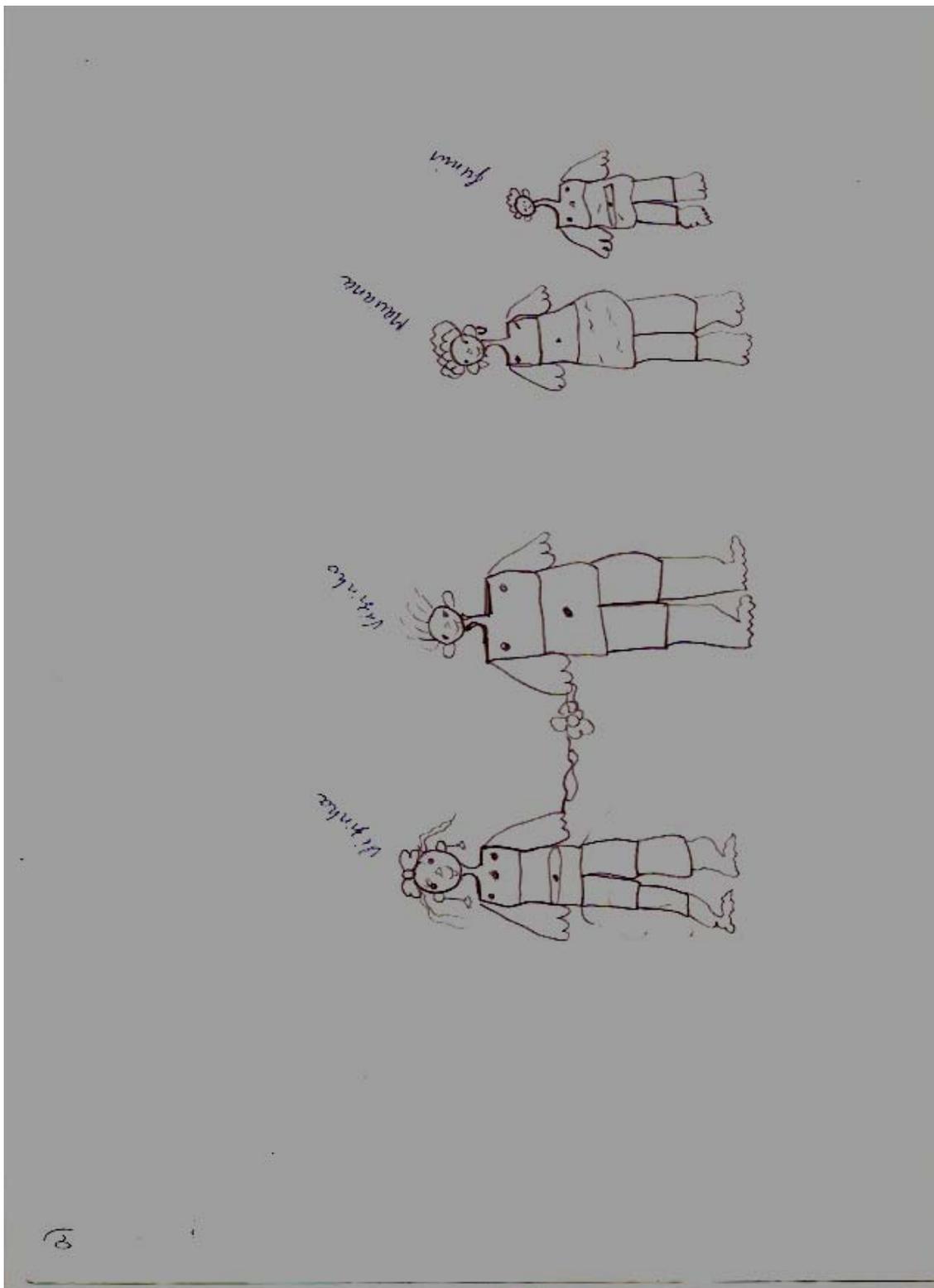
Foi abandonada pelos pais, que viajaram para o Rio de Janeiro, deixando-a, inicialmente, com uma pessoa conhecida que a adotou como filha. Está separada do pai da criança. Guarda muita mágoa da mãe biológica, devido ao abandono e muito carinho pela mãe adotiva, e, posteriormente, pela irmã que continuou a criá-la. Tem boas recordações do pai, com o qual falava por telefone e ele lhe enviava cartas, e dizia coisas bonitas, que gostava dela, sentia-se acolhida pelo pai. Em relação à mãe biológica, tinha uma percepção de exclusão e desamor “ela mandava dizer que me odiava, mandava dizer muitas coisas”. Não considera a mãe como tal, quando se refere “hoje acaba precisando de mim, hoje ela tá o que, doente em cima de uma cama, quer que eu vá pra lá, eu disse, eu não vou não, que eu não vou deixar minha cidade, meu marido, minha filha pra tá lá, nem minha mãe, porque mãe é a que cria, pra mim mãe é a que cria não é a que faz e despreza não”.

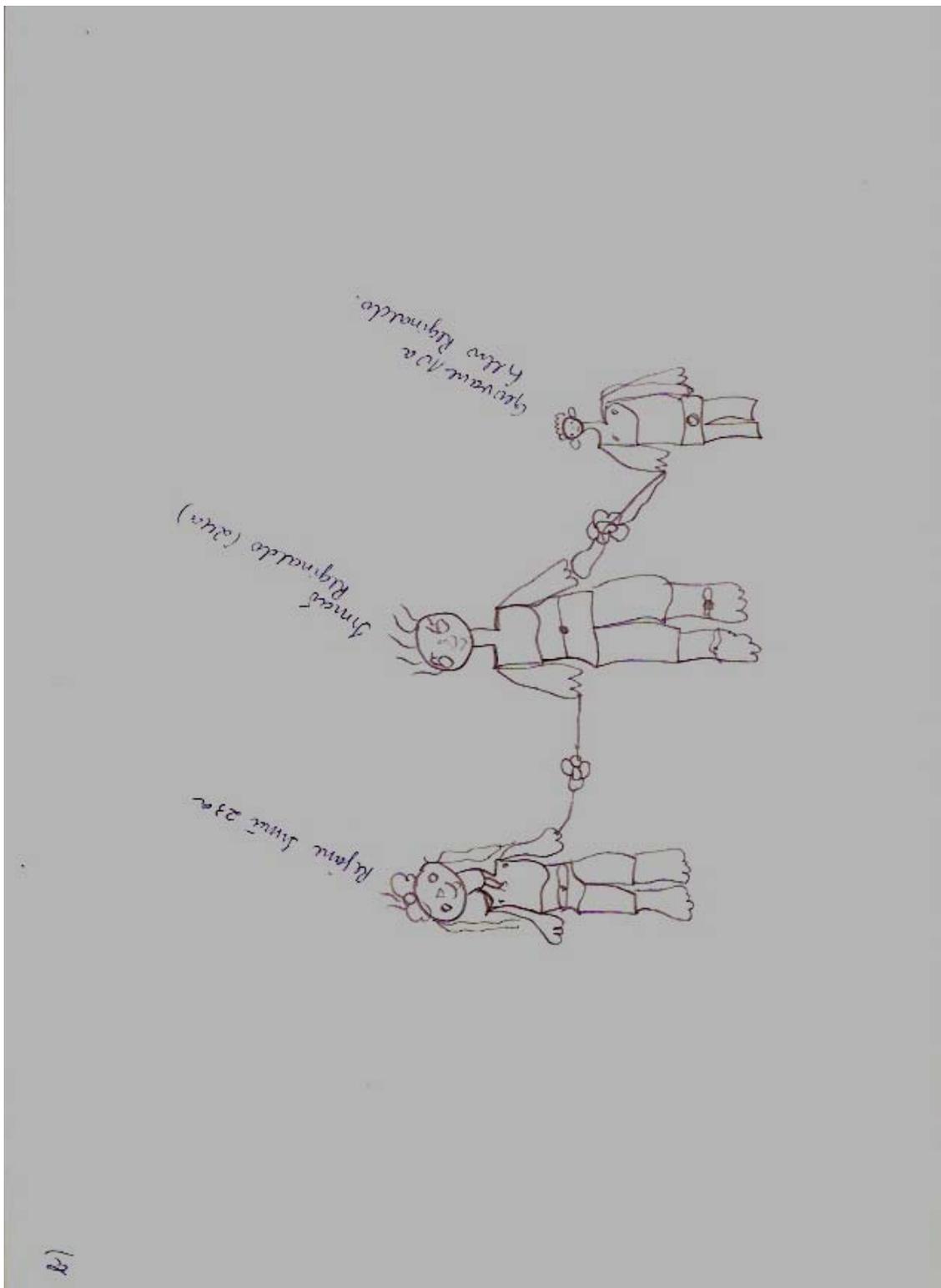
Diz que família é tudo, coloca contradição no seu afeto, pois ao mesmo tempo que reconhece a importância da família diz que uma parte de sua família não gosta dela. No seu desenho livre, coloca uma paisagem toda florida com dois corações com as palavras amor e paz. Idealiza essa condição de tranquilidade. No desenho um, demonstra um aspecto romântico ao admirar o gesto de seu vizinho que presenteou a esposa com um bouquet de flores. No segundo desenho, idealiza

uma família unida, reconhece que sua família não tem união, projeta esse desejo ao unir dois irmãos e um sobrinho. No terceiro desenho, traz a questão da exclusão, ao mostrar a situação de uma prima com catapora, em que é excluída pelos amigos, por medo e desconhecimento. Reflete o sentimento de exclusão que uma parte de sua família a coloca. E no quarto desenho, realiza essa união com seus irmãos e sua mãe. Demonstra que o atual marido (que não é o pai de sua filha) além de ter um carinho também cuida dela. Diferente da preocupação e medo que tinha em relação ao seu ex-companheiro, o pai da criança, do qual se separou ainda grávida.

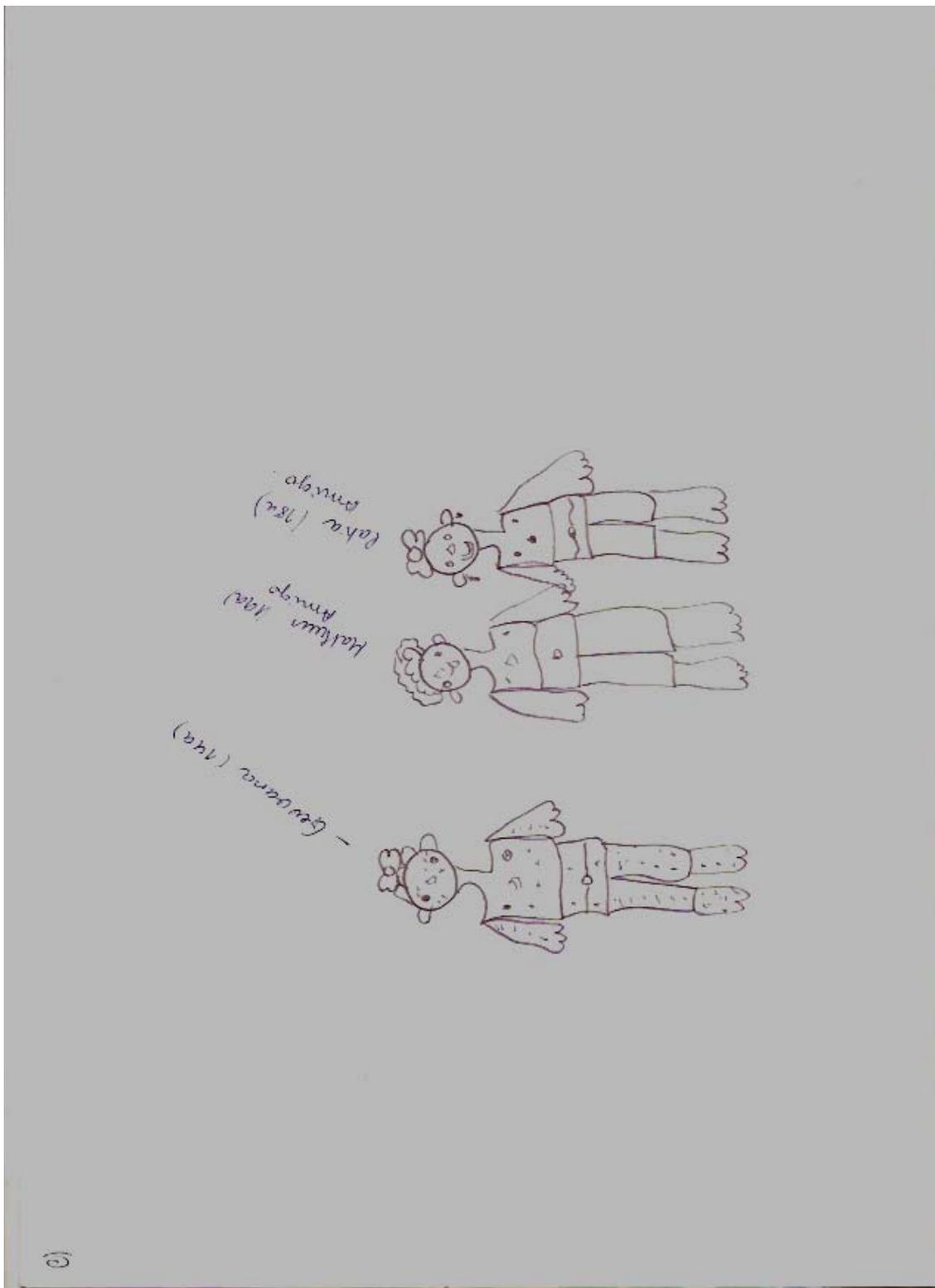
Denota ternura e gratidão pela mãe adotiva, e pela irmã que a acolheu, quando rompeu a sua relação com o pai da criança, a fim de protegê-las, “ele é desse tipo de gente, ele é, que é assim vende drogas, muitas coisas, aí pra mim não dava não, porque se viesse polícia ia acochar, ia levar ele né, ia procurar minha mãe, porque eu sou de menor, ia levar muito rebuliço, aí eu deixei ele, não quis mais não, separei”. Expressa uma condição conciliadora, embora se sinta impotente em como realizar a conciliação, remete aos outros essa função (a irmã em relação ao pai do bebê, e ao marido em relação à sogra). Algumas mulheres aparecem com um papel negativo em sua vida (a mãe biológica, a irmã Roseane, a sogra que a acusava de tudo que desaparecia), no terceiro desenho, ela traz a prima (mulher) com problemas. Demonstra carinho com as figuras masculinas (pai, marido, pai adotivo). Se coloca satisfeita com sua condição de mãe, não estabelece planos para o futuro, apenas ser mãe.

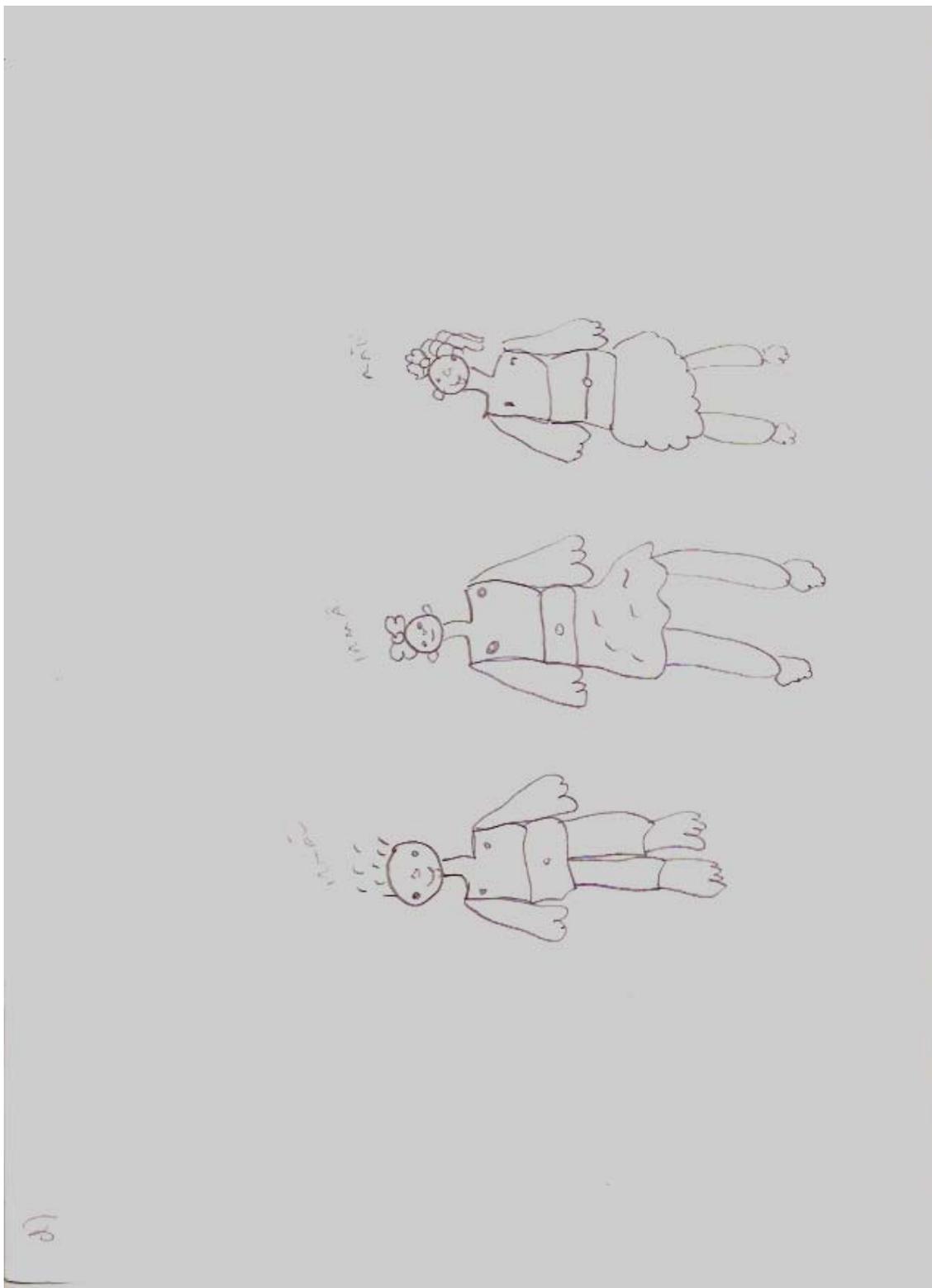






k)





P7

Tema: **Representação de família.**

“Família para mim tem que ser unida porque ninguém vai dizer que tem uma família e no momento que mais precisar não tá lá para proteger, parece até que não é família e dê muito amor um ao outro”.

Terma: **Separação dos pais.**

“É, eu tinha dois anos”.

“Só lembro do dia da briga, do dia da separação”.

“Todo domingo eu ia pra casa dele”.

“Quando a gente começou a andar, a gente ia só e só vivia lá com ele, só vinha em casa pra dormir, passava o dia com ele”.

Tema: **Relacionamento pais/filhos (as).**

“É, meu pai e minha mãe, os dois”.

“Com a minha mãe tudo bem, a gente nunca arenga, sempre uma está ao lado da outra. A gente sempre combina as coisas, divide as coisas para fazer, as coisas de casa”.

Questionada sobre o início do relacionamento com o seu companheiro, disse que sua mãe se colocou dessa forma: “é se você quer ficar com ele, vá pra casa de seu pai que de lá você toma seu destino. Aí eu peguei fui pra casa do meu pai, e depois fui morar com ele [sem comunicar ao pai], aí meu pai não gostou muito, e ficou muito magoado comigo, ficou estranho, dizia que eu não era filha, e quem

perguntava dizia que não tinha filha. Ficou muito magoado comigo com isso. Que ele não queria que eu fizesse isso”.

“Depois que eu engravidei, aí começou esse negócio de vômito, pressão. Aí eu fui pra casa de minha mãe”.

“Aí eu fui pra casa de minha mãe, ela disse, venha pra cá até você melhorar, aí eu fui ficando, fui ficando e agora tô lá, na minha casa. Vou ficar até o resguardo”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

Questionada sobre como era a relação com a madrasta e o padrasto, disse: “A esposa dele, ela me trata bem, nunca empatou de me dar as coisas”.

“Me dava bem , ele não se envolvia do lado da gente não, quem se envolvia era minha mãe, ele nunca se envolveu de querer dá na gente não, ele nunca veio mexer com a gente não. Ele sempre se meteu com a filha dele”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“Quando tem muito impaciente na família nunca dá nada certo”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“Eu e ele, pretende continuar nossa família. Por mim vai até eu morrer, ele morrer. Por mim a gente termina”, [explicando que pretende continuar com a relação até que a morte os separe].

“O menino vai se criar junto do pai e da mãe eu acho que na mentalidade dele seria muito melhor, ele vai se criar junto do pai e da mãe”.

Tema: **Planos para o futuro.**

“Eu tô pretendendo para o ano, ele está mais durinho, tem condições de ficar com uma pessoa, voltar a estudar, só não deixo com minha mãe, porque ela sofre dos nervos e não pode ficar com ele”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: preferiu não fazer.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha a família de sua irmã. A irmã, o cunhado e o sobrinho.

Estória: retrata uma família feliz. União e entendimento entre os membros. “Minha irmã, meu sobrinho e meu cunhado, eles são felizes”.

Desenho 2:

Modelo de família representado - **extensa**. Desenha o marido, ela própria, as irmãs e a mãe, escreve a palavra paz.

Estória: Na estória diz: “Eu, meus irmãos arenga muito. Nunca tá todo mundo bem, sempre um tá arengando. Esses dois (Joelson e Deyvison) estavam sem falar, só por causa do menino (filho) voltaram a se falar. Brigavam por causa da bicicleta. A bicicleta era de Dayvison e Joelson pegou a bicicleta e emprestou pra outra pessoa sem pedir autorização”. Retrata sua família, aponta briga e desunião entre os membros, deseja paz entre eles. Busca harmonia.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a irmã, o marido, ela própria, a mãe e os irmãos, indica que a mãe não está bem.

Estória: Relata na estória que: “Mãe toma remédio controlado por causa do lúpus. Tem lúpus desde criança, trabalhou no interior, cortando cana, quando ficava doente, vó dava analgésico. Não pode levar sol. Usa protetor o tempo todo e sombrinha. É esquecida demais com as coisas de casa”. Desenha sua família e coloca que sua mãe se encontra acometida de uma doença crônica (lúpus). Expressa uma preocupação protetora com a mãe.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a irmã, o marido, ela própria, a mãe e os irmãos.

Estória: Relata na estória que: “As brigas de sempre. Brigam muito. Agora, quando chega a acontecer alguma coisa todos se unem para ajudar, esquece a raiva e as brigas”. Expressa o ambiente de briga constante na família, mas reforça a idéia de que quando algo ocorre a um dos membros, todos se unem para ajudar, esquecendo as desavenças. O ideal de felicidade é ter todos unidos em qualquer situação.

Observações:

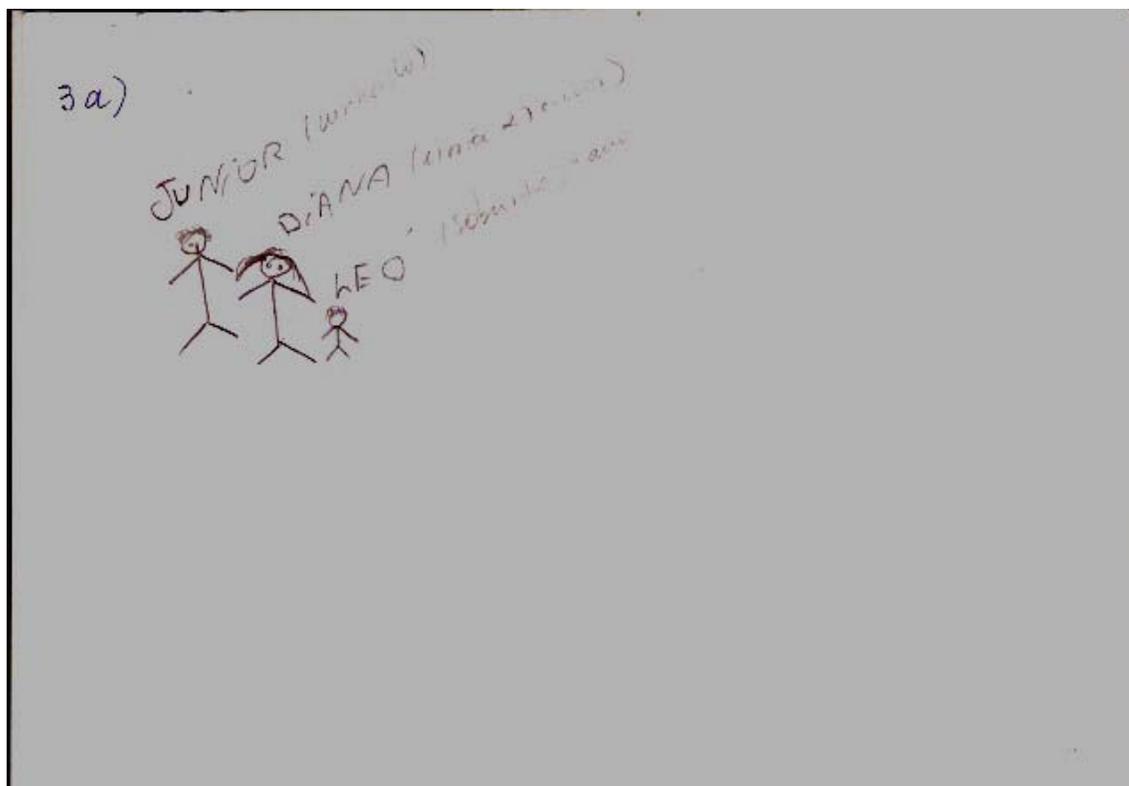
Pais separados, mas mantém contato com o pai. Está morando com o pai da criança. Para esta participante a família tem que ter união, dar proteção e amor. Outro aspecto levantado é que as pessoas precisam ser compreensivas. Está muito incomodada com as constantes brigas na família, e procura ter um papel de

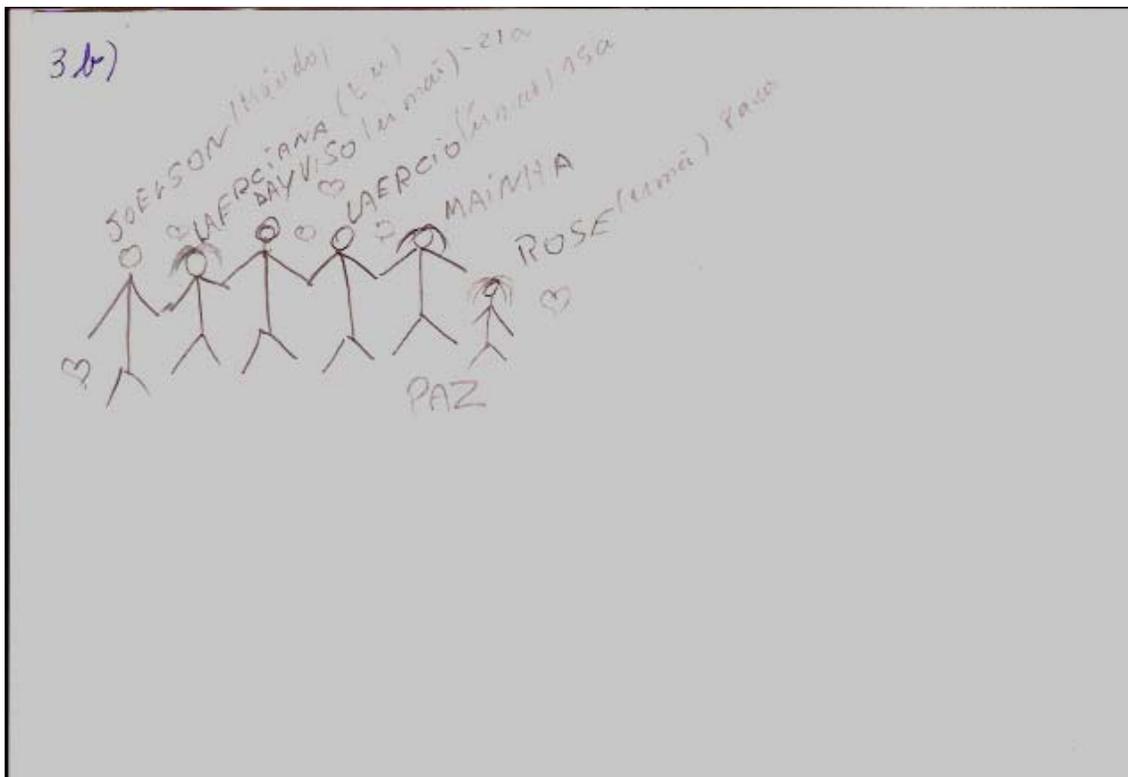
conciliadora. Há uma idealização de felicidade. No primeiro desenho (desenhar uma família qualquer), expressa essa idealização ao colocar como modelo de felicidade sua irmã, o cunhado e o filho. Quando se pediu para desenhar a família de que gostaria ter, coloca o marido, os irmãos e a mãe, o pai foi excluído, porém nos chama atenção a palavra “Paz” inscrita no desenho, que denota o seu incômodo com os constantes conflitos. Diz que seus familiares nunca estão bem e que sempre tem alguém arengando com o outro. Expressa o desejo de conseguir alcançar harmonia no ambiente familiar. No desenho em que alguém não está bem, coloca sua família e assinala que sua mãe não está bem, por causa do lúpus, assinala a mãe com deficiência. No desenho de sua família, expressa a contradição entre felicidade e briga, denuncia as constantes brigas e deseja com essa família chegar a felicidade, que passa por atingir a união entre os familiares. Reconhece que a família só se une quando existe algum evento com algum dos membros.

Mostra um desejo de uma união sólida com o companheiro, pretendendo viverem juntos “até que a morte os separe”. Deseja construir uma família e educar o filho com os pais por perto, juntos, por entender que seria o melhor para a criança.

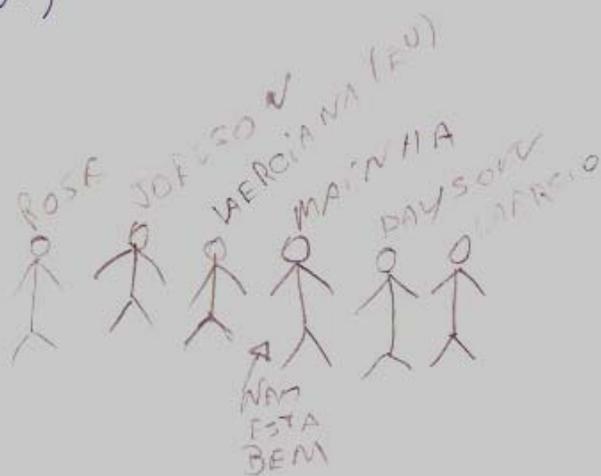
Em relação à mãe, embora diga que sempre combina as coisas, aparentemente existiria uma sintonia entre elas, quando comunicou seu namoro, ela (a mãe) pediu para ela ir morar com o pai, (fugindo a uma responsabilidade) para de lá ela tomar o rumo que quisesse. E já na casa do pai, fugiu para morar com o namorado, o que deixou seu pai muito contrariado e magoado. Então, ele, começou a renegá-la, dizendo que não tinha mais filha, “ficou estranho. Dizia que eu não era filha, e quem perguntava, dizia que não tinha filha”. Foi morar com o namorado e foi bem recebida pela família dele; após seis meses de convivência,

engravidou e devido aos problemas da própria gestação (enjôo, pressão alta) voltou a morar com a mãe. Estabelece uma boa relação com a madrasta, que tem um papel protetor, e falou que, embora sua mãe já esteja separada do seu segundo companheiro, mantinha uma boa relação com o padrasto disse, “me dava bem, ele não se envolvia do lado da gente não, quem se envolvia era minha mãe, ele nunca se envolveu de querer dá na gente não”. Pretende voltar a estudar quando o filho estiver mais durinho.

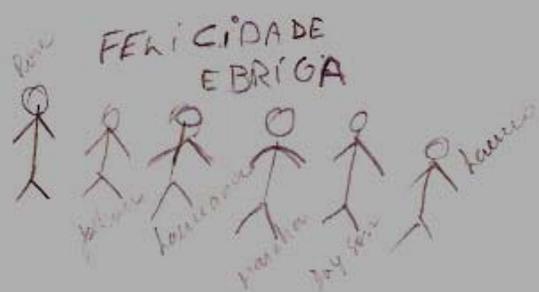




3e)



3d)



P8**Tema: Representação de família.**

“Não sei falar não, ai, uma família, pra mim uma família é tudo”.

Tema: Separação dos pais.

“Eu era pequena, mas meu pai brigou com minha mãe”.

Explicando que após a briga sua mãe precisou ser hospitalizada em decorrência de uma fratura na clavícula “quando minha mãe veio do hospital, aí eles pegaram e brigaram eles três (a amante do marido), pegaram e brigaram, pelo caso dele ter batido nela e ela ter sido internada e pelo caso de ele estar com a outra, aí eles brigaram, aí minha mãe pegou e se separou dele, até hoje”.

“Eu tinha uns três pra quatro anos”.

“Quem saiu de casa? A gente, sempre era a gente, com minha mãe, ela sempre queria deixar ele dentro da casa”.

Questionada se sua mãe recasou, disse: “Pra ela foi bem, sei lá, pra ela foi bem por que ele não batia nela nem nada. Pra mim não, que eu não gostei dele e nem ele de mim”.

Tema: Relacionamento pais/filhos (as).

Questionada para onde foram morar, disse que, inicialmente, ficaram na casa de um tio, irmão do pai e: “Aí depois, minha mãe pegou arrumou outra casa pra gente morar, a gente foi morar na casa da gente”.

“Ele ia me ver, ia ver meus irmãos, mas não era daquele mesmo jeito que ele ficava com a gente, já era diferente já, porque a mulher que ele tava era cheia de filho”.

Falando como era o seu relacionamento com o pai antes da separação, em que seu pai a protegia muito e fazia suas vontades: “Ele não deixava, se eu pequena ele não deixava, se eu mandasse ir pra algum canto, ele não deixava se eu não quisesse ir eu não ia, ele deixava , assim fazer minhas vontades, ele deixava eu fazer minha vontades”.

Explicando como é hoje o seu relacionamento com seu pai: “ele nunca demonstra que gosta de mim, não, é mais fácil ele dizer que gosta dos outros do que de mim”.

Questionadas sobre a importância do pai na sua vida: “Não vejo importância, ele é importante pra mim, mas eu acho que eu não sou importante pra ele, não, se fosse importante pra ele, ele não me tratava assim não, agora se, primeiramente Deus, secundamente, ele e depois minha mãe, se não eu não tava aqui hoje”.

Dizendo como gostaria que o pai fosse atualmente: “Que meu pai me atendesse bem, que meu pai gostasse de mim, embora que ele não me desse as coisas, assim, me desse amor, me desse todo amor e carinho todo apoio que eu preciso”.

“Ela sempre contou comigo eu sempre conto com ela, desde pequena assim, eu, ela e minhas irmãs a gente sempre foi unida uma com a outra”.

Explicando como a mãe recebeu a notícia de sua gravidez: “Melhor ainda, porque todas as minhas irmãs têm filho, todos os meus irmãos têm filho, só faltava eu e ela sempre me dizia é antes de eu morrer, ela dizia, diz até hoje: “antes de eu morrer vou ver minha filha casada com filhos”.

“Minha mãe sempre teve importância, sempre teve importância, se não fosse ela agora, que eu tivesse deixado meu marido eu ia tá aonde, nem eu mesmo sei”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

Questionada sobre o novo companheiro de sua mãe, disse: “Pra ela foi bem, sei lá, pra ela foi bem por que ele não batia nela nem nada. Pra mim não, que eu não gostei dele e nem ele de mim”.

Dizendo porque não se dar bem com o padrasto: “hoje ele tá de bem com você, amanhã ele tá diferente já, tá mudando já, se ele der uma coisa a você hoje amanhã ele passa na cara”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“Eu mais bem com ele do que eles comigo, eles não gostava não de ver eu com meu pai, apesar de mim e eu com eles, aí eu ia brincar com eles, tinha vez que eles não queria brincar comigo, porque qualquer coisinha eu pegava ia correndo dizer a meu pai, aí eu ia dizer pra meu pai, aí meu pai ficava discutindo com eles, brigando com eles, tinha vez que até batia neles por causa de mim”.

“Eu me sentia, por uma parte me sentia triste e por outra não, por uma parte me sentia triste, porque meus irmãos eu não queria o mal pra eles, não queria ver meu pai batendo neles nem nada, mas por outras eu achava bom porque eu era a mais paparicada, sei lá, a mais paparicada de tudinho, a mais nova, a mais nova mesmo”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“A gente pegou ficou um tempo junto e aí depois a gente foi morar dentro da mesma casa”.

“Era tudo bem, mas depois ele começou a mudar, mudar”.

“Mudando assim pro meu lado, sei lá, um homem ciumento, um homem coisado, (cheio de coisas) sei não, não sei nem explicar”.

Referindo-se à sua separação: “No começo foi bem, no começo, ele nunca teve um filho e nem eu, aí comprava as coisas do menino, tudo normalzinho, mas ele era muito ciumento, aí não deu. Agora ele tá lá e eu tou aqui né, é ele pra lá e eu pra cá”.

“Discutia direto, discutia direto, só que ele nunca chegou a levantar a mão em mim não”.

“A gente não se fala, a gente não se fala não. Ele diz a mim, ele manda dizer a minha mãe ou a quem for que só fala comigo se eu falar com ele, e eu digo a mesma coisa também, só falo com ele se ele falar comigo, e a gente não se fala não”.

“Sei lá, que, embora que a gente não esteja se falando mas que ele vá vê o filho dele, dê as coisas do filho dele, que não tem nada ver com nós dois, a discussão da gente, que ele dê as coisas do filho dele, que é dele”.

“Contato diferente, nem eu gosto de passar por ele, quando ele passa por mim eu corto caminho, a mesma coisa é ele”.

“Ele com ciúme com meus primos, com qualquer um até com os amigos dele, aí eu peguei e achei melhor, sei lá, achei melhor que” [dizendo porque se separou].

Tema: **Planos para o futuro.**

Não faz referências.

Desenho: DF-E

Desenho livre: Retrata a natureza, ausência de figuras humanas. Os elementos bem distribuídos.

Estória: Na estória diz: “A natureza. É a minha casa. Isso é o rio. Eu estou em casa. Fico sozinha mesma dentro de casa o dia todo. A minha estória é que eu não gosto de estar saindo, gosto de ficar em casa mesmo. Só”. Se coloca dentro da casa, mas não aparece. Projeta um sentimento de solidão.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **Abrangente**. Casal de namorados e ela.

Estória: Na estória diz: “Uma noite de São João. Minha prima, o namorado dela e eu, passeando”. Retrata uma situação de solidão, se coloca excluída da relação.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha o pai, a mãe, os irmãos e ela mesma. Os pais estão de mãos dadas e os irmãos também. Chama a atenção como os irmãos Junior e Vado foram desenhados, ambos estão com os braços abertos, e tanto os outros irmãos como os pais aparecem com os braços para trás.

Estória: Na sua estória relata: “Minha mãe, meu pai e eu, e meus irmãos, todos reunidos. Vamos dizer que estamos na frente da nossa casa, comprou ela. Num

dia de sábado. A mãe é mesma dos irmãos, mas são três pais. Eu, Daisiane, Mario e Vado, filho de Nivaldo. Júnior de João e Janaína a mais velha, filha de Josa. Moramos tudo pertinho um do outro, mas tem dois que morreu. Vado há dois anos e Júnior há três anos”. Desenha sua família na forma original. Situação idealizada em que a família possui sua casa e todos estão reunidos, saudades. Não coloca seu filho nesse desenho e diz que dois de seus irmãos estão mortos. Saudades da presença dos irmãos.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **fraterna**. Desenha uma vizinha em uma cadeira de rodas e a irmã desta; ao lado um posto de saúde.

Estória: Relata na estória, “Essa não é minha família. É da vizinha lá de casa. A vizinha foi fazer operação dos dois seios e depois de uma semana em casa deu derrame e ela ficou paraplégica. A irmã dela, que anda com ela pra todo canto, posto pra aposentar, pra tudo, são só as duas, moram juntas. Posto de saúde que a irmã leva ela toda quarta pra fazer movimento, exercício, pra voltar a falar, tá quase falando ela já”. Coloca uma situação de dependência, de incapacidade de resolver determinadas questões sozinha.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha os sobrinhos e o filho na praia de Itamaracá.

Estória: Na estória relata: “Aqui é na praia de Itamaracá. Eu, minha mãe e meus irmãos se reunirem pra ir pra praia. Todos os meus sobrinhos, não botei todo mundo porque a família é grande. Como na outra história eu botei eu, meus

irmãos e meus pais, nesse eu coloquei meus sobrinhos, não coloquei meus tios porque a família é muito grande. Tudo na beira da praia brincando, só”. Uma confraternização com os sobrinhos e o filho na praia de Itamaracá. Alegria, harmonia. Faz ressalva que não colocou todos os seus familiares porque sua família é grande.

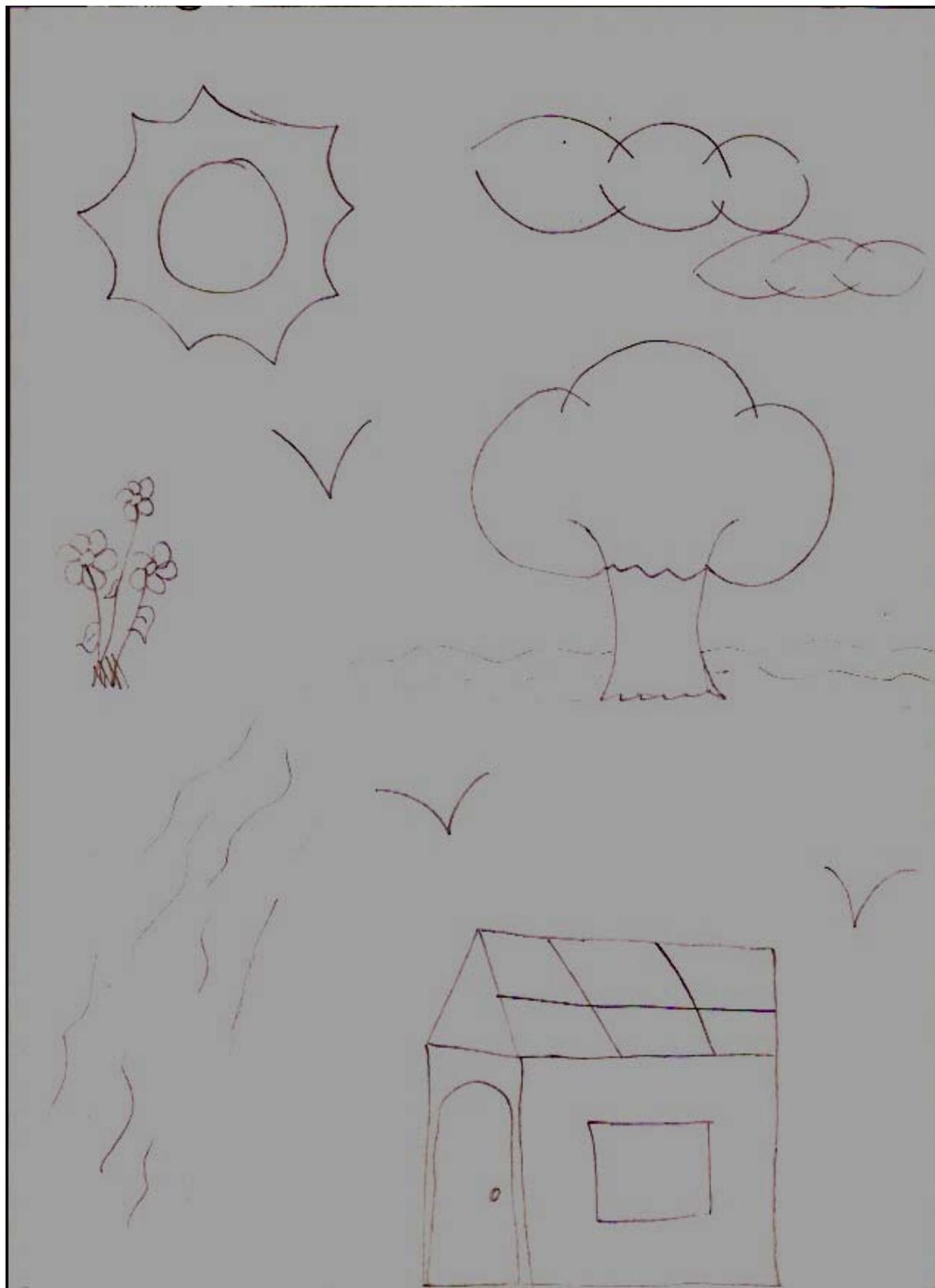
Observações:

Pais separados, mas mantém contato com o pai. Está separada do pai da criança. Representa a família como, é tudo, se emociona de tal forma que não consegue detalhar o que é o tudo: “pra mim uma família é tudo, aí, sem minha família não sei viver, não sei viver não. Meu Deus, sem minha família, sei lá, sei lá, se não fosse minha família, sei lá, sei nem falar não”. Demonstra bem-estar em conviver com sua família extensa, irmãos, primos tios e tias. Mostra-se decepcionada e magoada com o pai, que a trata de uma forma pejorativa. Fala com detalhes sobre a separação dos pais e a relação do pai com sua nova companheira. Relata vários episódios de agressividade e violência na sua família, entre o pai e a mãe, os sobrinhos, a morte de dois irmãos, da cunhada e de um sobrinho. Mesmo tendo vivido essas experiências negativas, mostra otimismo, equilíbrio e alegria. Observamos, no desenho livre, harmonia e equilíbrio entre os elementos que compõem no que ela intitulou de “a natureza”. No desenho um, uma família qualquer, expressa solidão e exclusão, refere-se a uma noite estrelada e um casal que está passeando com ela ao lado, há um dado nostálgico e romântico. No desenho dois, a família que gostaria de ter, expressa união e segurança, toda sua família está composta (com os irmãos que morreram) em frente à casa própria da família. No desenho três, uma família em que alguém não está bem, mostra a

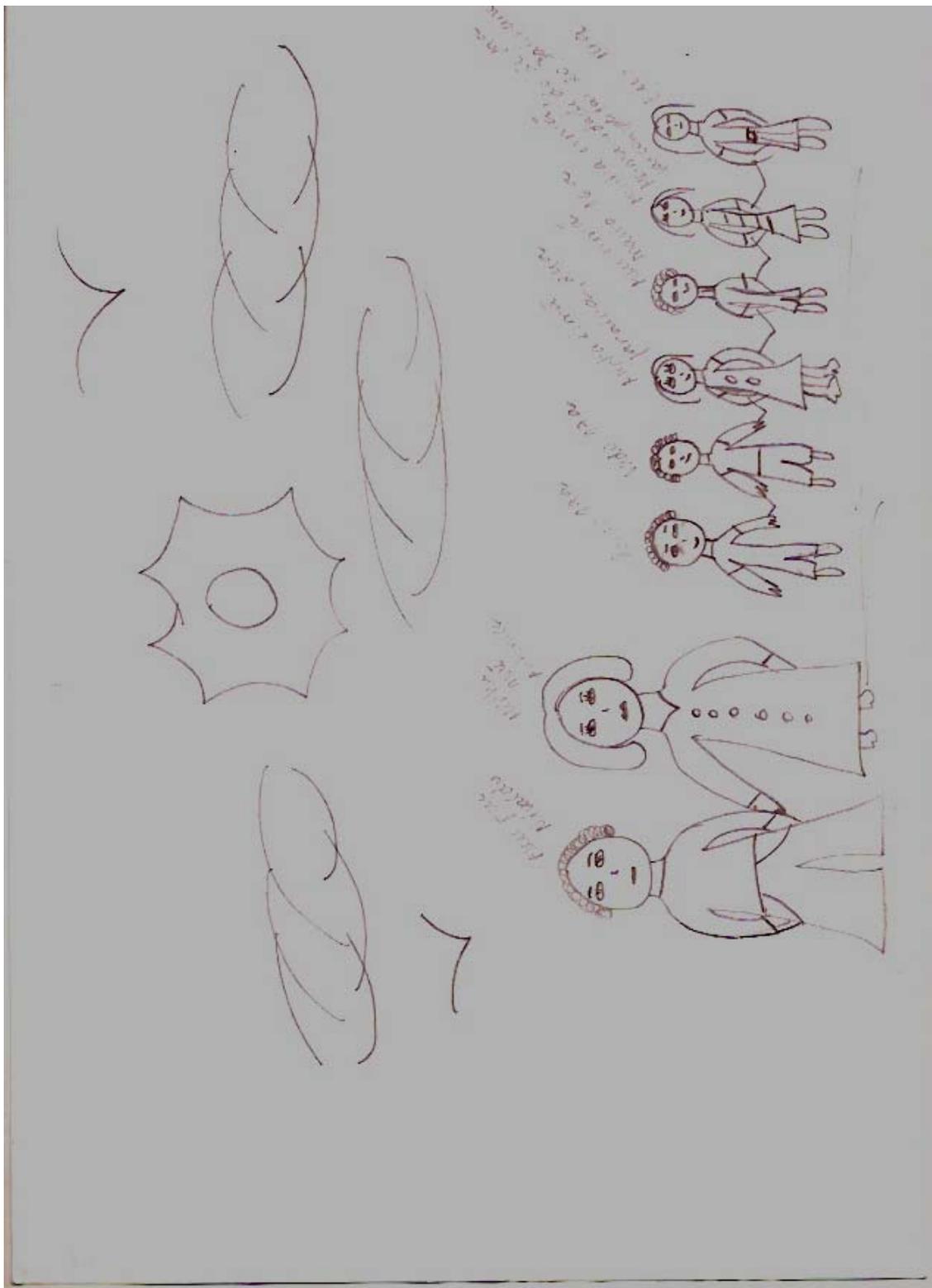
figura feminina em situação de dependência e de incapacidade para resolver seus problemas, porém existe uma figura feminina que ampara e ajuda, que se coloca como o braço direito, desenha duas irmãs, e uma delas se encontra deficiente.

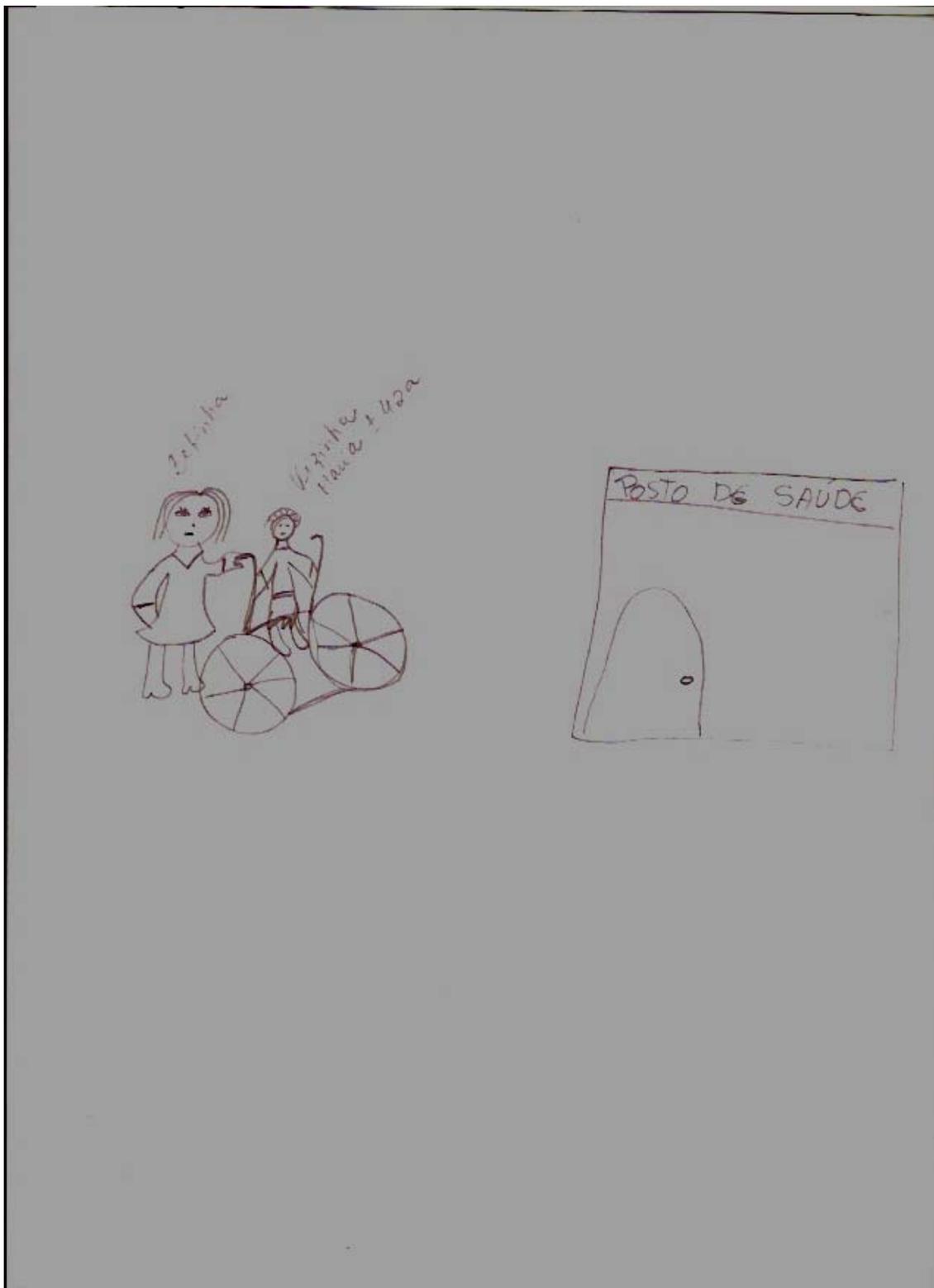
No desenho quatro, a sua família transparece alegria, felicidade e união.

A participante se coloca como uma adolescente alegre, romântica, otimista mas também, como solitária e triste. Tem uma relação familiar muito forte, e mostra-se sempre preocupada com o bem estar de todos. Mesmo com a dificuldade da vida, a mágoa do pai e, em uma parcela menor, do ex-companheiro, não perde o otimismo e o equilíbrio. Existe um sentimento de exclusão em relação ao pai e ao marido. Expressa a importância do pai na vida do filho e, em suas palavras, acha que o pai de seu filho precisa estar junto dele. Não coloca projetos de vida, a preocupação imediata é cuidar do filho.



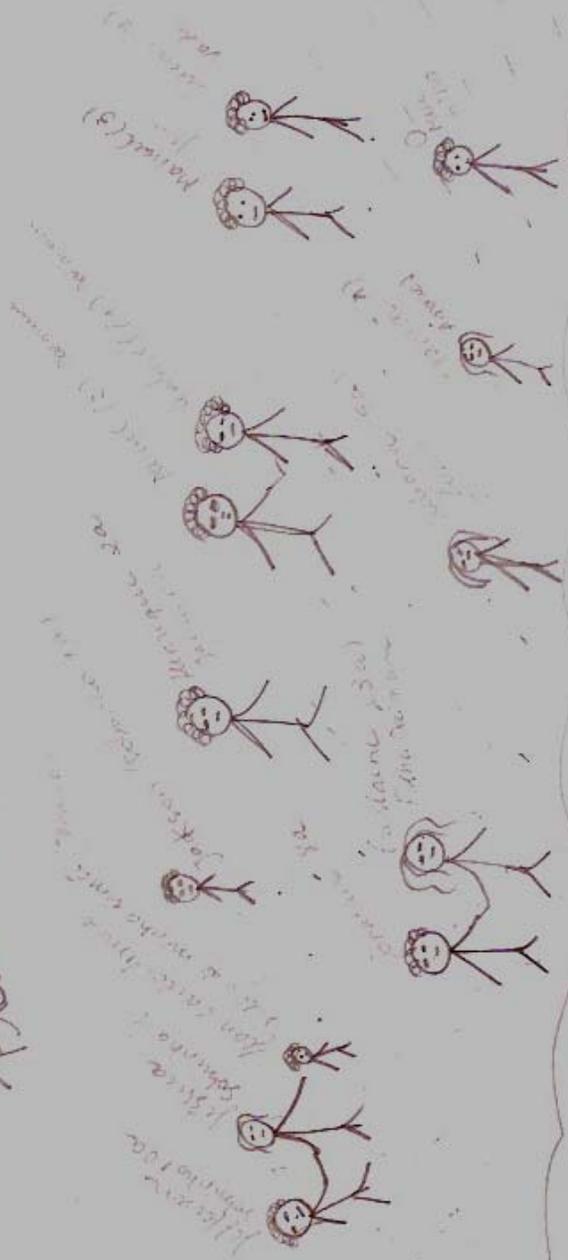








Práia de Itamarara.



P9

Tema: **Representação de família.**

“Viver bem,... ter uma casa”.

“Não passar dificuldade, ter as coisas que você quer, ter seu trabalho”.

Tema: **Separação dos pais.**

“Três anos, vai fazer quatro. Minha mãe é quem quis se separar”.

“Foi, mãe separou dele”.

Tema: **Relacionamento pais/filhos (as).**

“Ele era muito chato, batia na gente, foi bom separar mesmo”.

Questionada se mantinha algum contato com o pai, disse: “Mais nunca”.

“Não. Ninguém procura ele não”.

“Assim, vive tudo bem”.

“A primeira vez eu estava muito doente, aí a família dele pegou me levou no médico, aí depois, ele foi lá na minha mãe e disse que estava grávida, pra poder dá uma força. Eu estava com enjoô, tava com seis meses, aí pronto”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

“Foi o namorado de minha mãe, a gente não aceitava, aí pronto. Meu irmão fez confusão, aí eu saí”.

“Mora não, só vem no fim de semana”.

“Ele lá e eu cá, não quero perto de mim não”.

“Porque houve um problema com minha mãe e meu irmão. Aí meu irmão saiu de casa e eu fui morar com minha tia, aí eu voltei pra casa porque a casa de minha tia é muito pequena, muito apertada”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“Eu, minha mãe e meu irmão José”.

[Faz referências sobre o lugar de cada um dentro da família]

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“Eu morava com minha tia. Ele ia lá em casa e eu ia na casa dele”.

“Não, morando junto não”.

“É, mais ele mora com o avô dele”.

“Há um ano e seis meses”.

“Agora que eu engravidei, só foi aí que melhorou, porque ele aproveitava”.

[Explicando que o namorado saía para festas sozinho, namorava outras garotas].

Tema: **Projetos para o futuro.**

“É, ir lá prá casa, ele tá trabalhando no quartel, faz dois meses, aí pronto. Depois quando melhorar ir pra casa da gente”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: preferiu não fazer.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha uma casa com uma árvore em frente, um vendedor de frutas com um carrinho de mão e o casal com dois filhos, uma criança no colo da mulher e outra ao lado do esposo.

Estória: Relata a cena do desenho: "Um homem vendendo fruta, batendo na casa dela para oferecer as frutas. O marido, a mulher e filho e filha dos dois".

Projeta um desejo de união do casal, harmonia e felicidade.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **monoparental**. Desenha ela ao lado do apartamento e do carro dela, a mãe, o irmão José em cima da moto. Abaixo um banco em que seu irmão Alexsandro trabalha e colegas de trabalho do irmão, uma casa de praia com o mar em frente e peixes.

Estória: Relata na estória que: "Gostaria que meu irmão trabalhasse num banco(Alexsandro). Queria que minha mãe tivesse uma casa de praia e muito dinheiro. Casa de praia em qualquer lugar. Eu queira ter meu apartamento, carro e moto. Moto minha ou do meu irmão José". Passa uma idéia de insatisfação com sua condição atual e projeta mudanças materiais. O seu desejo é de amparar toda a família. Omite a boca no seu desenho.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha mãe e filho e filho, este deitado, ao lado de um apartamento. Em outra cena, pai e filho em frente a uma casa e uma mulher dando esmola.

Estória: Relata na estória: “Eles estão dormindo no chão, sem casa para morar. A mulher é a mãe dele. O pai pedindo esmola com o filho e uma mulher dentro de casa dando esmola para ele”. Chama atenção para a condição da família, situação que ela rejeita nos desenhos anteriores. Sofrimento, necessidade e dependência.

Desenho 4:

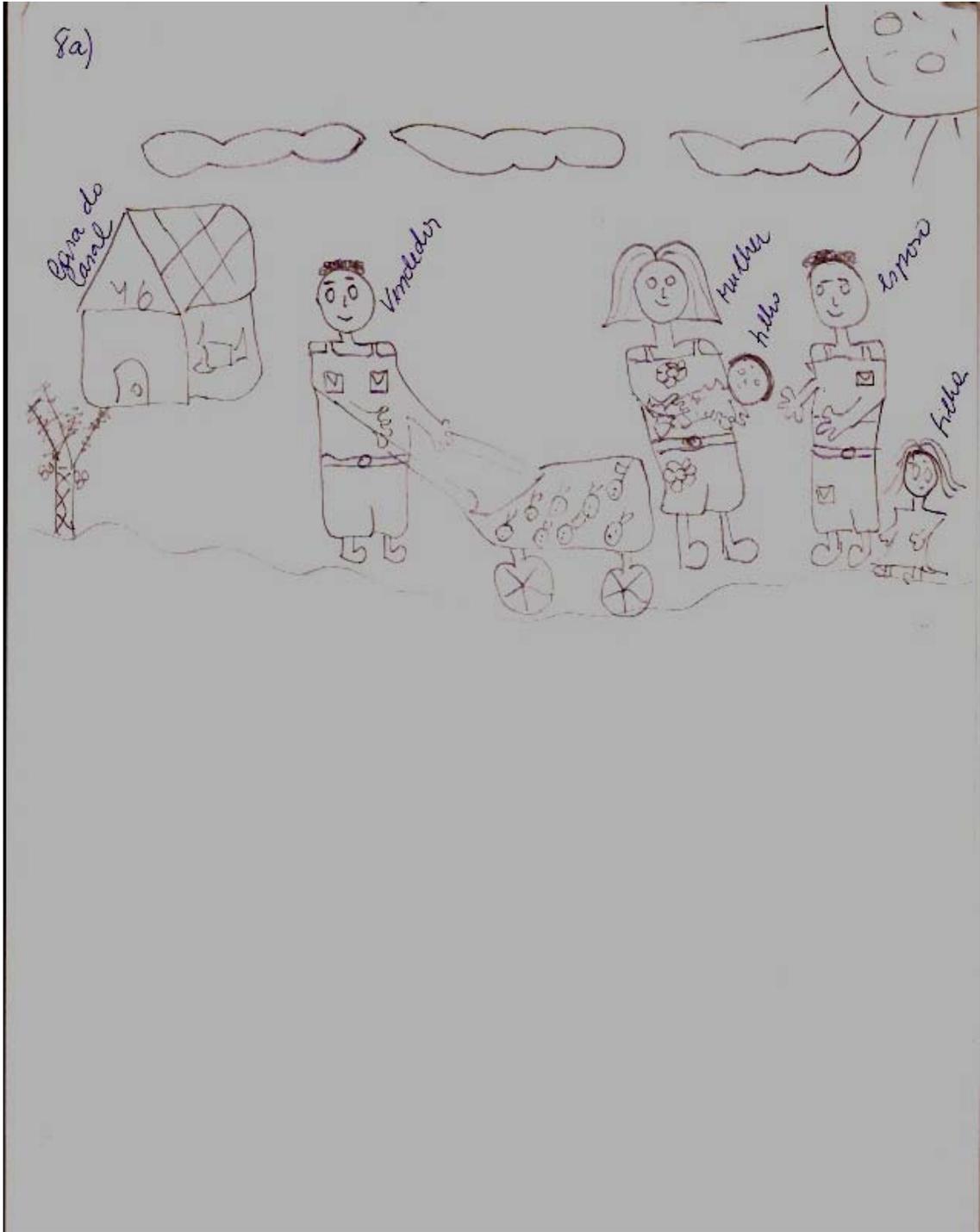
Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a família dela, com o pai, a mãe, a irmã e um irmão ao lado da casa. Abaixo ela, a filha nos braços e o companheiro. Expressa desejo de reunificação da família, o pai tem uma fisionomia triste.

Estória: Relata em sua estória: “Essa é minha família, mãe, pai, minha irmã Alexandra e meu irmão José. A casa é nossa, embaixo, eu minha filha e o pai dela”. Expressa o desejo de recomposição da família, enfatiza as necessidade da família ter uma casa própria, segurança.

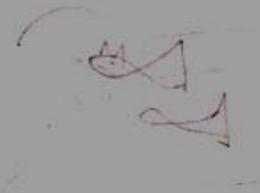
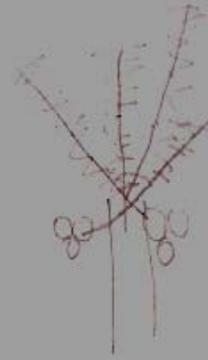
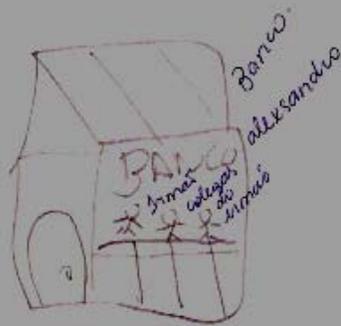
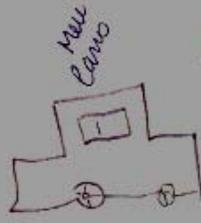
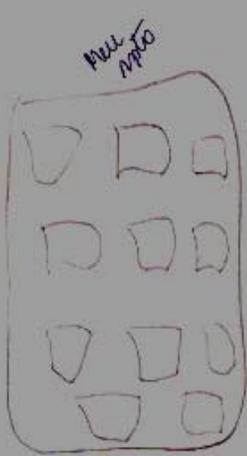
Observações:

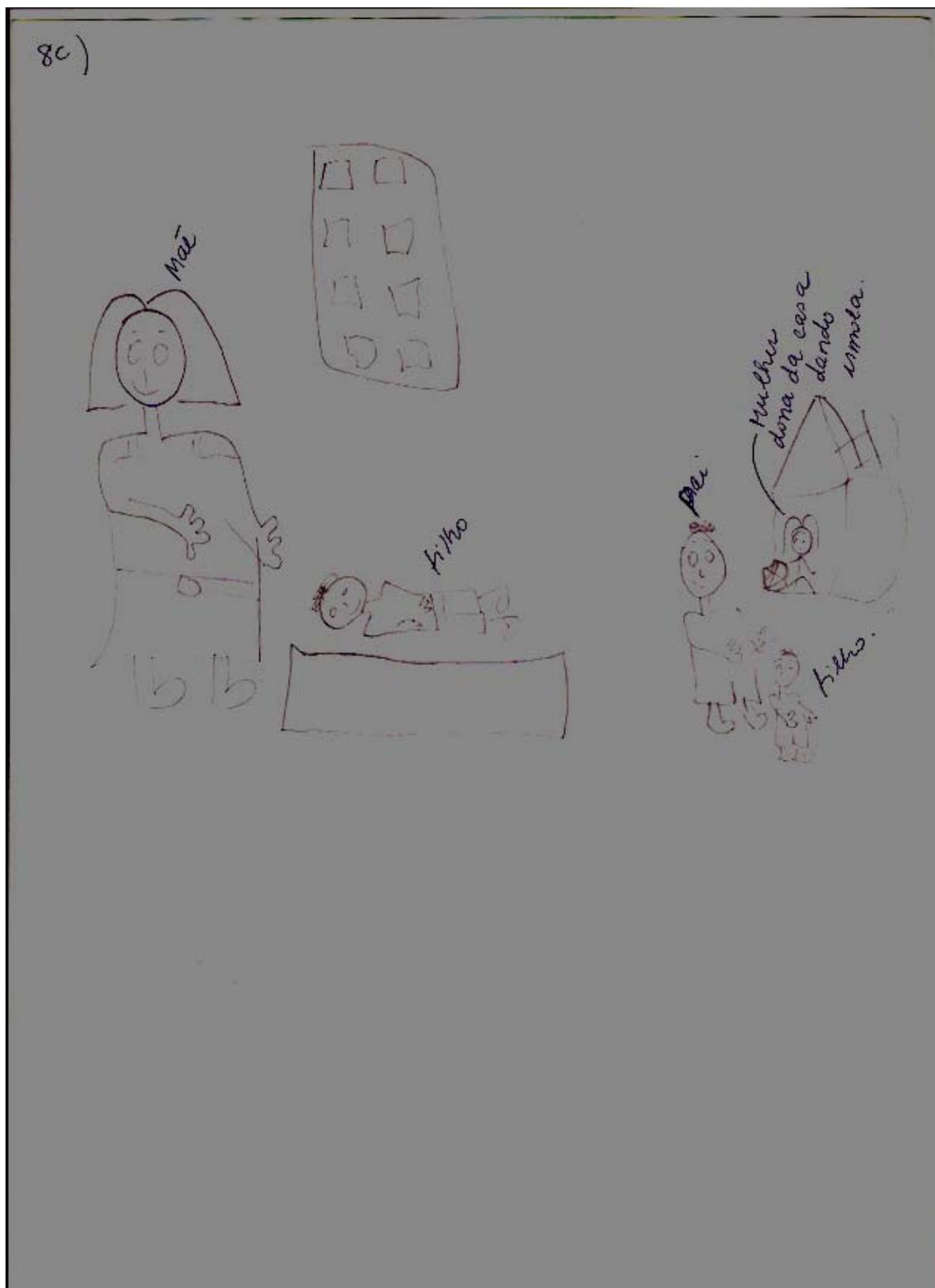
Pais separados, não mantém contato com o pai. Está com o pai da criança, mas ainda não moram juntos. Para a participante, família é viver bem (não passar dificuldades, ter as coisas que quiser, ter seu trabalho), ter uma casa. Almeja segurança e estabilidade. Vive uma ambigüidade entre uma instabilidade econômica e a estabilidade, preocupação que tem também com a família procura enquadrar os irmãos e a mãe dentro de um padrão profissional e social. Mostra desprezo com o pai, além de achar que a separação foi boa e nunca o procurou. Expressa um conflito com a presença do padrasto em casa, embora ele só vá nos

fins de semana. No desenho um, vemos uma cena de harmonia e felicidade, em que um vendedor de frutas as oferece ao casal que está com os dois filhos. No segundo desenho, demonstra preocupação com a família, idealiza uma situação de estabilidade econômica, em que gostaria que seu irmão trabalhasse em um banco, sua mãe tivesse uma casa na praia e muito dinheiro e ela mesma tivesse um apartamento, carro e moto, com isso procura resolver os problemas da família. Demonstra insatisfação com sua condição social e procura mudá-la. No desenho três, uma família em que alguém não está bem, coloca o problema na família, como se o núcleo familiar não oferecesse segurança e bem-estar, expressa um casal dependente e fraco, que não consegue acolher e proteger os filhos adequadamente. No quarto desenho, faz sua família original, pai, mãe e irmãos e, abaixo, ela com o marido e a filha. O pai é desenhado com uma fisionomia triste, existe um desejo de reconciliação, de harmonia, de segurança. Observamos que esta participante ao mesmo tempo em que se coloca de forma afetiva, se mostra prática na resolução de determinados problemas, estabelece objetivos muito além de sua condição atual. Seu projeto é morar junto com o marido em sua casa. Demonstra criatividade e infantilidade (sol com boca, olhos, nariz; transparências).

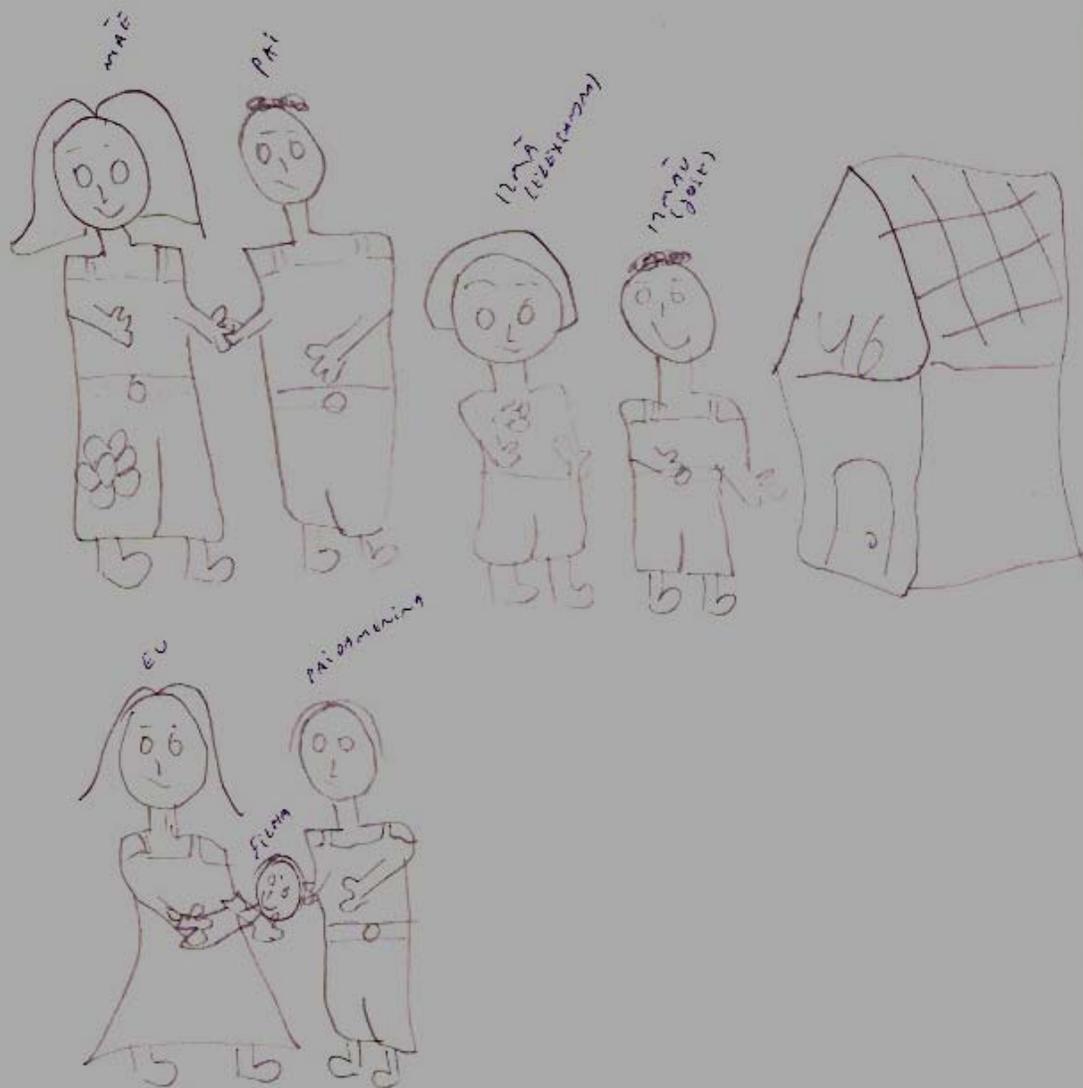


8b)





8d)



P10

Tema: **Representação de família.**

“Família é tudo”.

Tema: **Separação dos pais.**

““Meu pai morreu quando eu era bem pequena, não me lembro dele. Logo depois minha mãe casou com meu padrasto e tiveram 6 filhos. Eu e minha irmã de 14 anos somos filhas de meu pai que morreu”.

Tema: **Lugar do pai e da mãe.**

“ A relação com minha mãe é boa, ela gosta de mim”.

“Quando eu era mais nova só vivia chorando querendo o meu pai, eu via as meninas da rua, minhas primas com o pai e eu não tinha”.

“Ela aceitou quando eu engravidei porque me perdi com ele. Ela sentiu saudades e eu também”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

“É boa, ele me dá conselhos”.

Tema: **Relação com os irmãos.**

“É tudo bom, meus irmãos são todos pequenos, minha irmã é arengueira, é uma pessoa que um dia tá de bem e outro tá de mal. A família da minha mãe mora perto e são muito brigão. Todos brigam com ela, querem bater nela e em meus irmãos e no meu padrasto também, que já é velho e cansado. Quando eu me

casei, minha mãe deu um pedaço dessa casa para eu morar com meu marido, só que por causa dessas confusões quis me mudar, meu primo uma vez deu em mim também, dois tapas na cara, e meu marido não é de briga”.

“A gente mora numa casa na Imbiribeira, perto da maré. Minha mãe cata sururu e meu padrasto é pescador. Eles viviam em uma casa de taipa perto da maré e sempre que a maré subia entrava água dentro de casa. Quando eu e meus irmãos dormíamos, entrava água dentro de casa. Minha mãe se mudou para uma casa detrás dessa que não entra água dentro”.

Tema: Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).

“Ele ficou feliz com a gravidez, ele pensava que era um menino. Somos crentes. Quando a menina crescer vamos juntos para a igreja. Ele tá doidinho, o primeiro filho e a menina é a cara dele, até os dedinhos do pé. Só quero mais um filho, uma menina e um menino. O pai escolheu o nome dela”.

“A relação do pai com a filha deve ser boa. Agora que eu vou ficar feliz porque ele vai trabalhar e eu não fico só”.

Tema: Projeto para o futuro.

“Voltar a estudar e trabalhar, deixar minha filha na creche”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: preferiu não fazer.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha sua família, pai, mãe e dois filhos, dentro de casa e em frente à casa uma árvore com o seu nome.

Estória: Relata que é a: “A minha família. É a casa onde minha mãe mora, e tem uma árvore perto onde ela mora”. Expressa sua família original.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a mãe, o padrasto e quatro irmãos.

Estória: Diz em seu relato: “A minha família, minha mãe e meus irmãos, minha filha e meu marido” [Nomeia as figuras, porém, na estória aparecem a filha e o marido que não aparecem no desenho].

Desenho 3:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a mãe, o padrasto, os irmãos e a casa em que moravam.

Estória: Relata que: “A casa que minha mãe morava, de tábuas e entrava maré dentro de casa. [Situava-se próximo à maré na Imbiribeira]. Quando dormia entrava água dentro de casa. Morei nesta casa no começo do casamento. A família da minha mãe, que não se dá bem com ela, quer dá nela e nos meninos. Dão no meu padrasto, que já é velho e cansado. A família é virada, meu primo uma vez quis dá em mim, eu buchuda, por isso que eu quis sair de lá”. Expressa um sofrimento ao se referir à sua moradia, e, revolta e impotência ante a família da mãe, que se mostra agressiva com ela e seus familiares. Há um reconhecimento de uma incapacidade diante de certos fatos.

Desenho 4:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha ela, o marido e a filha ao lado da casa.

Estória: Relata que é: “Eu, meu marido e minha família. Essa é minha casa. Minha família”. Reconhecimento desse novo núcleo como sua casa e sua família. Expressa satisfação com o novo núcleo.

Observações:

A mãe era viúva e recasou, reconstituindo a família. Desse novo casamento teve seis filhos. A entrevistada estabeleceu uma boa relação com o padrasto. Está morando com o pai da criança. Diz que a família é tudo, enfatiza a importância do grupo familiar, para ela: “família é tudo”. Embora tenha perdido o pai muito cedo, guarda um carinho por ele, diz: “quando eu era mais nova só vivia chorando querendo o meu pai, eu via as meninas da rua, minhas primas com o pai e eu não tinha”. Estabeleceu uma boa relação com o padrasto, demonstra preocupação e cuidado com ele. Também demonstra essa preocupação com a família pelas condições de moradia, pois residiam próximo à maré que, quando enchia, entrava água em casa. Refere-se à agressividade dos familiares de sua mãe (primos), embora mostre preocupação com a situação, se coloca como incapaz para resolver esses conflitos com os primos, diz: “por causa das brigas com a família de minha mãe, a gente foi morar na casa de minha sogra, passamos seis meses lá”. Tem a impressão que a sogra não gosta dela: “Eu acho que ela não gosta de mim. Eu estava com o dente doendo e não fiz o almoço, me disse que eu era preguiçosa. Eu não falo com ela. Agora ela foi arrumar a casa e as roupas do bebê”. Expressa felicidade com o bebê e com o marido. No desenho um, uma

família qualquer, reconstitui o núcleo inicial da família o pai, a mãe e dois filhos. No segundo desenho, uma família que você gostaria de ter, trás a mãe o padrasto e quatro irmãos, notamos a exclusão de quatro dos irmãos. Na entrevista ela diz: “Logo depois minha mãe casou com meu padrasto e tiveram seis filhos. Eu e minha irmã, de quatorze anos, sono filhas de meu pai que morreu”. No desenho três, uma família em que alguém não está bem, as figuras da mãe e do padrasto aparecem fixas, incapazes de reagir às agressões dos sobrinhos, e as figuras dos primos aparecem como se estivessem correndo. Mostra impotência diante da agressividade dos primos. No desenho quatro, faz o marido, a filha, e ela encaminhando-se para casa, expressa felicidade e alegria com esse núcleo. Diz que pretende voltar a estudar e trabalhar. Os desenhos fortes e em negrito expressam tensão.

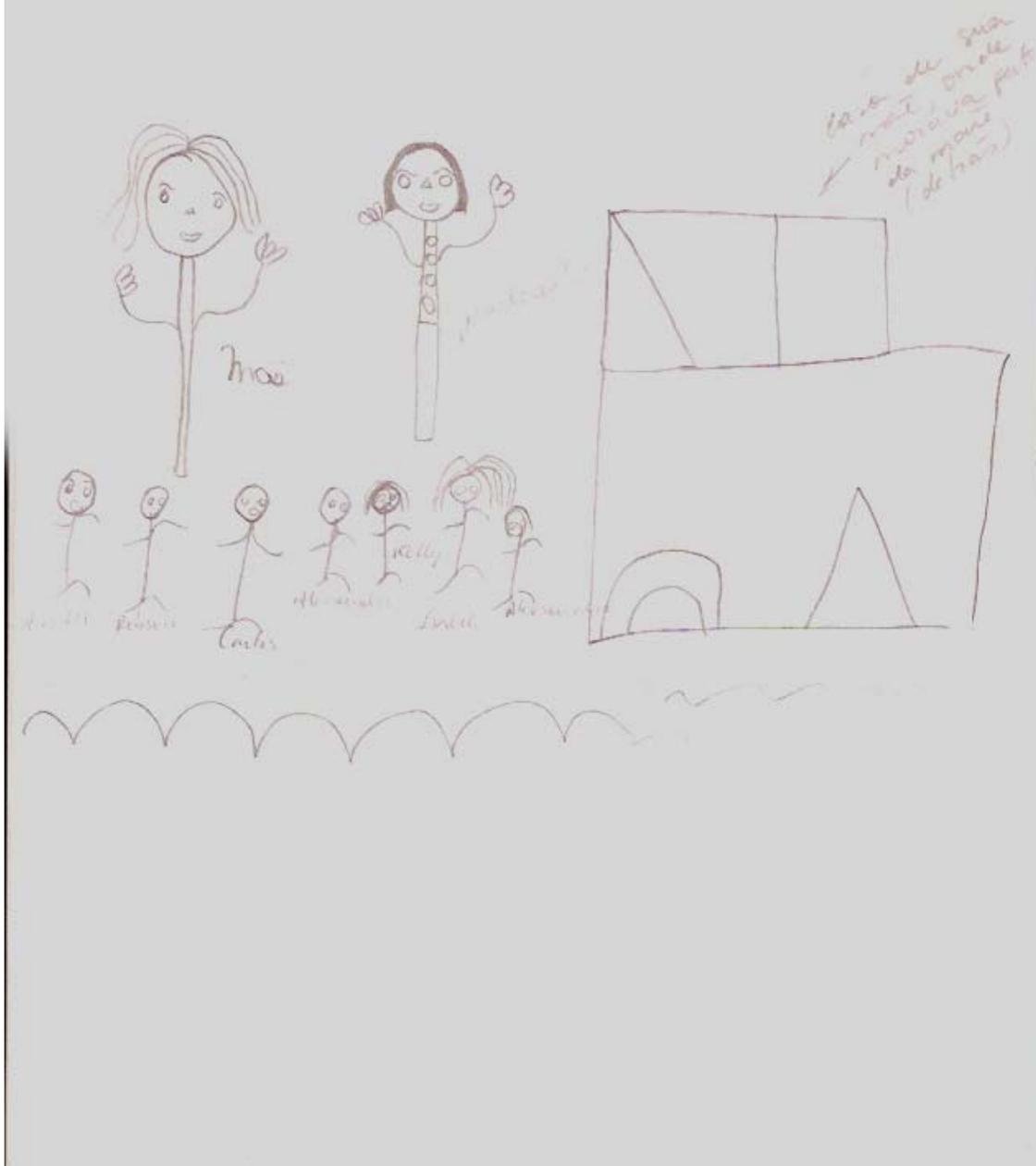
4a)



4e)



4c)



4d)



P11**Tema: Representação de família:**

“Não sei. É união, amor entre todos eles. Existir respeito, não existir mentira”.

“Todos serem sinceros. Não existir falsidade entre as pessoas da família”.

“É importante todos morarem juntos. Terem respeito um com o outro”.

Tema: Separação dos pais.

Questionada sobre todos os familiares morarem juntos: “É bom. Importante, mas quando meu pai saiu de casa, não senti muito”.

“Ele me dava atenção. Meu pai é uma pessoa muito boa. Mas não era toda vez, não”.

“Minha mãe se separou do meu pai, nem por isso eu deixei de gostar dele”.

Tema: Relacionamento pais/filhos (as).

“Ele me dava atenção. Meu pai é uma pessoa muito boa. Mas não era toda vez, não”.

“Meu pai é tímido, mas quando eu queria conversar, eu chegava junto pra conversar, aí ele me dava conselho”.

“Ele me visitava, porque quando minha mãe se separou dele, eu fiquei morando com a minha vó (paterna), minha mãe ia trabalhar e de noite ia lá me ver, fazer as tarefas da escola”.

“Todos os dias ele ia me ver, almoçava comigo, conversava”.

Questionada como o pai recebeu a notícia da gravidez, disse: “Eu disse pra ele. Ele reclamou um pouco, disse que falta de conselho não foi. Pra tomar cuidado e parar só nesse bebê”.

“Minha mãe sempre foi boa comigo, me dava muito conselho”.

“Disse a mesma coisa de meu pai. Disse que falta de conselho não foi, mas não me desprezou, não me colocou pra trás”.

“Minha mãe sempre estava presente, todo dia ela ia lá na casa de minha vó. Mas fiquei pouco tempo com ela”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

Não faz nenhuma referência. Mora com a avó.

Tema: **Relação com os irmãos.**

Explicando o relacionamento com a irmã: “Ela mora com minha outra vó (materna). A gente se dá bem. Ela só pensa em estudar”.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

“No começo da gravidez me apoiava, depois que a barriga começou a crescer, me desprezava e o pai dele apoiava, dizia que homem era assim mesmo. Quando ele alisava minha barriga e o pai dele chegasse em casa ele saía logo de junto. É o tipo de homem que não sabe o que quer”.

“Depois que a minha barriga começou a crescer, começou a me desprezar, me traía, saía com mulher pra eu ver”.

Não gosto de discutir. Brigava pouco, tirava por menos”.

“Quando eu estava com 5 meses de gravidez começamos a dormir separado”.

“Somos amigos. Só”. (Explicando como está sua relação com o companheiro atualmente).

“Ele vai lá visitar o filho, ajudar a dar as coisas, mas voltar para ele eu não quero”.

Tema: **Projeto para o futuro.**

“Vou voltar pra casa de minha vó. Vou ficar o tempo que for preciso com ele, pra depois voltar a estudar e trabalhar”.

Desenho: DF-E

Desenho livre: Desenha uma casa e dentro dela uma mulher com um bebê nos braços.

Estória: Diz em seu relato: “Eu em minha casa tomando conta do meu filho. A casa de minha avó”. Expressa solidão, desapontamento.

Desenho 1:

Modelo de família representado - **nuclear**. Desenha um casal e a mulher está com o filho nos braços.

Estória: Relata que é: “Eu, o pai do meu filho e o meu filho”. Expressa o desejo da constituição de uma família.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a irmã, ela com o filho nos braços e a mãe.

Estória: Relata que: “Isso é minha família. Eu, minha irmã Taciana, minha mãe e meu filho”.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **abrangente**. Desenha a cunhada e a sogra.

Estória: Diz em sua estória que é: “ Minha cunhada e minha sogra, elas não estão bem porque existem muitos problemas de família. Minha sogra tem muito problema e a minha cunhada também”. Enfatiza a questão dos problemas, repetindo a frase.

Desenho 4:

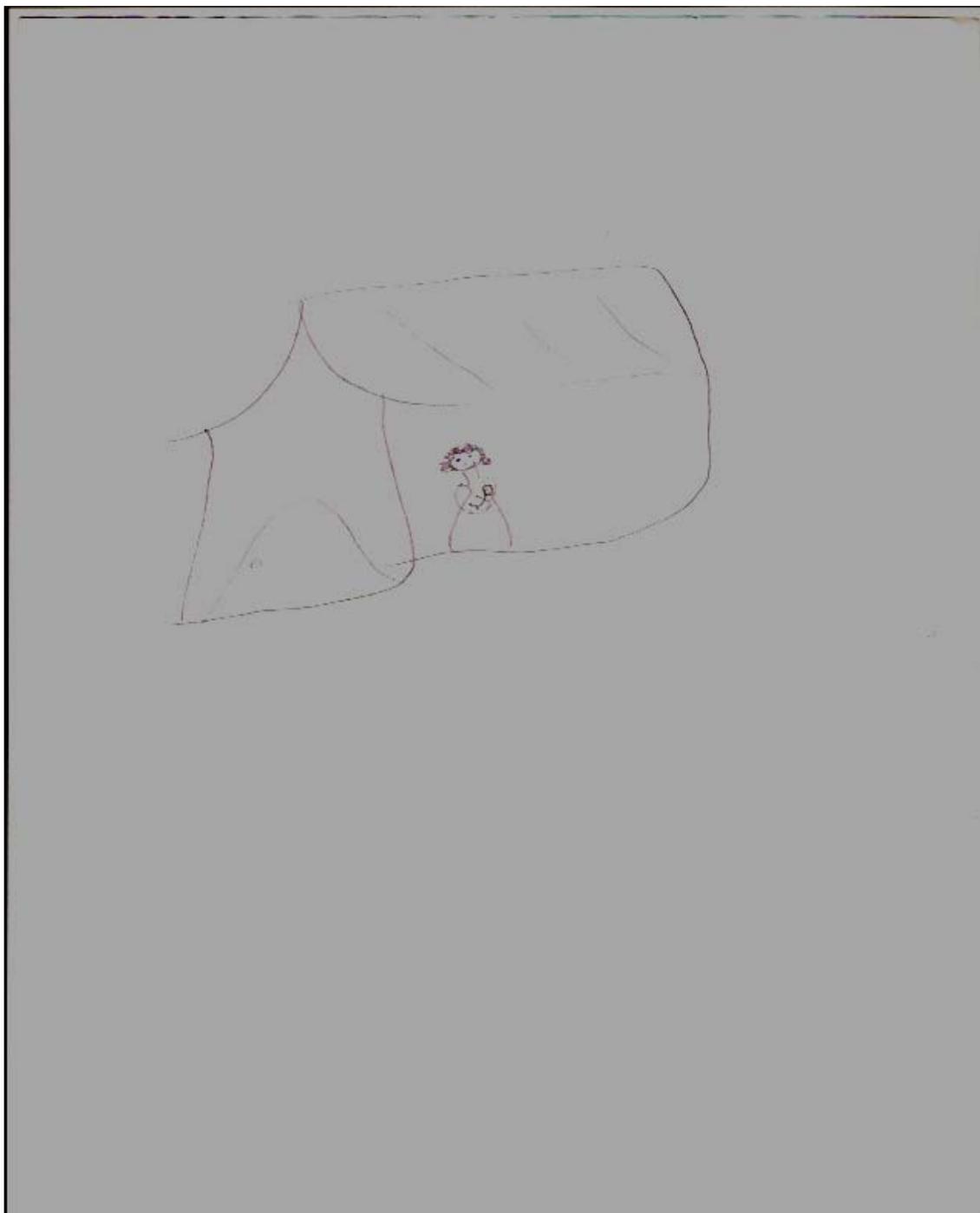
Modelo de família representado – **extensa**. Desenha a família dela, a mãe, a irmã, ela e o filho nos braços e o pai.

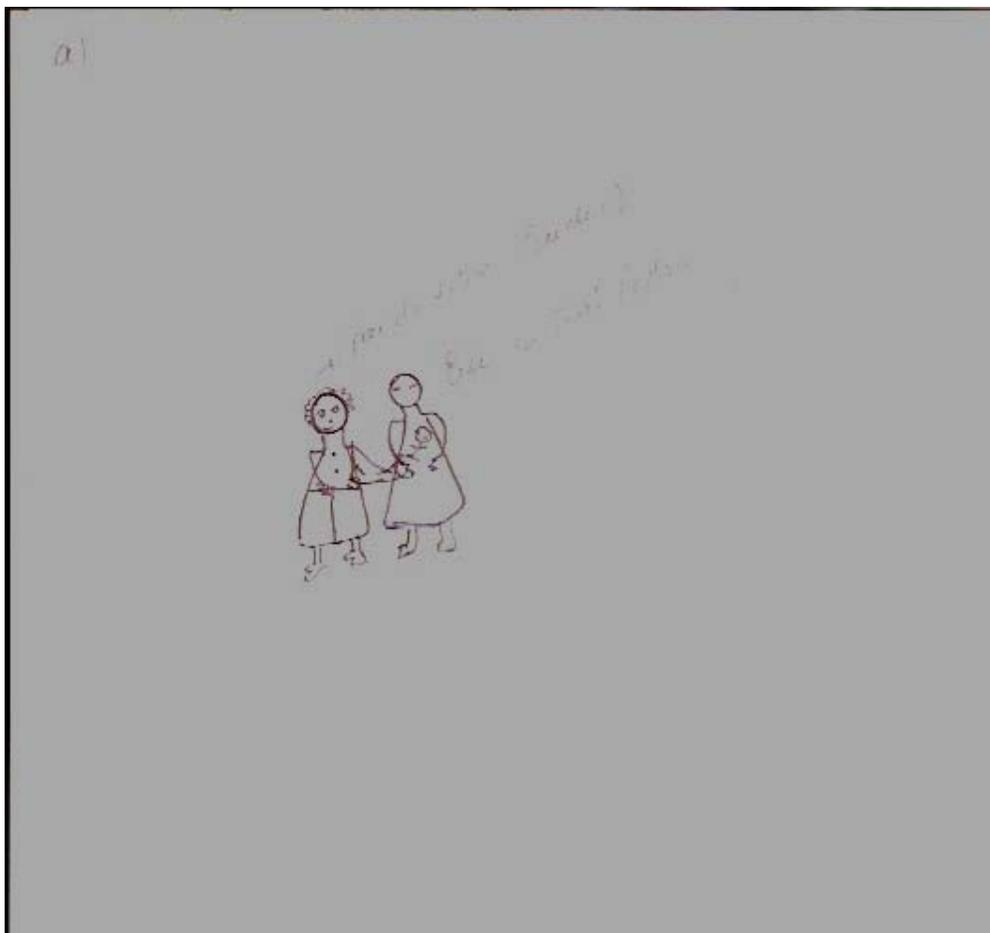
Estória: Relata que é: “ A minha família, Minha mãe, minha irmã, eu, meu filho e meu pai. Almir é o nome do meu pai e Lúcia é o nome da minha mãe”. [a figura da mãe tem ascendência e a irmã é a segunda da fila, o pai aparece junto dela porém em posição e tamanho inferior aos demais].

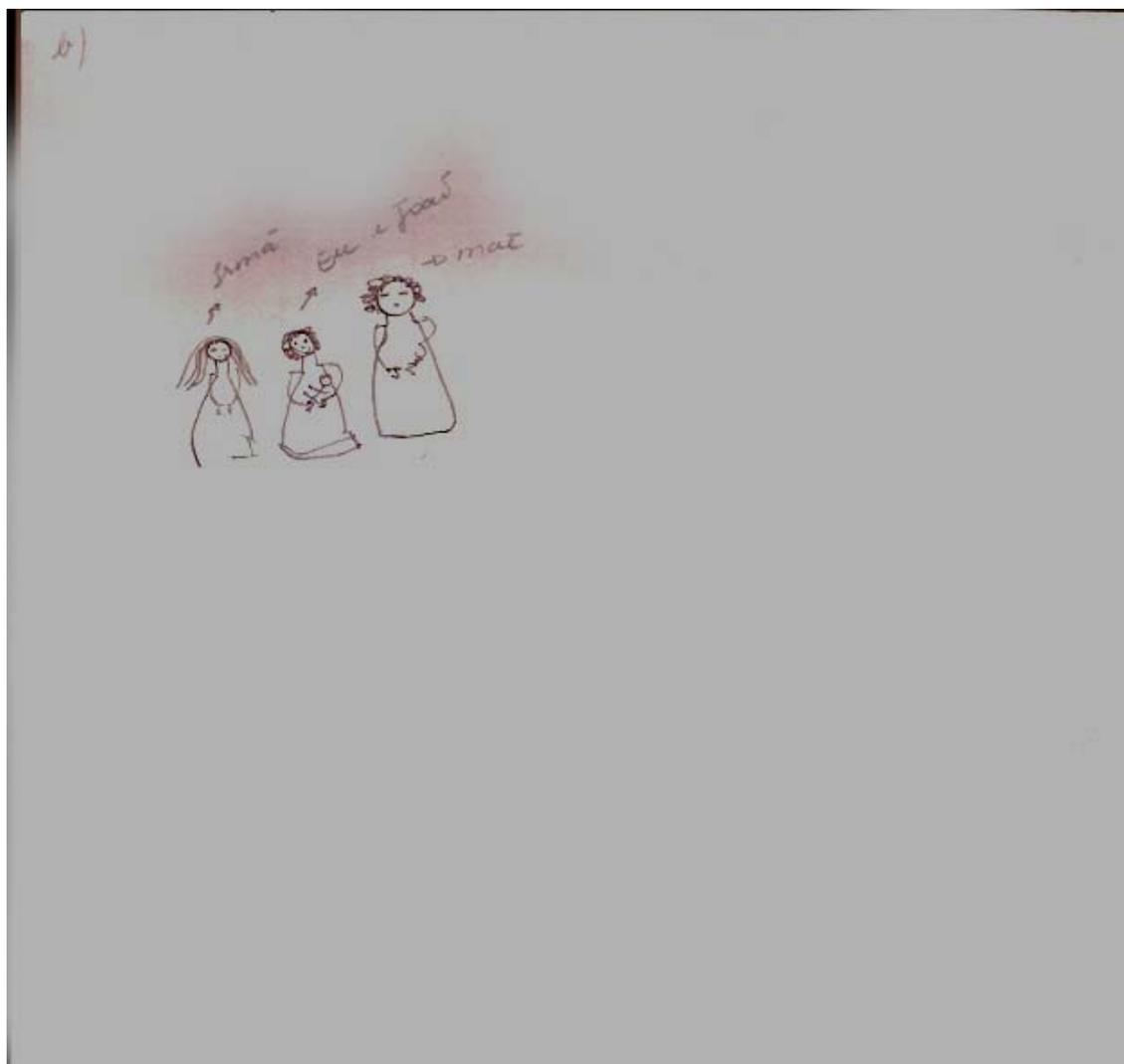
Observações:

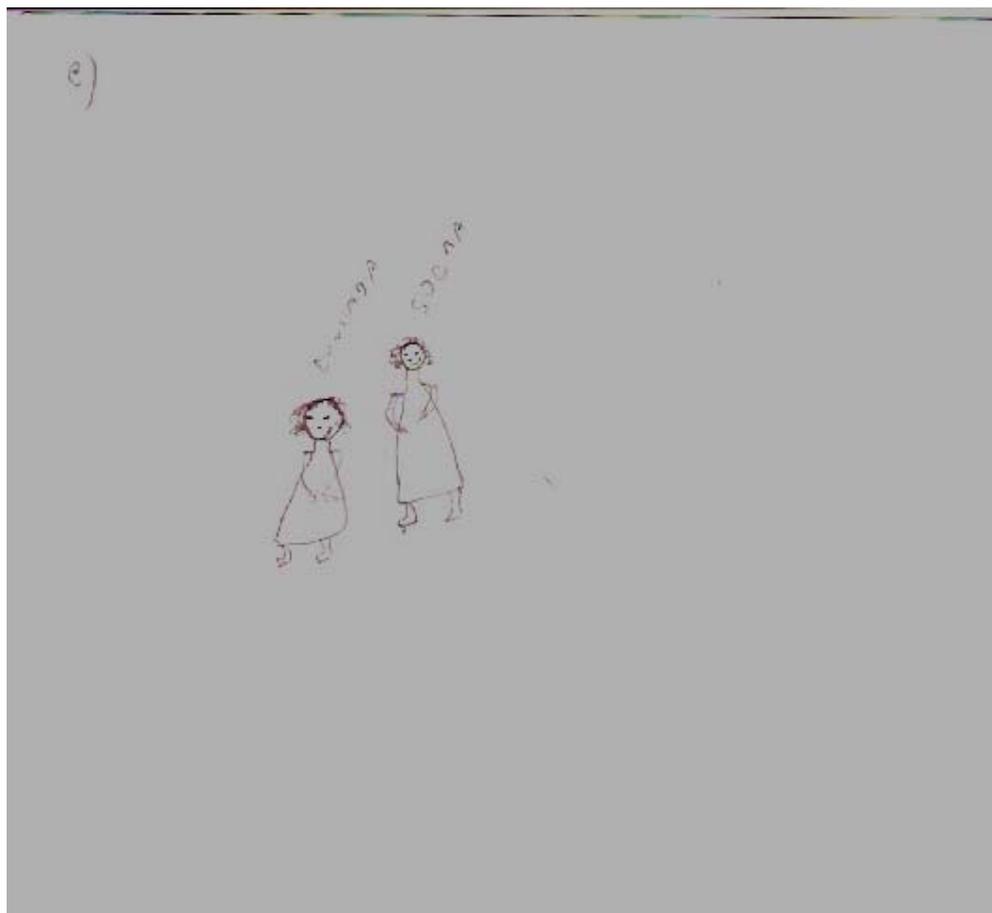
Pais separados, mantém contato com o pai. Está separada do pai da criança. Para esta participante três aspectos representam a família: união, amor e respeito. Deixa transparecer ressentimento ao afirmar que na família não deve existir mentira, “todos serem sinceros, não existir falsidade entre as pessoas da família”. Considera importante todos morarem juntos, embora afirme isso, diz que não sentiu muito a saída do pai de casa. Reconhece que o pai é uma pessoa boa e

que lhe dá atenção. Expressa no desenho livre tristeza por estar só. No desenho um, sobre uma família, qualquer reconstitui a sua família, traz à tona a união. No desenho dois, sobre a família que gostaria de ter, traz a exclusão das figuras masculinas (pai e companheiro), e a prevalência das figuras femininas. No desenho três, uma família em que alguém não se encontra bem, expressa as figuras femininas em sofrimento, coloca a sogra e a cunhada sofrendo porque existem muitos problemas. No desenho quatro, que consiste em desenhar sua família, a participante faz sua família com a mãe, a irmã ela e o filho e o pai, porém, o pai aparece diminuído, fragilizado. Expressa ressentimento e mágoa em relação ao companheiro e ao sogro, pela fragilidade do companheiro e pela falta de apoio do sogro na sua gravidez: “No começo da minha gravidez me apoiava, depois que a barriga começou a crescer, me desprezava e o pai dele apoiava, dizia que homem era assim mesmo. Quando ele alisava minha barriga e o pai dele chegasse em casa, ele saía logo de junto. É o tipo de homem que não sabe o que quer”. Recebeu apoio da mãe e da sogra na sua gravidez. Sentiu-se desrespeitada na sua condição de mãe, tanto pelo companheiro como pelo sogro. Enfatiza o desejo de voltar a estudar e trabalhar.











P12

Tema: **Representação de família.**

“Uma família, ... eu acho, sei lá, acho que é importante ter uma família”.

“Assim, uma pessoa tem que ter uma família”.

Tema: **Separação dos pais.**

“Faz dez anos”.

Explicando de que forma se deu a separação: “Aí ele bebia, chegava em casa agressivo, aí mãe se separou e veio para Recife, porque a família dela todinha mora aqui, lá quem morava era a família dele, a família de minha mãe era daqui de Recife”.

“Lá na Bahia. Aí a gente veio pra cá”. (Explicando onde moravam inicialmente).

Questionada se depois da separação tinha se encontrado com o pai, responde:

“Não. A gente só fala por telefone”.

Tema: **Relacionamento pais/filhos (as).**

“Ele saiu pra trabalhar, minha mãe pegou as coisas e a gente veio aqui pra Recife sem ele saber”.

“Sinto falta dele não, mas a gente se fala, mais saudade dele não”.

Questionada sobre como era o relacionamento com sua mãe. Disse: “Bem. Tudo bem. Me apoiava e tudo, não tenho o que falar de minha mãe não”.

Tema: **Relação com o padrasto e/ou a madrasta.**

Não teve.

Tema: **Relação com os irmãos.**

Fala de uma relação sem atritos e de apoio, mora com os irmãos e a avó que trabalham para sustentar a casa.

Tema: **Relação com o companheiro/pai, biológico ou não de seu filho(a).**

Perguntada como conheceu o namorado, disse:

“Através de uma colega minha de escola. Mas sendo assim, amiga porque apresentou assim, eu não sabia a qualidade dele, ela sabia de tudo mas não disse que ele era casado, tinha filho, escondeu, eu só soube isso depois”.

“É, namorava em casa”.

Explicando como soube que o namorado era casado: “Quando eu estava grávida.

Ele mora distante, aí depois é que eu descobri”.

“Eu peguei. Eu tava com seis meses” (de gravidez).

Falando sobre a posição de mãe quando soube que o namorado da filha era casado: “Aí, ela não queria mais, no começo ela queria, mas quando soube que ele era casado, não deixou mais eu namorar”.

“Eu disse que não queria mais” (ao namorado).

“Minha família não quer não que ele participe”. (A posição da família em relação à criação do filho).

Tema: **Projeto para o futuro.**

Perguntada se continuaria os estudos, respondeu:

“Vou continuar”.

Desenhos DF-E:

Desenho livre: preferiu não fazer.

Desenho 1:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenhou uma família composta do marido, filha e esposa, todos de mãos dadas. Nomeou como a família de uma amiga.

Estória: Refere-se : “ A família de minha colega Elaine, o marido e a filha dela”. Essa família representa um modelo de felicidade.

Desenho 2:

Modelo de família representado – **nuclear**. Desenha e nomeia sua família de origem. Uma família unida, todos de mãos dadas, o pai na ponta seguido da mãe e os irmãos.

Estória: Relata em sua estória: “Eu queria uma família unida. Porque a minha viu!! Eu fiz a minha família”. Refere-se a um desejo de união, não considera que a sua família a tenha. A família de sua mãe não os considera como membros dessa família extensa.

Desenho 3:

Modelo de família representado – **monoparental**. Desenha a família de um amigo que sofreu um acidente de carro. Ele se encontra deitado em uma cama e ao lado está a mãe, com dois irmãos dele mais acima.

Estória: Relata que é: “Um colega, Wellington, trabalhava numa oficina e sofreu um acidente de carro e ficou sem andar. A mãe, a irmã e o irmão. Ele sofreu um acidente há mais ou menos quatro anos, amigo meu, de vez em quando eu vou visitar ele”.

Desenho 4:

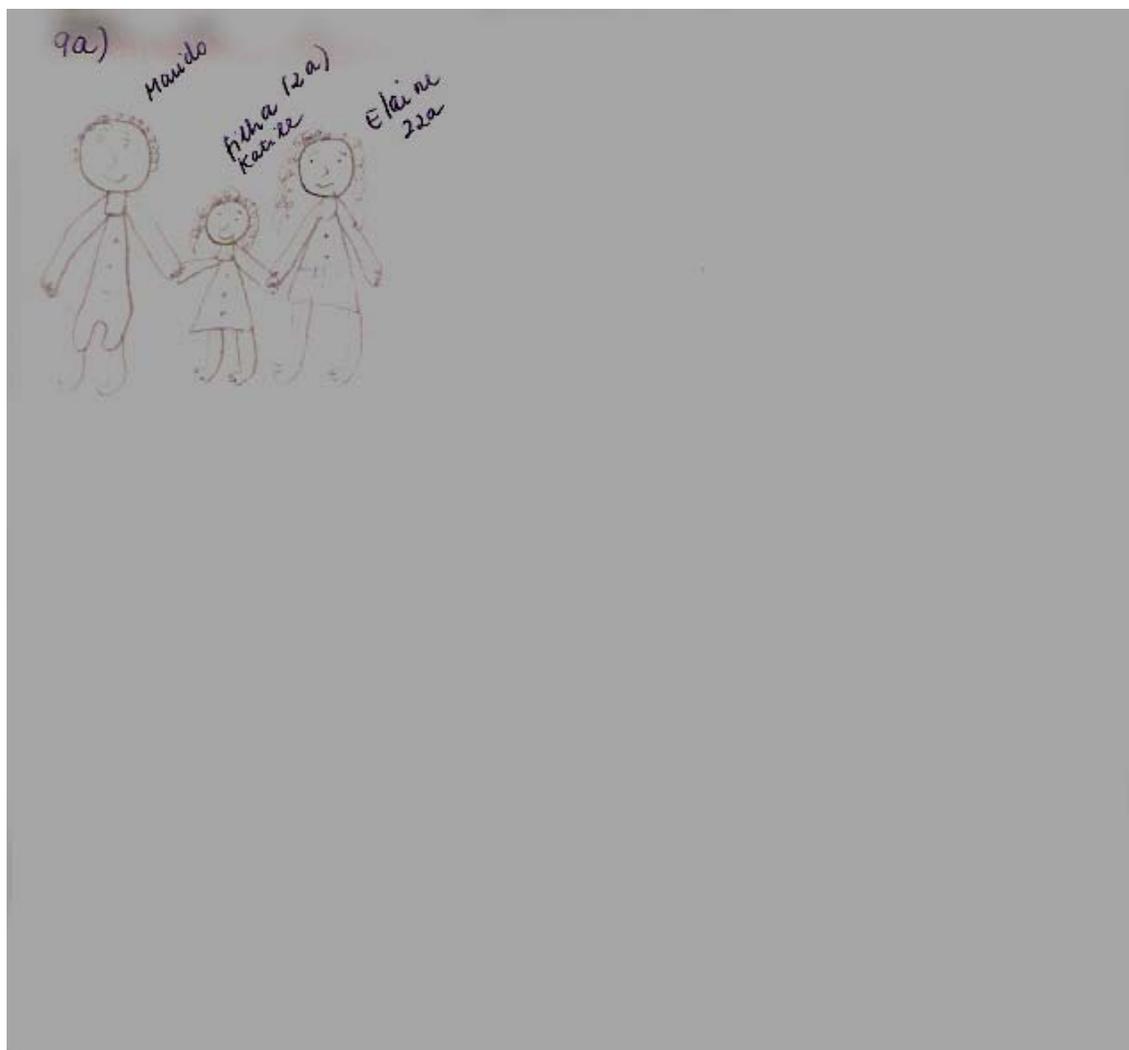
Modelo de família representado – **extensa**. Desenha todo sua família e ela com seu filho nos braços. O pai, a mãe, os irmãos e ela com o filho nos braços.

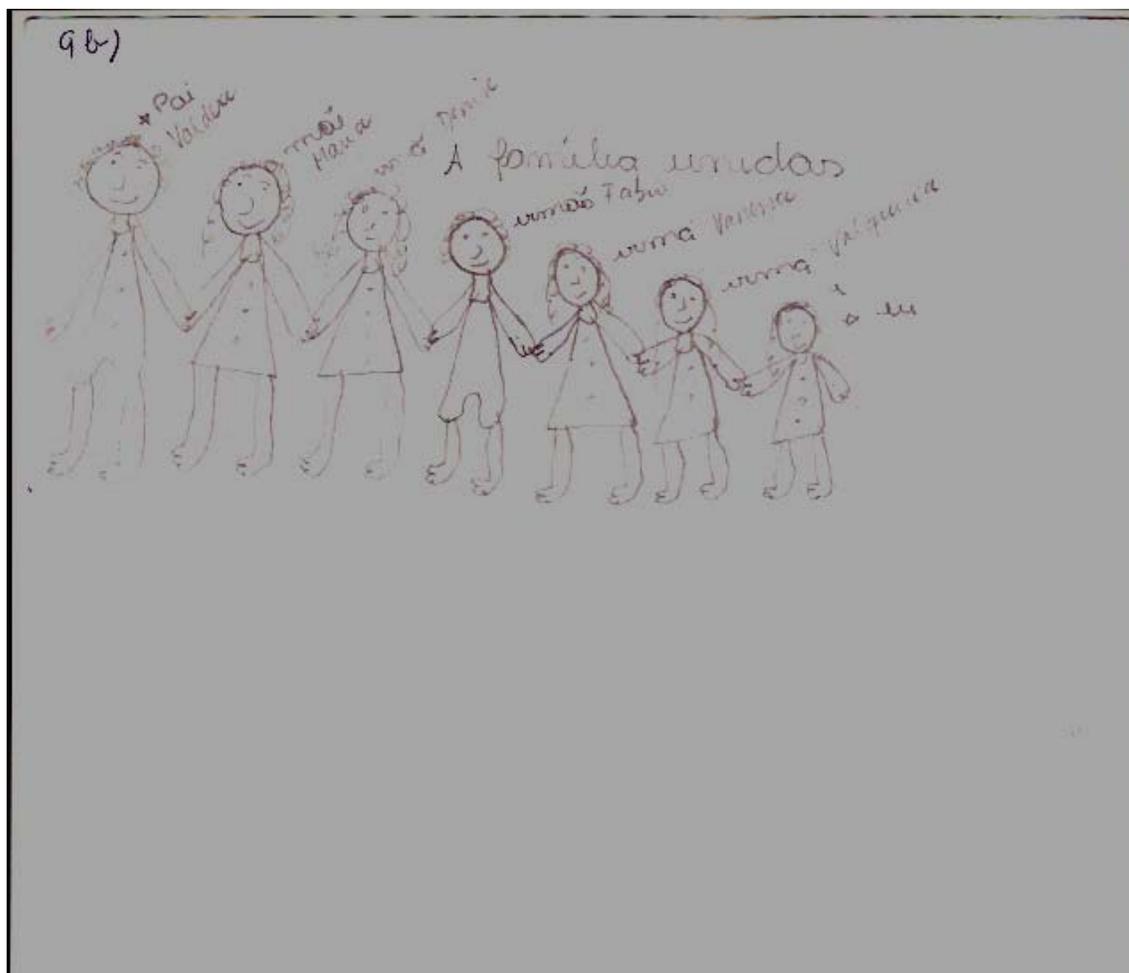
Estória: Relata que é: Minha família. Mora eu, mãe, Vanessa, e Valquíria. Binho (Fábio) vai casar amanhã. Denise é casada e tem 4 filhos”. A família aparece unida, todos de mãos dadas, menos ela que segura o filho.

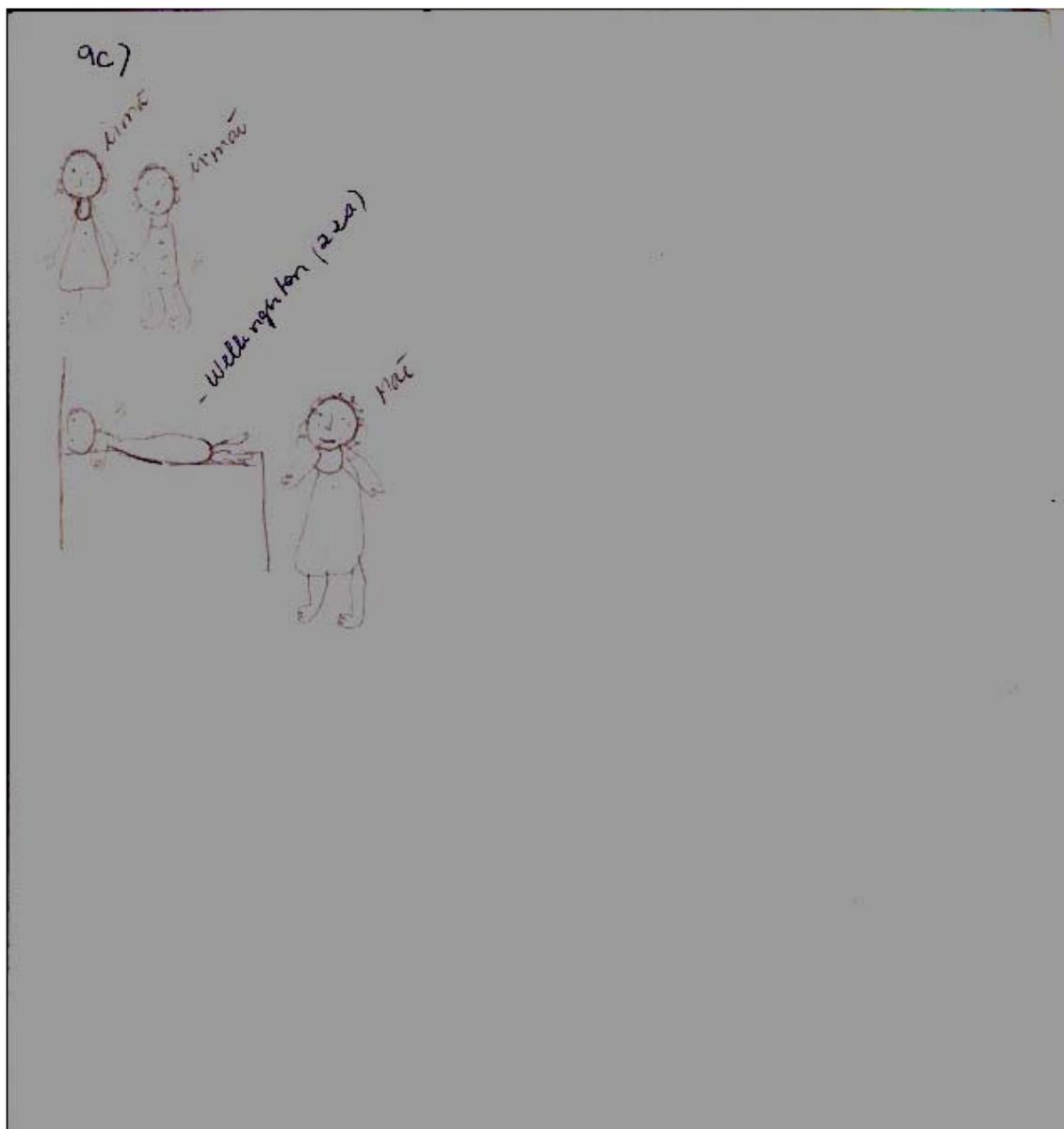
Observações:

Pais separados, mantém pouco contato com o pai apenas por telefone. Está separada do pai da criança. Diz que a família é importante. Através dos desenhos mostra a importância da união na família, principalmente no cuidar e acolher. Guarda mágoa de sua família extensa, que envolve tios e primos, que não os consideram como da família, como primos e tia (a mãe), para ela a família se restringe a seus pais e seus irmãos. Em relação ao pai, constata que era agressivo, porém é como se fosse um problema da mãe, nos desenhos dois e quatro, que é para desenhar uma família que gostaria de ter e sua família a figura do pai se encontra presente e no início da fila, como um comandante, mas diz que não sente falta dele. Expressa desapontamento e mágoa tanto com o namorado, que não disse que era casado, como com a amiga que lhe apresentou, e que também omitiu essa informação. No desenho um, sobre uma família qualquer,

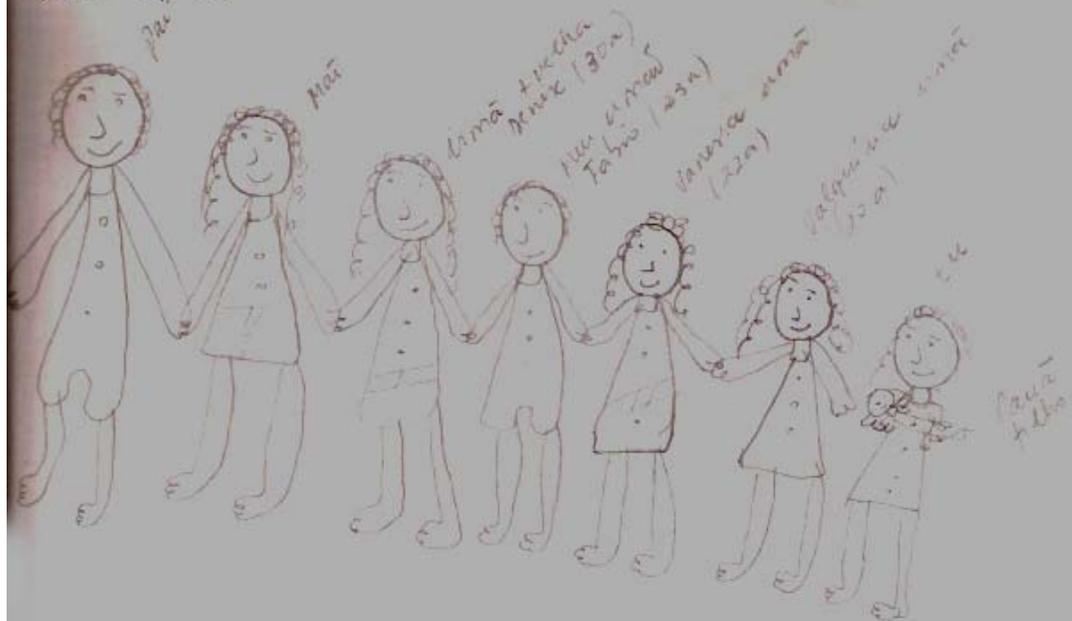
expressa um ideal de felicidade, através da família de sua amiga, harmonia e compreensão, eles estão unidos. No desenho três, que é para desenhar uma família em que alguém não está bem, relata a condição de um colega que, após um acidente de carro, fica sem andar, a figura masculina é mostrada incapacitada, e a mãe é quem cuida sob o olhar dos filhos. Nos chama a atenção, porque quem decidiu romper o relacionamento foi a mãe (cuidadora) “Aí, ela não queria mais, no começo ela queria, mas quando soube que ele era casado, não deixou mais eu namorar”. Há, por parte da participante, uma passividade em relação à definição de sua relação com o seu namorado, aceitou, de forma tranqüila, a ruptura por decisão da família e aceitou também a determinação dos familiares de que o pai não participaria da criação de seu filho. Ao ser questionada sobre se o pai da criança iria registrá-la, disse, “minha família não quer que ele participe”. E no quarto desenho, ela reaglutina toda a família, agora também com o seu filho, e o pai aparece como o cabeça do grupo familiar; reflete o incômodo de estar sozinha como mãe, por uma decisão dos familiares.







9d) minha família. Hora eu, mãe, Vanessa e Valquíria
Binho (Fabio) vai casa amantã. Denise é casada e
tem 4 filhos.



6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 A representação de família para as mães adolescentes

Cada família tem suas especificidades, seu modo de relacionar-se tanto internamente quanto com o meio social. Esse modo de ser de cada família serve como base para o desenvolvimento dos indivíduos e, ao mesmo tempo, os insere no ambiente sócio-cultural. A família é o canal catalisador entre o indivíduo e o mundo, favorece a chegada deste na cultura, viabiliza um ponto identificatório. O quem sou eu, nos remete, invariavelmente, à origem familiar, ao núcleo inicial de nossa existência.

Por tudo isso, a família é compreendida como núcleo fundamental da organização dos grupos humanos. Na atualidade, apesar das transformações que esta instituição vem sofrendo, ainda se mantém conservado em nosso imaginário, a representação de família nuclear. Ao longo da vida, cada um de nós constrói a imagem de uma família ideal, aquela que nos acolhe, que orienta, dialoga, escuta e nos fornece uma identidade. A imagem de um pai e uma mãe se encontra presente desde as nossas primeiras faltas. É a família o primeiro núcleo que nos reconhece.

Em nosso trabalho, embora não possamos dizer que a representação de família nuclear é a predominante, uma vez que nossas 12 participantes realizaram 48 desenhos da família e, desse número, 23 desenhos corresponderam ao modelo de família extensa e 15 ao de família nuclear, restando 10 desenhos distribuídos entre todos os demais modelos, é interessante notar que, na primeira

consigna, aquela que ordena que se “Desenhe uma família qualquer”, 9 das 12 participantes desenharam uma família nuclear. Se considerarmos que se trata de uma técnica projetiva e o primeiro estímulo é aquele que evoca as motivações mais inconscientes, podemos afirmar que o predomínio desse modelo ainda é o mais forte para essas adolescentes, Isso vem ao encontro de outras pesquisas realizadas tanto em escolares (crianças) quanto em professores do Ensino Fundamental na cidade do Recife (AMAZONAS, M. C. L. A.; RIBEIRO, A. M.; BARBOSA, L. L. 2003).

A família é também vista de uma maneira bastante idealizada, sempre associada a sentimentos positivos. Nesse sentido, uma de nossas participantes (P7) diz:

Família para mim tem que ser unida porque ninguém vai dizer que tem uma família e no momento que mais precisar não tá lá para proteger, parece até que não é família; e dê muito amor um ao outro.

Na mesma linha de pensamento, P8 afirma:

Não sei falar não, ai, uma família para mim é tudo.

É interessante notar que ambas vêm de famílias cujos pais são separados, porém isto não as impedem de expressar a importância do grupo familiar para a construção e reconhecimento de suas identidades de sujeito.

É a família a base necessária de inserção do sujeito no mundo. Como podemos perceber através das falas, a representação de família aparece como

um núcleo de construção do espaço sócio-cultural e afetivo em que a adolescente se insere.

Na perspectiva das adolescentes entrevistadas a família representa um espaço de relação e de acolhimento, pois é nela que esperam encontrar a proteção necessária para um desenvolvimento afetivo e social, como observamos quando expressam o que é, para elas, família:

Viver em união, respeitar uns aos outros. Ter amor, amizade, não viver discutindo, seguir os conselhos dos pais. Quando os pais dá conselho pra gente é porque é bom (P1).

Outra entrevistada diz:

Família é tudo, companheirismo, ajuda um ao outro, só. Em boa parte não tenho isso. Minha família não se une muito um com o outro. Às vezes, eles ajudam, mas não é de boa vontade. Para mim é importante em uma família a união (P4).

Uma família (silêncio), eu acho, sei lá, acho que é importante ter uma família. Assim, uma pessoa tem que ter uma família (P12).

Observamos, através das falas dessas adolescentes, que determinados sentimentos são associados à noção de família ideal com bastante frequência. A união, a felicidade, a harmonia, são valorados e desejados, enquanto que as brigas, discussões, o sofrimento e a solidão, são vistos não como situações do

cotidiano que podem ser vivenciadas por qualquer família, mas, sim, como o negativo, aquilo que não deve haver em uma família.

Viver a experiência de família para essas adolescentes passa, também por viver uma sexualidade, e quanto a isso nos interrogamos sobre o que significa, nesse momento da vida de uma menina, engravidar. De que forma, essa sexualidade é vivida.

Segundo Tavares (1996, p. 102), “se existe uma sexualização precoce induzida pelos meios de comunicação, estes mesmos meios fazem circular um amplo espectro de informações sobre sexualidade e métodos contraceptivos”. O que nos faz constatar que existem informações sobre a gravidez, porém, como colocam Baleeiro, Siqueira, Souza (1999, p. 59) (citados por BARROS, 2002, p. 50) “A sexualidade está inscrita no corpo, permeada por pensamentos, afetos, fantasias, desejos e sonhos. Ela é construída na interação com o outro, com os modelos culturais e simbólicos”. Como se refere P6 ao falar como ocorreu sua iniciação sexual:

Eu conheci ele porque ele jogava muito dominó mais o marido de minha irmã, aí eu fui conhecendo ele, ele disse que queria falar comigo, às vezes saía pra falar com eu, aí me perdi com ele, fiquei grávida.

P3 assim se coloca ao falar sobre seu início sexual:

Eu tava namorando com ele, aí me perdi, aí depois engravidei, aí a gente começou a morar junto, mas eu não queria casar não.

A maternidade é desejada por boa parte das mulheres e socialmente estimulada como função feminina. O exercício da maternidade traz para a mulher importantes reajustes em sua condição e lugar na sociedade. A adolescente vive duplamente esse momento de construção de sua identidade; o primeiro quando passa da infância para a adolescência em que ocorrem transformações significativas que trazem uma nova perspectiva de se colocar na vida, agora com seu significado próprio; e o segundo, quando acrescenta o papel de mãe na sua adolescência. É a fase em que ocorrem transformações intensas em um curto espaço de tempo e a essas mudanças se acrescenta a maternidade.

Algumas hipóteses são colocadas para explicar a condição da maternidade na adolescência, desconhecimento de métodos contraceptivos, sair do ambiente familiar abusivo, atitude de confronto com a família, solidificar a relação com o companheiro, o desejo de ser mãe, de ter companhia, adquirir um status diferenciado perante os amigos e amigas, preencher carência afetiva, emancipar-se em relação aos pais, de se diferenciar no seu grupo social, entre outros. Como expressa P10:

A relação do pai com a filha deve ser boa. Agora que eu vou ficar feliz porque ele vai trabalhar e eu não fico só.

A maioria dessas adolescentes vive em famílias, cujos pais estão separados, ainda assim persiste a representação de família nuclear.

Quando analisamos o DF-E, no que se refere à consigna, “Desenhe uma família qualquer”, como nos referimos anteriormente (pág. 174), obtivemos como resposta mais constante, contrariando a realidade vivida pela maioria dessas

adolescentes, a representação de família nuclear (nove das doze adolescentes representaram a família neste modelo e três representaram o modelo extenso de família).

Do total pesquisado (12), dez participantes vêm de famílias em que os pais se separaram; para uma delas, a família continua composta na sua forma original e uma outra, a partir do falecimento do pai, sua mãe recasou e vive, até o momento, com o atual marido. Na maioria dos casos, a separação aconteceu envolvida em um ambiente de agressividade, realidade cotidiana na vida dessas adolescentes. P8 fala de sua vida e explica de que forma ela compreendeu a separação dos pais:

Aí, eu era pequena, mas meu pai brigou com minha mãe, meu pai brigou com minha mãe, aí ele bateu nela, aí ela pegou, aí ele jogou ela por cima de um pé de côco, aí ela pegou quebrou a clavícula (referindo-se à clavícula), ela ficou bem mal. Aí foi internada um tempão lá no hospital, aí quando ela voltou, aí a vizinha da minha mãe tava dando em cima do meu pai, eles tava junto eu acho, só que minha mãe não tinha separado do meu pai ainda não, aí quando minha mãe veio do hospital, aí eles pegaram e brigaram eles três, pegaram e brigaram, pelo caso dele ter batido nela e ela ter sido internada e pelo caso de ele estar com a outra, aí eles brigaram, aí minha mãe pegou e se separou dele, até hoje.

Esse pequeno trecho mostra uma realidade permeada por violência que passa a ser rotineira na vida dessas pessoas. Tais episódios são assimilados pela

dinâmica familiar, até o momento em que a mulher toma uma atitude mais enérgica e coloca um fim em tal situação. O que constatamos com as adolescentes que também se separaram de seus companheiros é que o grau de tolerância é bem menor e elas não estavam dispostas a aceitar atitudes de desrespeito e desvalorização para com elas.

P1 fala como entendeu a separação de seus pais:

No dia que se separaram eles pegaram uma briga dentro de casa, ficaram discutindo. Aí, numa sexta-feira de madrugada, acordei com eles discutindo, ouvi quando minha mãe dizia que não agüentava mais, que queria se separar, e ele disse que se fosse embora levasse os filhos também, ela saiu com a gente, o dia estava clareando e fomos para a casa de minha avó (materna), que não aceitou a gente lá, a casa era pequena e não dava pra ficar lá.

Nesse caso, repete-se o cotidiano de violência permeado de agressões e desrespeito ao outro. Mas, em seus discursos, elas parecem reagir a tais situações, elegendo como ideal de família a união, a harmonia e a felicidade, valores que são sempre associados à família.

Na contemporaneidade a família vive novas configurações, porém as pesquisas apontam que a representação de família que predomina ainda é aquela formada pelo tripé pai, mãe e filhos, isto é, a família nuclear, que traduz um ideal de apoio, acolhimento, proteção (LIMA; PORFÍRIO, 2006). Esse modelo está presente em diversos contextos, tais como, nos livros didáticos utilizados pelas

crianças nas escolas e na mídia, e termina por impor-se (AMAZONAS; LIMA; SIQUEIRA et al., 2006)

Doel (2001, p. 83) coloca que o “o sujeito é o contexto no qual ele é produzido: uma-obra-em-processo; uma-obra-como-processo”. Isso significa que mesmo que essas adolescentes vivam em famílias das mais diversas configurações, tendem a privilegiar, enquanto um modelo ideal, aquilo que a cultura valoriza e transmite como sendo a norma.

Na segunda consigna, “Desenhe uma família que você gostaria de ter”, vemos predominantemente, oito participantes que expressam a família extensa três, a família nuclear e uma, a família monoparental.

Observamos que essa interpretação está mais próxima da realidade das participantes, já que, como assinalamos, dez das participantes vivem em famílias, cujos pais estão separados, retratando uma realidade próxima a elas. As relações já não são para sempre, o casamento perde sua representação de definitivo, e passa a ser um contrato social enquanto dure a afetividade do casal. Os filhos não têm mais o peso argumentativo para a manutenção ou indissolubilidade da relação. Como diz Roudinesco (2003), o casamento passa a ser um rito que marca o contrato social mais ou menos duradouro entre duas pessoas. A marca indissolúvel do casamento perde sua força e a família pode ser novamente reconfigurada, a partir dos novos elementos que se colocam no social e na cultura.

Das participantes desse trabalho, oito se separaram dos pais da criança nos primeiros seis meses da gravidez, o que vem ratificar que as uniões entre duas pessoas não mais se assegura sobre filhos, mais outros valores passam a ser desejados para a permanência na relação, como mostram as respostas sobre a

representação de família. Em suas respostas apareceram tanto respostas idealizadas, que traduzem afetividade, quanto respostas que constatavam a realidade de faltas e violências no seu cotidiano.

As adolescentes mudaram de atitude, não se submetem aos desejos do outro de forma submissa, mas impõem uma relação marcada por igualdades. Não se confinam ao lar, dividem o espaço da rua com o adolescente, principalmente, tratando-se dessa classe social, elas se mostram e querem ver, se colocam no mesmo grau de igualdade, não se nota uma divisão clara entre a casa e a rua, os adolescentes estão no mesmo território, o espaço público funciona como espaço de produção de significados. Steinberg (1997) (citado por SILVA e SOARES, 2005) assinala que os espaços públicos são locais em que o poder se organiza e se exercita. E os mesmo autores continuam (2003, p. 91):

São espaços que produzem significados a respeito de família, de sexualidade, de gênero, de raça, de justiça, de consumo, entre outros tantos, que interagem com os indivíduos. Esses significados normatizam e fixam as diversas instâncias da vida social produzindo sujeitos e suas identidades. (...) vê-los como locais que operam com representações engendradas em relações de poder, que incitam sujeitos a ser de determinada maneira, a pensar de um determinado jeito, a consumir determinados produtos.

A partir de uma igualdade nas relações entre os jovens, o grau de tolerabilidade nas relações já não aparecem tão extenso, a exigência por respeito a elas é o que marca essas relações, afinal começam a dividir o mesmo espaço. Ao se verem desrespeitadas em valores que lhes são caros ou submetidas a exigências que acham absurdas (o que elas colocam como ciúmes e agressões) elas terminam a relação, como constatamos nas falas de P1 e P11, acima citadas. Com essas posições mais determinadas, elas evitam os desgastes e a agressividade nas relações, não repetindo, em alguns casos, o que foi vivido e observado no clima que antecedeu a separação dos pais.

Na quarta consigna, em que se pede: “Desenhe sua família”, observamos que dez delas configuraram a família extensa, uma a família nuclear e outra a família monoparental.

Como observamos anteriormente, neste desenho chama a atenção para o resgate do companheiro em alguns dos desenhos. Mesmo vivendo separadas do pai da criança, elas resgatam o lugar desse pai na configuração da nova família. O que podemos perceber é que, embora não desejem o retorno da relação com o ex-companheiro, elas projetam uma vida com alguém junto a elas. O ideal de uma família nuclear continua presente no universo psíquico dessas adolescentes, mesmo vivendo realidades diferentes e, na maior parte das vezes, para não se submeterem a condições indignas, preferem a ruptura da relação, mas conservam o desejo de construção de uma família.

Através do desejo da constituição familiar, esse dado nos mostra que as adolescentes se mostram capazes de lidar com a maternidade de forma adequada para suas idades. Sem apresentar ansiedades e desenvolvendo com um bom manejo os cuidados necessários com a criança. Observamos que, em diversos desenhos, elas se mostravam com o filho nos braços, o que nos levou a ter essa percepção.

Um dado observado, nessa questão, é que nove delas retratam sua família com a ausência do companheiro, temos duas situações que se colocam: na primeira, era esperado que elas expressassem a realidade vivida da separação do companheiro, ele não aparece no desenho; na segunda situação encontrada, é que mesmo vivendo com o companheiro, elas não o incluem como elemento na nova família, e permanecem com o grupo familiar original. Isso nos indica que a maternidade não está imediatamente ligada a uma concepção de construção de

um grupo familiar: a transição do grupo original para o novo grupo não foi estabelecido. A adolescente, mesmo já estando com uma vida comum com o companheiro, é como se ela ainda não tivesse saído da condição de filha, esse processo pode estar em construção a partir de outros elementos que se encontram presentes, como o bebê desenhado nos braços das mães. As que estão com o companheiro expressaram a vontade de ter sua própria casa e residir com o pai da criança. Elas dividem o espaço com o marido na casa dos pais, com projeto de irem para suas casas. Como podemos observar, através das palavras de P3:

Eu moro com meus pais por enquanto. Quem tá fazendo a casa da gente é meu marido.

Isso reflete a dificuldade sócio-profissional que esses jovens enfrentam no início de uma vida familiar. O apoio vem, na maioria das vezes, da própria família, ao viabilizar um espaço na casa e também na mesa. Poucos casais iniciam uma vida familiar planejada com um mínimo de condições.

Outro aspecto visto é em relação à figura do pai: como a maioria vive desde muito nova separada do genitor, era esperado que a figura paterna também estivesse ausente dessa representação. Na maioria dos desenhos foi constatada essa realidade, mas nos chamou a atenção três adolescentes que, mesmo vivendo separadas do pai, incluíram a figura desse pai em sua família. A figura paterna continua preservada, embora no espaço social essas filhas manifestem um alívio pela separação dos pais, como relata P9 ao dizer:

Ele era muito chato, batia na gente, foi bom separar mesmo.[E continua] ninguém procura ele não, assim vive tudo bem.

A participante acima, mesmo não mantendo nenhum vínculo com a figura paterna, expressa com determinação sua vontade de não estabelecer contatos. Em seu desenho resgata o lugar desse pai em sua família. A construção discursiva está inserida no social, nas representações que a cultura nos traz, nos lugares estabelecidos, a partir da influência sócio-cultural, como dizem Domènech, Tirado e Gómez (2001, p. 118), “os construcionismos sociais enfatizam o papel determinante do lingüístico, do discursivo e do significado na constituição de nossos mundos mentais”.

A construção subjetiva do lugar paterno está inserida em seu universo psíquico, aqui não fazemos referência à pessoa do pai cuja relação foi construída e desconstruída, a partir de afetos. Por isso, observamos que, mesmo desenvolvendo um antagonismo pela pessoa do pai, elas mantêm subjetivamente inserida em seu discurso a representação do lugar paterno.

No Anexo 1 encontram-se tabelas com as representações de família realizadas pelas adolescentes.

6.2 Mãe adolescente e configuração de família.

A trajetória de vida que as adolescentes seguem após tornarem-se mães vai variar segundo o grupo social em que estiver inserida. Um ponto a ser observado é o apoio da família à sua nova condição. Aquelas que podem contar com esse

apoio atuam melhor no papel de mãe, construindo uma vida familiar para seu filho, ainda que numa configuração familiar não tradicional.

Como já dissemos anteriormente, a família é um suporte importante e que dá ao indivíduo um ponto de apoio a partir do qual ele atribui significado à sua existência. Mas, qualquer que seja a família, ela está inserida em um contexto social mais amplo e é nele que vamos encontrar os sentidos que damos a essa instituição e às relações que ocorrem em seu interior. Quintas (2000, p. 33) afirma que “a família é uma construção ideológica, plena de símbolos, e jamais poderá se afastar do contorno de representações culturais e sociais”. Ela é um dos caminhos de inserção do sujeito na cultura através do suporte emocional que proporciona. A mesma autora (2000, p. 33) define a família como “um grupo de indivíduos ligados por elo de sangue – consangüinidade – e/ou aliança – afinidade-, organizados socialmente, visando à procriação/reprodução e à divisão sexual do trabalho”.

Para ilustrar a importância do apoio da família para uma adolescente que se torna mãe, apresentamos, a seguir, duas falas de nossas participantes a respeito do modo como a família recebeu a notícia de sua gravidez.

P8 diz:

Melhor ainda, porque todas as minhas irmãs têm filho, todos os meus irmãos têm filho, só faltava eu e ela sempre me dizia: “é antes de morrer”, ela dizia, diz até hoje, “antes de eu morrer vou ver minha filha casada, com filhos”. Aí ela viu eu casada com filho, mas como eu me separei agora, ela ficou um pouquinho triste, mas eu digo que é assim mesmo, digo que eu vou me casar de novo (...) e ela vendo o neto dela

vai ficar melhor ainda pra ela, vendo antes de morrer o neto dela e um filho meu.

Nessa camada da população, uma gravidez na adolescência não é um fato raro e, portanto, faz parte do curso “natural” da vida, não chegando a surpreender. Ao contrário, para muitas mulheres, a maternidade é desejada e esperada como forma de confirmação de pertencimento a esse grupo, como podemos ver na narrativa desta adolescente. Se todos em sua família já tinham filhos, por que ela não deveria tê-los? Era isso que sua mãe, a avó da criança, esperava de seus filhos e filhas e essa aprovação trouxe a tranquilidade necessária para a adolescente viver a maternidade, mesmo estando separada de seu companheiro.

A narrativa da segunda adolescente reitera a aparente “naturalidade” com que os pais recebem a notícia de uma gravidez de suas filhas, opondo-se, inclusive a uma tentativa de aborto, e a importância do apoio que eles concedem a elas durante a gestação. P3, diz:

Não, ela (a mãe) não gritou, não xingou, nada disso não. Minha mãe ficou com raiva quando soube que eu ia tirar, aí ficou com raiva, mas depois deu o maior apoio e até hoje dão o maior apoio, não foi implicante comigo não. Agora meu pai ficou com raiva de mim porque eu aprontava, só ficou com raiva, mas depois que resolveu, deram o maior apoio, até hoje dão o maior apoio.

Esse comportamento da família repercute sobre a mãe adolescente, proporcionando-lhe uma maior segurança emocional e uma vida familiar mais saudável para seu filho.

Por outro lado, quando esse apoio falta, as relações familiares se tornam conflituosas e provoca na adolescente, uma apreensão sobre como será seu futuro e de seu filho. Como podemos compreender, através da narrativa de P5. Questionada como foi recebida sua gravidez, ela diz:

Minha avó ficou feliz, mas mandou eu ir pra casa de minha mãe. Meu padrasto quis bater em mim, então fui morar com minha sogra.

Verificamos, nesse caso, uma transferência de responsabilidades na família. A avó fica “feliz”, mas não quer ficar com a “batata quente”. O padrasto não aceita e até a ameaça com violência e, por fim, ela vai cair na casa da sogra. Ainda questionada sobre como a sogra recebeu a notícia de sua gravidez, ela diz:

Ela não gostou. Passei um tempo lá, mas depois voltei pra casa de minha avó porque tinha muita briga comigo e ela. Depois arrumamos um quarto, perto da minha avó e estamos morando lá (ela e o companheiro).

Sobre sua relação com a sogra, ela afirma:

Ela não gosta de mim. Ela implica comigo e eu respondo, discutimos muito.

Diante da total falta de apoio da família, o relativo apoio recebido do companheiro foi de extrema importância. Ainda assim, ela deixa entrever, em sua narrativa,

uma apreensão pelo futuro da criança e do próprio casal. Questionada sobre como pensa sustentar o bebê, expressa:

Por enquanto vou dar o peito. (Vocês tem ajuda de alguém?) Não. (E indagada sobre o que o companheiro ganhava era suficiente para os três) Não sei, vamos ver.

Uma mãe deveria estar pronta para ser o amparo e a proteção necessária a esse novo ser, porém quando se trata de uma mãe adolescente, isso nem sempre ocorre. Na nossa sociedade, a adolescente apresenta, na maior parte dos casos, dependência econômica e psicológica de sua família. Quando engravidada, a permanência na casa dos pais se prolonga, pois aumenta essa dependência, agora não é mais apenas ela que necessita continuar seu desenvolvimento, mas há um novo ser que necessita ser cuidado, protegido e amado. A dificuldade de profissionalização, por parte da adolescente, se agrava e, por outro lado, lhe é cobrada uma maturidade psicológica e cognitiva que ela ainda não tem.

A escolha pela maternidade é um direito legítimo a qualquer mulher, porém esse direito acarreta responsabilidades, que, em alguns casos, suas protagonistas não estão adequadamente preparadas para exercê-las. Mas o desejo de engravidar não implica, necessariamente, um desejo de maternar e de constituir uma família.

Na maioria, nossas participantes não demonstram o desejo de constituir uma nova família como conseqüência de terem engravidado e nem mesmo com o nascimento do filho. Das doze adolescentes mães entrevistadas, sete já se encontravam separadas do pai da criança pelos mais diversos motivos: brigas,

ciúmes, falta de condições financeiras para morar juntos em sua própria casa, entre outros. Algumas falas expressam as condições da separação do pai da criança, P1, quando se refere à sua separação, diz:

Quando eu completei um mês de gravidez, estava completando um ano e seis meses que estávamos morando junto e aí começamos a arengar, ele começou a ir pra farra quando soube que eu estava grávida, aí voltei pra casa de minha mãe e ele voltou pra casa da mãe dele.

Questionada sobre o que o pai da criança iria representar para o filho, ela diz:

Representa um pai distante, mas não quero que ele tenha a mesma relação que eu tive com meu pai e minha mãe, deles viver brigando, não se falar.

Essa mesma adolescente, ao se referir ao que para ela é ter uma família, diz:

Ter amor, amizade, união.

Para não repetir a realidade que era comum em sua infância, a desavença dos pais, e em nome de uma idealização de família, ela prefere separar-se do companheiro.

No mesmo sentido, temos a fala de P11, ao explicar o porque de sua separação:

Depois que a minha barriga começou a crescer, ele começou a me desprezar, me traía, saía com mulher pra eu ver. (...) Ele vai lá visitar o filho, ajudar a dar as coisas, mas voltar para ele, eu não quero.

Na mesma perspectiva de P1, a adolescente (P11) não se submete a condutas desrespeitosas apenas para manter uma relação. Considera como atributo necessário para a família a “*união, amor e sinceridade*”.

Outras narrativas expressam o desejo de construção de um espaço próprio para o casal e da constituição de uma família. P7 diz:

Eu e ele pretendemos continuar nossa família. Por mim vai até eu morrer, ele morrer. Por mim a gente termina. (Ao falar se pensam ir morar em um espaço próprio, diz): Não, vou ficar na casa de minha mãe, a gente pensa depois do resguardo, alugar uma casa e morar junto, sem ninguém para empatar.

A adolescente P7 coloca a família em um lugar de grande importância, ela a representa com a afirmação de que: “*Família é tudo*”. Ao ser submetida ao DF-E, na primeira consigna: “Desenhe uma família qualquer”, ela responde desenhando uma família nuclear e feliz: “Minha irmã, meu sobrinho e meu cunhado, eles são felizes”, ainda que, nas demais consignas, desenha sempre famílias abrangentes o que condiz mais com sua situação de vida.

Outra participante, P10, reafirma o desejo de ter seu próprio lar. Diz:

Eu moro com meus pais, por enquanto. Quem tá fazendo a casa da gente é meu marido.

Criar um lugar próprio para o casal é uma forma de estabelecer os laços necessários da formação da família. A experiência de P10 é de uma família recasada, seu pai faleceu quando ela era muito nova e sua mãe recasou permanecendo até hoje nesse casamento.

Ele (o marido) ficou feliz com a gravidez, ele pensava que era um menino. Somos crentes. Quando a menina crescer vamos juntos para a igreja. Ele tá doidinho, o primeiro filho! E a menina é a cara dele, até os dedinhos do pé. Só quero mais um filho, uma menina e um menino. O pai escolheu o nome dela (...) A relação do pai com a filha deve ser boa. Agora que eu vou ficar feliz porque ele vai trabalhar e eu não fico só.

Para essa adolescente “a família é tudo”. Em sua fala observamos expectativas de uma vida familiar mais organizada. Tece planos para o futuro, junto ao companheiro e à filha. Talvez o fato de ter uma religião sirva como um norte para seguir em frente e a leve a investir em uma contínua construção do grupo familiar.

6.3 O lugar do pai na vida da adolescente

Em nossa pesquisa, as adolescentes expressam que o lugar da figura paterna ainda se encontra conservado, pelo menos no plano do ideal, mesmo que,

na prática, essa função se apresenta fragilizada pelo desemprego, alcoolismo, violência doméstica, entre outros fatores. Podemos observar o que estamos dizendo na fala de P9, a respeito de seu pai:

Ele era muito chato, batia na gente, foi bom mesmo separar. Não, ninguém procura ele não (questionada sobre se mantinha contato com o pai). Assim, vive tudo bem.

Por outro lado, temos aquelas que mesmo após a separação dos pais, mantêm a importância dada ao pai, preservada. P8, falando a esse respeito, diz:

Não vejo importância, ele é importante pra mim, mas eu acho que eu não sou importante pra ele não. Se eu fosse importante pra ele, ele não me tratava assim não. Agora, primeiramente Deus, secundamente ele e depois minha mãe, se não eu não tava aqui hoje.

O lugar do pai continua presente, porém observamos a ascensão da mulher, como figura importante nas decisões dentro de casa, assumindo o lugar de provedor da família, ratificando a igualdade entre os sexos; responsável pelos cuidados com os filhos, etc.

É neste contexto em que a família vive o ocaso de sua formação tradicional e incorpora as transformações sociais, que vai haver uma reorganização dos papéis parentais e, também, do modo como se vive a maternidade na adolescência.

6.4. O que projetam para o futuro

A gravidez, em todas as adolescentes participantes, trouxe como consequência inicial a interrupção dos estudos, uma delas relata que havia deixado a escola um pouco antes de constatar sua condição de grávida. Outro dado é que nenhuma trabalhava no momento em que se constatou a gravidez.

No que concerne ao nível de informação das adolescentes, elas demonstram o conhecimento de métodos anticoncepcionais, porém, como essa comunicação foi assimilada, é um dado a ser considerado. Em alguns relatos existe um sentimento de felicidade com a maternidade, ela é esperada, há um desejo de se encontrar no papel de mãe, em outros, a maternidade surge por acaso, por descuido, mas é bem aceita. Apenas em um dos casos, a gravidez foi inicialmente rejeitada, mas devido à posição dos pais, contrários ao aborto, a adolescente se sentiu segura para levar a termo sua condição.

Na fala das adolescentes aparece o conhecimento sobre gravidez, mas a preocupação de evitar não fica explícita, a sexualidade é vivida como se não fosse acontecer com elas. É uma posição em que existe o desejo não declarado de se tornarem mães, não existe a preocupação de evitar, como podemos ver através do relato de P9, quando diz:

A primeira vez eu estava muito doente, aí a família dele pegou me levou no médico, aí depois, ele foi lá na minha mãe e disse que estava grávida, pra poder dá uma força. Eu estava com enjoô, tava com seis meses, aí pronto.

Através do relato, a gravidez aparece como um acaso; ao não recorrer ao uso de métodos contraceptivos, podemos compreender como um desejo da adolescente de ter um filho. Ela aceita a condição da gravidez sem grandes problemas.

Podemos ter diversos motivos para o afastamento dessas adolescentes da escola: existe um aspecto a ser considerado, é que a família da adolescente se concentra sobre a gravidez, e conseqüentemente, talvez não estimule a continuação da jovem freqüentando a escola. Na classe social de baixa renda, o trabalho é mais estimulado do que a escola.

Se analisarmos em relação ao futuro, os planos que as adolescentes estabelecem é para atingir e suprir uma meta imediata. Todas elas relataram que, além de cuidar do filho, pretendiam voltar a estudar e trabalhar. Algumas ainda colocaram como objetivo para o futuro imediato irem morar em um espaço próprio. Podemos constatar através do que diz P11:

Vou voltar pra casa de minha vó. Vou ficar o tempo que for preciso com ele, pra depois voltar a estudar e trabalhar.

Os planos são estabelecidos para um futuro imediato em que a prioridade recai sobre o cuidado com a criança.

Como nos referimos acima, essas perspectivas decorrem de uma valorização maior sobre o trabalho que, concretamente, é uma forma de poder cuidar e assistir ao outro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é um sistema de organização básica da sociedade, sob ela seus membros articulam-se e em torno dela gravita a vida dos indivíduos.

Através do tempo e da história, em todas as culturas, a família sofreu diversas alterações em sua apresentação, adaptando-se e acompanhando as mudanças no contexto sócio-cultural e histórico. Novos delineamentos surgem, a partir das modificações dos costumes, de reorganizações sócio-econômicas e de novas demandas do sujeito. A predominância de determinados modelos ratifica a importância dos aspectos culturais e de cada momento histórico.

A contemporaneidade aponta para modificações no mundo do trabalho; a crescente e ativa participação da mulher em postos de comando e no mercado de trabalho, avanços bio-tecnológicos, contribuem para novos estilos de vida favorecendo novas configurações familiares. Mesmo sofrendo diversas mudanças em sua forma, a família continua visualizada como um espaço de acolhimento e segurança.

Em nossa pesquisa, a família é percebida pelas adolescentes participantes como grupo que desenvolve em seus laços proteção, respeito, união e felicidade, entre outros atributos. Mas elas reconhecem que, na família, também se desenvolvem brigas, discussões, desunião e ausência de diálogos. Isto é, há uma idealização da família mesmo quando contrastada com uma realidade cheia de dificuldades.

A família como unidade social intermedia as demandas individuais e as normas sociais, ela é uma fonte significativa de aprendizado.

Mesmo pertencendo, em sua maioria, a famílias cujos pais estão separados, essas adolescentes mantêm em seu imaginário a perspectiva da família nuclear, formada pelo pai, mãe e filhos. Como já referimos anteriormente, essa representação é reforçada por todas as instituições sociais, principalmente, pela escola através dos professores e materiais didáticos (AMAZONAS; LIMA; SIQUEIRA et al, 2006.; LIMA; PORFÍRIO, 2006).

Elas não deixam de perceber que, em sua realidade vivem situações diferenciadas daquelas desejadas, situações de separações de seus pais são corriqueiras e elas aceitam o novo(a) companheiro(a) do(a) pai(mãe), sendo poucas as que manifestaram hostilidade com eles.

No que se refere ao exercício da maternidade, não apresentaram nenhuma dificuldade em se colocar nesse papel, desenvolvendo cuidados com a criança e preocupação em melhorar sua condição sócio-econômica de modo a propiciar ao bebê amparo e afeto, sempre pensando no melhor para o filho. As adolescentes participantes desenvolveram um papel de proteção, carinho e cuidados em relação aos filhos, o que, de alguma forma, é um papel esperado das mães nesse momento. Em nenhuma delas observamos a menção de entregá-los para adoção, ao contrário, havia um sentimento de felicidade em sua condição de mães primíparas.

Outro dado a ser considerado é que à exceção de uma participante que, inicialmente, se mostrou favorável ao aborto, todas as demais recusaram essa possibilidade, ainda que o relacionamento com os companheiros, pais de seus filhos, já estivessem terminados. Observamos que, em quase todos os casos, a família de cada adolescente se mostrou solidária com a situação e as apoiou.

Apenas em um caso a família se mostrou indiferente, mas a adolescente recebeu apoio do companheiro.

O discurso das adolescentes sobre os companheiros, deixa entrever uma certa fragilização da figura masculina. Além disso, no DF-E, os pais são representados como uma figura de menor tamanho, em alguns desenhos, são omitidos ou aparecem em último lugar. Isso pode ser decorrente do alto número de separações nessas famílias, fazendo com que o homem se torne uma presença provisória e a mulher passe a ocupar um lugar central nessas famílias, se responsabilizando, inclusive pela manutenção do lar. As adolescentes-mães tendem a repetir a história de seus pais separando-se dos companheiros, muitas vezes, antes mesmo do nascimento do filho. Das doze participantes, oito já se encontravam separadas do pai da criança, separações ocorridas no início da gravidez. Observamos que em todas as separações a iniciativa partiu da adolescente.

Uma vez que sabemos que a mãe é importante na mediação entre o pai e o filho, essa relação sofre prejuízos não porque o casal se separa, mas porque, em geral, a separação resulta em um total distanciamento do casal e abandono do rapaz de toda e qualquer obrigação em relação ao filho que ainda vai nascer. Em apenas alguns casos, o pai é visto como um suporte econômico e é cobrada uma responsabilidade financeira em relação a esse novo núcleo familiar.

Quatro participantes ainda mantinham algum tipo de relacionamento com o companheiro. Nesses casos, as adolescentes idealizavam assumir os papéis tradicionais, ou seja, como mulheres sonham em cuidar do lar e dos filhos, e esperam que seus companheiros trabalhem e mantenham a família.

O discurso das adolescentes sobre a relação que mantêm com seus próprios pais, separados ou não, confirmam que esta relação sempre foi positiva. Apenas duas delas colocaram a relação com não satisfatória. Em suas falas havia um misto de carinho, cumplicidade e respeito pela figura desses pais.

Em relação ao papel da família na criação de seus filhos, à exceção de uma, todas tiveram apoio da família, o que se refletiu em tranqüilidade para essas adolescentes levarem a termo sua gestação. Nenhuma delas expressou que a gravidez tenha sido acidental, embora algumas só tenham tomado conhecimento de que estavam grávidas com alguns meses de gestação. Isso demonstra uma despreocupação com os métodos contraceptivos. Porém, o suporte familiar trouxe para as adolescentes a confiança necessária para exercer o papel de mãe de forma tranqüila. Esse apoio familiar se deu tanto nas questões afetivas quanto nas econômicas. O papel dos avós se mostrou importante por trazer a orientação, o respaldo econômico e afetivo para essas mães.

A partir dos resultados obtidos, compreendemos a necessidade de se implantar em escolas, postos de saúde e em instituições que desenvolvam trabalhos com adolescentes, uma rede de apoio que possa lhes dar suporte e esclarecimentos sobre sexualidade, contracepção, mas também sobre o que é ser mãe e a importância de uma família para o desenvolvimento saudável da criança. Além disso, é importante também um trabalho com os familiares, principalmente, com os avós para que os conscientizem sobre esses mesmos aspectos, uma vez que eles é que, de fato, acabam por se responsabilizarem pelo sustento econômico e apoio afetivo dessas crianças.

8. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AMAZONAS, M. C. L. A. **O proceso de subjetivación de la adolescente actual: lugar que ocupa el embarazo**. Tese Doutoral defendida na Universidade de Deusto, Bilbao, 1999.

AMAZONAS, M. C. L. A.; LIMA, A. O.; SIQUEIRA, D. F. C. C.; ARRUDA, G. F. **Representação de família e material didático**. Artigo submetido à publicação, 2006.

AMAZONAS, M. C. L. A.; RIBEIRO, A. M.; BARBOSA, L. L. Representações e configurações de família: um estudo com crianças de uma escola pública da cidade do Recife. **Interlocuções**. Revista de psicologia da UNICAP. Recife: v. Ano 3, n.n 1/2, p. 27 - 43, 2003.

ANDRADE, S. S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 108-123.

ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Feminista**, Florianópolis, v.11, n. 2, p. 399-422, jul./dez. 2003.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARQUEOLOGIA. In: CEIA, C. E-dicionário de termos literários. 2005. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pe/edtl/verbetes/A/arqueologia.htm>. Acesso em: 05 março 2007.

BARROS, M. N. S. Saúde sexual e reprodutiva. In: CONTINI, M. L. J. (Coord.) e KOLLER, S. H. (Org.) **Adolescência & Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002, p. 46-54.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CULLER, J. D. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESSER, N. A. **Adolescência: sexualidade e culpa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

DOEL, M. Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: SILVA, T. T. (Org.) **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 77-110.

DOMÈNECH, M.; TIRADO, F.; GÓMEZ, L. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, T. T. (Org.) **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 111-136.

ELLSWOTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.) **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 9-76.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo da educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 66-81.

KAHHALE, E. M. S. P. Gravidez na adolescência: orientação materna pré-natal. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 91-101.

KHEL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: Comparato, M. C. M.; Monteiro, D. S. F. (Orgs.) **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 29-46.

LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LIMA, A.O. ; PORFÍRIO, A. Professores e representação de família: um estudo em escolas públicas da zona centro da cidade do Recife. **Pesquisa e Práticas Psicossociais**, 2006, V. 1, p. 01-07.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6ª ed. São Paulo: Abrasco, 1999.

NUNES, M. A. A.; AMAZONAS, M. C. L. A. Deus pai ou aDeus pai: uma (re)volta do princípio. **Travessia: Revista da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda**, ano 7, n. 1, p. 235-245, 2005.

OSORIO, L., C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PARPINELLI, R. S.; SOUZA, E. W. F. Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. **Psicologia em estudo**, v. 10, n. 3, Maringá, sep/dez, 2005.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIRES, M. G. V. B. **Gravidez na adolescência e o mito de Cinderela**. Recife: Bagaço, 2002.

QUINTAS, F. **A mulher e a família no final do século XX**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2000.

ROCHA-COUTINHO, M. L. R. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

_____. Variações sobre um antigo tema. In: FERES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e casal**: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005, p. 122-137.

ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. T. (Org.) **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 139-204.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SILVA, R. A.; SOARES, R. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo da educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 82-94.

SILVA, T., T. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TAVARES, E. Mãe menininha. In: CORRÊA, A. I. (Org) **Mais tarde... é agora!** Ensaio sobre a adolescência. Salvador: Ágalma, 1996, p. 101-115.

TRINCA, W. (Org) **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

ANEXOS

ANEXO I

TABELA 1. REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NOS DF-E

Participantes	1ª consigna	2ª consigna	3ª consigna	4ª consigna
P1	Nuclear	Nuclear	nuclear	extensa
P2	Extensa	Extensa	extensa	extensa
P3	Extensa	Extensa	monoparental	extensa
P4	Nuclear	Extensa	casal s/filhos	extensa
P5	Nuclear	Extensa	extensa	monoparental
P6	Nuclear	Extensa	abrangente	monoparental
P7	Nuclear	Extensa	extensa	extensa
P8	abrangente	Nuclear	fraterna	extensa
P9	Nuclear	monoparental	nuclear	extensa
P10	Nuclear	Extensa	extensa	nuclear
P11	Nuclear	Extensa	abrangente	extensa
P12	Nuclear	Nuclear	monoparental	extensa

TABELA 2. REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA

Modelos de família	1ª consigna	2ª consigna	3ª consigna	4ª consigna	TOTAL
Extensa	2	8	4	9	23
Nuclear	9	3	2	1	15
Abrangente	1	0	2	0	3
Monoparental	0	1	2	2	5
Casal sem filhos	0	0	1	0	1
Fraterna	0	0	1	0	1
TOTAL	12	12	12	12	48

ANEXO II

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título da Pesquisa: A Adolescente de Baixa Renda em Situação de Mãe Recente:
uma Representação de Família.**

Eu,..... abaixo assinada, dou meu consentimento livre e esclarecido para a minha participação como voluntária do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do pesquisador Marcos Antonio de Andrade Nunes, psicólogo, mestrando da Universidade Católica de Pernambuco, e orientação da Prof^a. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas .

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1) O objetivo da pesquisa é avaliar como as adolescentes de baixa renda na condição de mãe recente representam a família.
- 2) Durante os estudos participarei do Teste do Desenho da Família com Estórias (DF-E) de Walter Trinca, realizados de forma individual e de uma Entrevista semi-estruturada, com a utilização de gravador de voz.
- 3) Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação na referida pesquisa.
- 4) Estou livre para interromper a qualquer momento a participação na pesquisa, a não ser que esta interrupção seja contra-indicada por motivo médico.
- 5) Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
- 6) Poderei contactar o Comitê de Ética da UNICAP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, o qual encaminhará o procedimento necessário.

Recife, de de 2005

.....

Marcos Antonio de Andrade Nunes

Dr^a. Maria Cristina Lopes de A. Amazonas

Pesquisador

Orientadora

ANEXOS III

CARTA DE INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Prezada Sra.:

Eu, Marcos Antonio de Andrade Nunes, mestrando da Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação da Professora Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, solicitamos sua colaboração no sentido de responder a uma entrevista da pesquisa intitulada: “A Adolescente de Baixa Renda em Situação de Mãe recente: uma Representação de Família”.

Com esta pesquisa objetivamos identificar o significado e a representação de família para as adolescentes em situação de mãe recente da camada de baixa renda da população atendida no hospital Tricentenário de Olinda.

Esclarecemos que será mantido total sigilo a respeito das informações que forem prestadas por Vossa Senhoria, em nenhuma hipótese haverá identificação dos participantes fora do âmbito da pesquisa.

Sua participação se limitará a responder a uma entrevista. A técnica utilizada não implicará em nenhum tipo de prejuízo físico nem psicológico para vossa senhoria e, a este respeito, assumimos total responsabilidade.

Orientadora: Dr^a. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

Mestrando: Marcos Antonio de Andrade Nunes